

Teixeira Demello

J. Barboza Rodrigues

ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

ATTERROS SEPULCHRAES



III

Atterros sepulchraes

Como mais uma prova, de que a civilisação do Valle do Amazonas e quiçá do Brazil, parece ter vindo da America septentrional, se apresentam os atterros que denominamos *sepulchraes*, porque n'elles como em sarcophagos eram depositados os mortos.

Os atterros, *mounds* dos Norte Americanos, serviam de tumulos, pelo que elles dão-lhes o nome de *burial places*.

Antes de tratar dos atterros que se encontram no Valle do Amazonas, cumpre rapidamente historiar a sua existencia nos Estados-Unidos, para se poder estabelecer um paralelo.

Subindo, em 1819, as aguas do rio Missouri, com destino ás montanhas Rochosas, uma commissão de engenheiros cujo chefe era o coronel, então major, S. H. Long e demorando-se em S. Luiz para reparar o vapor em que iam, os Srs. Thomaz Say e T. R. Peale, ambos membros da commissão, aproveitaram-se d'essa

circumstancia para estudarem os atterros das visinhanças da cidade, que lhes chamavam a attenção. (*)

O primeiro volume do Relatorio da expedição Long, publicado em 1823, em uma nota da pagina 59, trata dos estudos que fizeram. Mais tarde, o Sr. R. C. Taylor, d'elles tambem se occupou (**) assim como o Sr. S. Taylor. Aproveitando-se do material dos estudos destes distinctos archeologos, os Srs. Squier e Davis, escreveram um importante trabalho, com o titulo de *Ancient monuments of the Mississippi Valley*, que veio esclarecer este ponto da historia da gentildade. Em 1853 o engenheiro civil I. A. Lapham, publicou o resultado dos estudos que fez sobre o assumpto, descrevendo e representando todos os atterros que encontrou no estado de Wisconsin, que explorou como membro da *Sociedade dos Antiquarios Americanos*. Este estado comprehende o terreno limitado pelos parallelos 32° 30' e 47" de Lat. N. e meridianos 87° e 93° de Long. de O. de Greenwich.

O que são estes atterros ?

Para se poder fazer um estudo comparativo entre os que têm sido tratados, por sabios investigadores e os de que vae tratar o humilde autor, darei uma noticia em primeiro lugar d'aquelles.

Encontrá o viajante ou o explorador geralmente á pouca distancia das aguas de um rio ou de um lago, pequenos outeiros cobertos de vegetação, que observados, pela vista perspicaz do observador interessado no progresso da sciencia, não deixa de apresentar fórmás

(*) Annual report of the Smithsonian institution. *Ancient mounds at St. Louis*: Washington 1861. Pag. 386.

(**) *Silliman's journal*.—Vol. XXXIV. 1838.

extravagantes, não feitas pelo acaso que logo lhe prendem a attenção. São geralmente formados de areia e cascalho, sobre um leito de argilla como os que se encontram nas visinhanças do lago Michigan (*), tendo de 5 a 400 pés de extensão as vezes com 50 de altura. Suas fôrmas são conicas ou quadrilongas e o mais das vezes affectam a de alguns animaes como lagartos, tartarugas, passaros, etc. O mais notavel é que alguns apresentam a fôrma de uma cruz, (**) como as que se encontram na margem sul do Rio Milwaukee. Esta fôrma como que parece attestar que os indigenas de então, estiveram em contacto com os normandos, ou com seus descendentes. Um signal christão, n'elles se vê representado; será elle obra filha do acaso ou do capricho dos executores? Cremos que não, porque este costume de enterrar-se os mortos em monticulos era tambem usado pelos scandinavicos, que na época da sua chegada á America, já começavam a deixar o paganismo.

D'esta era ainda se encontram vestigios na Suecia, representados por monticulos de pedras e monolithos que representam, não só altares, como recintos de assembléas, muralhas e sepulchros.

« A ces quatre classes de monuments, escreve Paulo Victor (***), on en ajoute une cinquième: celle des *monceaux de terre*, très nombreux dans le Nord, qui, selon leur disposition et leur forme, presentent des tombeaux, des lieux d'assises, des remparts, etc., les collines artificielles lorsqu'elles sont élevées à la memoire des rois et des héros, sont quelquefois entourées de plusieurs rangs de pierres concentriques, etc. »

(*) *The antiquities of Wisconsin*, by I. A. Lapham. 1853. Pag. 5.

(**) Obra citada Pagg. 18 e 20 Tab. VIII e X.

(***) *Coup d'œil sur les antiquités scandinaves*. Paris 1841. Pag. 18.

A Cruz
é comum
este simbolo
na ceramica
de Paqueta

Os atterros sepulchraes da America do Norte são d'esta ultima classe, provada pelas mumias e ossadas, que n'elles se tem encontrado.

Aquellas que se tem desenterrado foram encontradas n'uma posição encolhida como de quem está sentado.

No Brasil, comtudo, refere-nos Barlaeus, (*) foi encontrado no interior de Pernambuco, por Elias Herkman, enviado pelo Conde de Nassau, um monumento de pedra, que vem confirmar o juizo que faço sobre este assumpto.

Diz elle:

« Itaque devitatis montium acclivibus, incessere per planiora, ubi duo lapides molares exactæ rotunditatis et stupendæ magnitudinis visi; quorum diameter sedecim erat pedum, crassities vero tanta, ut terræ superficie vix media lapidis pars attingi extremis digitis ab erecto posset. Alter alteri superincumbebat, major minori.

« E centro, miro spettacolo, frutex se attollebat Karawata. Quo fini hos congesserint Barbari, in tantâ harum rerum ignorantia, non facile dixerim.

« Visi iteriem magnæ molis lapides humano labore congesti, quales etiam in Belgio Dreutia regio habet, quos nulla vectatione, nulla hominum vi illuc deportari potuisse ob magnitudinem credas: ea forma, ut aras referre videantur. »

A natureza do paiz em que viviam os indigenas, modificou o plano e o desenho, que para seus sepulchros tinham recebido dos sectarios de Thorr. Os animaes que os rodeavam, foram os modellos de que se serviram para pôr em execução a idéa recebida.

(*) *Barlaeus resgestæ in Brazilia*. Pag. 217 et 218. Amstelodami. 1647.

Uma causa qualquer, fez com que o povo ou parte d'elle que ahí existio por largos annos abandonasse o terreno e emigrasse para o sul. Por terra ou pelo oceano chegou á região Amazonica, onde ainda hoje se nota a identidade destes costumes.

Os *mounds* e *burial places* da America do Norte existem no Valle do Amazonas; com as modificações que soffrem os costumes, como as linguas, com a dispersão dos povos. Que na horda que se estabeleceu na America haviam christãos, que não eram todos pagãos, o prova as differentes cruces de metal achadas nas excavações Americanas. Espalhando-se o uso das sepulturas Odinas, abraçado pelo paganismo da gentilidade, derramou-se tambem o signal da redempção do genero humano. Este signal que se vê representado em muitos objectos indigenas, para alguns parece filho do acaso, como o desenho mais facil e natural de fazer-se, mas para mim parece querer indicar antes o vislumbre de uma época da christandade, que se perdeu na noite dos tempos da terra da liberdade.

A natureza do sólo e a differença do clima, o afastamento do povo que introduzio a civilisação, o correr dos tempos tudo isto fez com que o povo emigrado perdesse a crença no martyr do Golgotha e alterasse os costumes. Os atterros sepulchraes Amazonicos apresentam algumas differenças dos *burial places* do Norte, na maneira de enterrar-se os mortos.

Descrevendo aquelles, mostrarei os pontos de contacto que existem entre elles e a differença que apresentam. A unidade de costumes que resulta da comparação entre os atterros brasileiros e americanos, comparada com os costumes da velha scandinavia, nos dá uma prova da influencia que a patria dos skaldas teve sobre os incolas do novo mundo.

Provado está hoje que os atrevidos navegantes scandinavos, chegaram a America e n'ella se demoraram tanto que deixaram seus costumes perpetuados pelos tumulos, pelas fortificações, pelos templos, etc.

Restava saber se chegariam estes costumes á America do Sul, nisso se empenham os *Antiquarios do Norte*, mas nada conheço que trate d'este assumpto em relação ao Brasil, pelo que apresso-me em expôr o resultado dos estudos que tenho procurado fazer a este respeito, sempre que meus trabalhos botanicos o permittem.

Poucos são os lugares em que encontrei estes atterros no Valle do Amazonas; apenas posso mencionar os da ilha de Marajós antiga Joannes (*) o da costa do Obydos e o de uma ilha que existe no lago Parú, entre os rios Yamundá e Trombetas. Os mais notaveis são os da ilha de Marajós, estando os outros quasi destruidos pela cultura.

Os da ilha de Marajós, em numero de quatro, estão situados na ilha de *Comuty* no rio Anajás, perto da fazenda de S. Luiz; nos campos da fazenda da Fortaleza; no campo perto do lago Guajará e na ilha das Pacovas, no lago Arary, ao Sul da foz do igarapé das Almas.

Comquanto não seja novo o achado destes atterros, pois não só dahi tem se extrahido muitos fragmentos

(*) Este nome deriva-se do da tribu *Juiona*, posteriormente chamada dos *sacácas*. A origem do nome sacáca nasceu da palavra *sacacón*, que repetiam commumente quando trabalhavam no forte da Barra, querendo dizer que *apressassem o trabalho*. Os indios d'outras nações ouvindo sempre esta palavra, começaram a appellidá-os de *sacácas*, que depois estendeu-se, á toda nação *Juiona*.

Joannes

de urnas e mesmo algumas inteiras das quaes o professor C. F. Hart já deu uma noticia (*) como mesmo fossem incidentemente mencionadas pelo Sr. Dr. Couto de Magalhães, (**) comtudo ninguem ainda ligou importancia á sua fórma, nem pensou nas relações que existem entre elles e os da America do Norte.

O illustrado Sr. Dr. Couto de Magalhães, attribue estes atterros á necessidade que tiveram os indios, de então, para evitar as inundações produzidas pelas cheias, de atterrarem a localidade, para sobre ella habitarem, não podendo se estenderem muito por causa das guerras. Mas o erudito escriptor ha de permittir que discorde de sua opinião.

Outro, julgou ou era o motivo que tinham para assim proceder. Se compararmos os atterros de Marajós, com os dos Estados-Unidos, veremos que geralmente em terrenos alagadiços eram elles levantados e alguns são tão pequenos, que, quando muito darão lugar á construcção de uma tyupar sobre elles. Não é crível, que se destacasse da tribu uma familia para viver separada da della muitas leguas distante. Além disso, aquelles que têm viajado o sertão do Amazonas, que estudaram os diversos usos das tribus selvagens, sabe que nunca os gentios moraram sobre a sepultura dos seus.

Aquelles como os Mauhes e os antigos Omaguas que enterram seus mortos nas casas que habitam, sob a rêde em que o morto viveu, abandonam a casa que serve de tumulo ao finado e constroem outra ás vezes

(*) *The American naturalist*.—V.1871. Pags. 259. *The ancient indian pottery of Marajós Brasil*.

(**) *Região e raças selvagens do Brasil*. Rio de Janeiro 1874. Pags. 54—55.

bem longe da primeira. Geralmente a gentildade tem um cemiterio separado da maloca (*)

A superstição, creio, era o motivo que levava o homem de então, a fazer em toda a America cemiterios na proximidade d'agua ou em lugares alagadiços.

Como os Athenienses que levavam o obulo para pagar a barca de Caronte assim acredita o indio na vida de além tumulo, com as mesmas necessidades da deste, pelo que é costume quando se enterra um morto vertir-lhe os trajes guerreiros, com todas as suas armas e deitar-se provisões de bocca a seu lado. Precizando bater-se, tem de alimentar-se; não terá então de beber?

Se as suas malocas, são sempre nas proximidades d'agua, pela necessidade que della têm, tambem fazem seus tybyretás (**) proximos d'agua para que esta não falte aos mortos.

As muralhas, pallissadas ou baluartes que protegiam as aldeias, que se encontram nos Estados-Unidos na mesma região dos *mounds* e *burial places*, nos provam, que a vivenda era separada do cemiterio. Este costume chegou, até hoje entre os nossos gentios.

Os Uasahys do Rio Jatapú, os macus, etc., ainda hoje circulam as aldeias com uma dupla ou tripla pallissada de madeira que as protegem.

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, isto mesmo confirma dando noticia de um monumento muito separado dos atterros.

Seu *Ensaio Anthropologico* á pag. 60 diz:

(*) Aldeia.

(**) Cemiterio.

Espero veremto,
 Hebreu e
 que o cemite-
 rio este em
 alagadiço!

« E' uma especie de forte circular de terra, que existe na ilha de Marajó, na citada fazenda dos Cajueiros, propriedade do Dr. Joaquim José de Assis. Este monumento é evidentemente *contemporaneo*, ou posterior aos atterros da mesma ilha. »

Não tivemos infelizmente occasião de vêr este monumento, pelo que não podemos entrar em considerações.

Começaremos, pois, a tratar dos atterros sepulchraes que se encontram na ilha de Marajó. Antes, porém, de descrevel-os, obriga-me o dever, entrar em algumas investigações, para sabermos por quem foram erguidos esses monumentos, que daqui a alguns annos talvez tenham desaparecido.

Desde o anno de 1616, estavam os Portuguezes senhores do Pará; tinham já sulcado as aguas do Amazonas até o Perú, porém, não conheciam ainda a ilha dos Nhangaybas, (*) porque uma barreira de ferro se antepunha aos seus desejos, a valentia dos seus habitantes.

Foi preciso que o temor os excitasse.

Por vezes tinham querido conquistar a ilha; com sacrificio repelliam as sortidas dos Nhangaybas que sempre voltavam victoriosos, porém, nunca poderam escravisal-os.

Diz o padre Antonio Vieira na sua carta de 11 de Fevereiro de 1660:

« Por muitas vezes quizeram os governadores passados e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embaraço tão custoso do Estado, empregando na empreza todas as forças delle, assim de indios como de portuguezes, com os cabos mais experimentados; mas nunca desta guerra se tirou outro effeito mais que o repetido desengano de que as nações Nhangaybas eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautella, pela astucia e pela constancia da gente, etc. »

(*) Hoje de Marajó.

Vieira e
Nhangaybas

Temeram os Portuguezes a união dos Nhangaybas com os Hollandezes, com quem commerciavam e julgando-se então perdidos, porque teriam de abandonar o territorio conquistado, tentaram fazer um pequeno esforço, uma guerra decisiva. Preparavam-se para ella, quando o padre Vieira, em 1658, com a sua palavra, avassalou-os á corôa portugueza. E' significativa a resposta que deu o tucháua Piyé, ao Pahy assu quando este lhe fez jurar fidelidade e prova porque razão o odio do indio pelo portuguez, ainda hoje transpira no tapuyo.

Disse elle:

« Que sempre foram os indios amigos e servidores dos portuguezes, mas se esta amizade e a obediencia se quebrou, foi por parte delles, por isso, isto que nos dizes, vai dizel-o aos portuguezes, pois são elles e não nós quem tem faltado a fé e a amizade. »

D'essa data, começou a ser conhecida a ilha e as nações que a habitavam. Não usavam, então mais, de armas de pedra, pelo que vê-se, que os atterros, datam de uma época muito mais remota. Foram seus ascendentes quem os fizeram. E quem seriam elles? De quem descenderia esse povo fallando outra lingua, bravo, como nenhum do Amazonas, ousado, intelligente e tão inimigo da escravidão? Era oriundo do mesmo tronco, de tantas tribus dominadas pelos conquistadores? A sua civilisação, vinha pela imigração Peruana? Diz o Director do Museu Nacional em uma cartinha ao *Jornal do Commercio*, aproveitando-se das informações do Sr. Ferreira Penna: (*)

(*) A *Constituição* de 8 de Maio de 1874.

« Naquella ilha quer me parecer, que se fixou por largos annos a tribu mais industriosa e mais culta de quantas povoavam ao principio o Brazil e tenho que alli é que por mais tempo se hão conservado os vestigios e as pallidas tradições da civilisação Andina transferida para essa porção da America, etc. »

Quanto a mim parece-me que não ha base, para se sustentar essa opinião. Vejamos se a historia auxilia os meus estudos.

A primeira imigração que appareceu no Perú, 15 seculos A. C. foi no reinado de Manco Capac I, a dos Atumu Runas, (*) segundo a tradição, que hypotheticamente se pensa, que descendo o Apurimac, veio ao Amazonas Peruano. Nessa época, já notaveis edificios mostravam o adiantamento dos Incas, que sabiam respeitar os monumentos de seus antepassados e trabalhavam a pedra com instrumentos de ferro, que denominavam quillay (**)

Outras imigrações houve no Perú, porém, nenhuma dellas, fez o povo expatriar-se para o lado do Brazil, pelo contrario apparecem no Perú imigrações partidas do Amazonas, entre ellas, cousa notavel, uma com alguns individuos pretos, segundo refere Brasseur de Bourbourg. Esta côr julgo ser artificial.

As grandes imigrações para o Perú, os seus grandes desastres datam do anno 1000, da nossa era, pouco mais ou menos e do lado do Brazil, é que parece que partiram, atravessando os Andes. Até então, nenhuma imigração desceu ao Amazonas, segundo todos os historiadores que tenho lido, como Garcillaso, Herera, Velloso, Balboa, etc. Vejamos com o estudo dos factos,

(*) Montessinos, *Memoires sur l'ancien Perou*. Pag. 6.

(**) Velasco, *Histoire du royaume de Quito*. Liv. II, § 7. Art. Armes.

se a civilização dos Nhangaybas, foi trazida pela invasão hespanhola.

O que encontrou Pizarro? Templos, monumentos, arte, industria, calendario, etc., civilização, que vestígios não deixou em Marajó:

Onde estão os idolos de ouro, onde está o signal da fundição dos metaes, onde estão as ruinas dos monumentos, que haviam de deixar? A simples idade da pedra polida, com a industria de então se apresenta. Como admittir, que um povo, em tão alto gráo de civilização occupe um paiz, sem deixar mostras de seu adiantamento?

Comparemos agora o que apparece em Marajó com o que existe daquella época no Perú. Onde apparece o uso de atterros sepulchraes no Perú? Onde estão as igaçauas? Não ha prova material, que justifique a civilização andina, assim como a historia não parece querer justifical-a.

Os Nhangaybas não descendem dos Peruanos e se fôrmos a procurar a sua origem, com as reliquias que nos legaram, forçosamente somos levados a buscal-a entre as tribus que descendem ou estiveram em contacto com os Normandos. Estarei talvez em erro, mas com os factos.

Além dos pontos de contacto com os Normandos, temos as inscrições, que como vimos no capitulo anterior e como veremos quando dellas tratarmos, parece marcar a marcha de um povo mais atrazado ou decahido do que os Incas.

Além das considerações que fiz, temos ainda, as circumstancias de não se encontrar no alto Amazonas, vestígios da passagem dessa imigração e a do dialecto, tão differente, que fez impressão, quando não tinha impressionado nem o dos Omaguas nem o dos Tapajós

e dos Muras, tribus descidas do Perú por occasião das conquistas de Manco Capac, ou hespanhola.

Infelizmente este dialecto desappareceu, que quanto a mim era a unica chave que poderia abrir a porta da verdade.

A phantasia sempre faceira, não pôde sobraçar a sciencia que pela seriedade repelle aquella.

Com os factos, com a lição critica da historia, deve o historiador preparar-se para o estudo de nossas antiguidades e não de gabinete, tomar como realidade aquillo que a phantasia inspira ás vezes tão differente como é a *aranha de uma larva*.

Subindo o Amazonas o primeiro atterro sepulchral que se encontra é na costa de Obydos, entre a fazenda *Capella* do Dr. Casemiro de Assis e a *Carymba* (*) do capitão Machado Angico.

Encontrando ahi fragmentos de louça de barro, comecei a estudar a disposição do terreno e a sua structura e cheguei a avaliar o seu tamanho, pouco mais ou menos, apesar de estar quasi todo destruido pela cultura e coberto hoje de grossa capoeira.

Sobre um leito natural de argilla ergue-se o atterro feito de cascalho, terras pretas e areia, já coberto pelo humus e quasi todo destruido. O resto, porém, que se encontra ainda pôde me dar uma idéa approximada da fórma, que era de um Y deitado. Tem de comprimento 85 mettros, de largura 10, não podendo calcular a altura que hoje quasi desappareceu. Dirige de SE para NO. (Vide a Est. I, Fig. 1.ª). Informaram-me algumas pessoas antigas, que outr'ora

Sr. F. Xavier
de Sampaio
- que é a tribo
de ladros.

(*) *Corruptella* de *carymba*, passaro deste nome do genero *Caprimulgus*.

ahi existia um longo monticulo que as enchentes destruíram, onde se encontrava não só igaçauas como também ossadas humanas e figuras de pedra. Hoje infelizmente, só se encontram fragmentos de louça de barro que pela sua disposição e grossura, vê-se que foram de igaçauas e não de utensilios domesticos. As terras da sua circumvisinhança, alagam-se pela enchente e cobre-se de uma vegetação baixa, onde predomina a pitomba e o sabão de soldado, (*sapindus*), e o urucury (*Attalca excelsa*, Mart.)

Creio que ahi foi o cemiterio dos ascendentes dos antigos Pauxis, que tinham a sua aldeia na costa fronteira onde hoje é o cemiterio publico da actual cidade de Obydos. Nas escavações que nella se fazem abrindo sepulturas tem-se encontrado não só fragmentos de louça, como panellas inteiras e machados de diorito.

Quando em 1874 se abriam os alicerces para o muro que devia fechal-o, ahi encontrei os ditos vestigios que provaram-me ser esse o lugar da antiga aldeia depois missionada pelos Capuchos da Piedade que durou até 1758, época em que foi elevada á categoria de villa pelo Governador Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Habitavam a barranca elevada da margem opposta e jul. o que enterravam seus mortos em igaçauas no atterro sepulchral de que tratei e iam fazer suas pescarias no antigo lago Tucumá, hoje lago Grande, no lugar denominado hoje Páu mulato, onde se aldeiavam, como prova o Sernambý que ahi existe. Nesta época o lugar em que hoje se vê o atterro sepulchral não era mais do que uma ilha circulada pelo Amazonas e o lago Grande mais do que o braço que a rodeava. Ainda hoje este lago não é mais do que um deposito

das aguas do mesmo rio que com elle se communica. O Sernamby dista uma legua do atterro sepulchral, em uma linha recta ao sul. Quando tratarmos destes monturos do resto das pescarias e da cosinha, veremos que ainda hoje os indios seguem este uso, com pouca modificação.

Continuando-se a subir o rio Amazonas, encontra-se na margem esquerda, no lugar denominado Costa do Parú, pouco acima da foz do rio Trombetas os signaes de uma extincta aldeia, que denominei *tauaquera das Amazonas* pelos motivos apresentados em um outro escripto. (*) Nesse ponto, segundo a historia, foi que se encontrou o aventureiro Francisco Orellana em 1541 com uma tribu que o hostilizou a que deu o nome de Amazonas, por vêr entre homens algumas mulheres. Os descendentes dessa tribu, que por largos annos habitou nessa paragem, como se deprehende da quantidade, por assim dizer infinita, de fragmentos de louça domestica que ahi existe, tambem tinham o seu atterro sepulchral, distante do ponto de vivenda.

No lago Parú que corre quasi parallelo á costa do Amazonas, a qual tira o seu nome do delle, encontra-se uma pequena ilha, onde está o atterro sepulchral.

Esta ilha que quasi some-se debaixo d'agua nas grandes cheias, vai-se a ella a pé enxuto na vasante.

Hoje é um dos pontos em que se reúnem os tapuyos quando vão á salga do pirarucú, e ahi fazem as suas feitorias. A distancia que medeia entre ella e a *tauaquera*, não chega a uma legua.

Este lago pela abundancia de peixe foi sempre um dos pontos das maiores pescarias e diz a tradição

(*) Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Jamundá. Rio de Janeiro 1875, pg. 87.

que outr'ora houve nelle um pesqueiro real. Em outro trabalho já fiz vêr que o actual lago, era outr'ora um braço do Amazonas.

Nesta ilha, pois, levantou o povo de outr'ora um atterro, onde enterravam seus mortos em igaçauas, cujos restos ainda hoje se vê espalhados pelo terreno. A fórma que affecta este atterro é pouco mais ou menos o de uma tartaruga. (Vide Est. I, Fig. 2.^a)

Este atterro é grande, mas em consequencia da enchente que ainda cobria parte delle não pude determinar bem, quer a sua fórma, quer as dimensões. Muitos fragmentos de louça e machados encontrei ahi. Da louça de barro e dos desenhos della, já tratei no capitulo anterior.

Tendo noticiado estes atterros amazonicos, estabelecerei agora os pontos de contacto que encontro entre elles e os americanos e as differenças que apresentam.

Na America de Norte os atterros são sempre a beira dos rios ou lagos, em lugares alagadiços, raros ou em campos, no Amazonas tambem o são. Os de Marajó, são em lagos, em campos alagadiços, o de Obydos, a margem do rio e do Parú em uma ilha dentro do lago.

Nos *burial places* enterravam os mortos em uma posição assentada, nos atterros do Amazonas em igaçauas, onde os mortos eram mettidos, encolhidos, assentados dentro dellas. Geralmente, porém, serviam só de jazigo perpetuo para as ossadas, assim tambem usavam no Amazonas, porém mettidos em igaçauas. Ainda hoje algumas nações indigenas seguem este costume, sepultam os mortos e tempos depois rocolhem os ossos, que depois de limpos são guardados nas igaçauas que se interram em cemiterio especial. Os Pariquis, os Arauaquis, os Mundurucus, etc., ainda hoje

assim o fazem. Os antigos Manãos e Barés e outros mettiãam os cadaveres encolhidos dentro das igaçauas, que enterravam em cemiterio proprio, como pelo tamanho e fórma pude verificar, como já vimos no capitulo anterior e depois separavam os ossos que eram guardados em outras igaçauas.

No enterro dos mortos, apparece esta differença, que julgo foi modificada pela emigração. Em vez de prepararem a sepultura no atterro, sepultavam as igaçauas ossíferas, quasi unidas umas ás outras e em camadas, que attestam a duração da tribu na mesma localidade.

Os *mounds* além dos conicos haviam os de fórmas de animaes, os do Amazonas tambem effectuam estas fórmas.

Encontram-se armas de pedra, fragmentos de louça nos sepulchros americanos, nos brasileiros encontram-se tambem estas armas com as mesmas fórmas.

Emfim, são tantos os pontos de contacto, que depois de maduramente pensar neste assumpto cheguei quasi a fixar minha opinião a respeito.

Estes atterros ainda me levam a fazer uma boa idéa, do estado de civilização de então, comparando-a com a dos tapuyos descendentes dessas gerações ha seculos extinctas.

Dão elles idéa de uma sociedade mais numerosa, mais intelligente e mais laboriosa do que a de hoje. Para levarem avante a construcção de um só desses atterros, era mister não só uma grande população, como a facilidade de meios de subsistencia que era preciso ter á mão ; o que me leva a crêr que já eram agricultores, porque a pesca e a caça dispersa a tribu diariamente e só um povo agricola poderia emprender taes obras.

As fórmãs e os desenhos que ornã as suas igãucas, como já vimos, demonstrã que era tambem um povo já em caminho para o templo da arte. Mas, a quantos seculos levãã a effeito essas obras? Nenhuma tradiçãõ encontro entre os nossos indigenas, e tendo a lavourã de nossos tempos, destruido o que nos podia servir de guia. isto é, a vegetaçã, não posso senãõ me valer de uma autoridade. Sendo, como parece, contemporãneos dos Estados-Unidos, pelas fórmãs animaes que apresentã, nunca terãõ menos de 500 annos, pelo calculo que fez o Sr. Lapham, servindo de base para elle as arvores que existẽ sobre os mesmos atterros.

Por essa idade vê-se que a civilizaçãõ amazonica, sendo posterior á do Perú, não foi comtudo introduzida por elle, porque entãõ já devia existir o uso de fundir os metaes, que não se encontra nas antiguidades do Amazonas.

Estes atterros sepulchraes sãõ os mais antigos cemiterios que se encontram, porque os outros posteriores, sendo sempre em terrenos elevados, quasi sempre tambem á margẽs de rios ou lagos, sãõ feitos em terrenos naturaes.

Nas barrancas de Serpa, hoje Itacoatiara, em Manãos, no Tapajós, no Uauinchá affluente do Jamundá, no Urubú, etc., encontrei cemiterios destes sempre em terrenos naturaes.

Procurei ir ao Rio Maracá, onde constava-me haver preciosas reliquias sobre este assumpto, mas infelizmente, a epidemia que ahi reinava m'o impedia. Comtudo algumas informações pude obter do 1º tenente da marinha imperial Lisboa que explorou este rio em 1872.

As igãucas que ahi se encontram, e que elle

trouxe, estão proximas a um grande lageado que ahi existe, mettidas em cavernas naturaes.

Estas igaçauas examinei depois no Museu Paraense. Umas tem fórmas humanas, em attitude sedentaria, com a indicação do sexo, outras de animaes com ornatos de phantasia.

O costume de enterrar os mortos em lugares elevados, nas proximidades de corrente d'agua perpetuou-se até hoje, porém, como a população é menor, e as tribus entregam-se mais a caça e á pesca do que a agricultura, deixaram de fazer os atterros.

IV

Sernambys

Depois do que escreveu o meu amigo o Exm. Sr. Conselheiro Dr. Guilherme Schüch Capanema sobre os *Sambaquys* no 1.º numero d'estes Ensaios, nada tenho a dizer ácerca dos que existem dissimidados pelo sul do littoral, que, mesmo não os conheço, apenas tratarei dos Sernambys do Norte, que a isto me leva a analogia que entre elles acho, com os kjoekkemmodings da Dinamarca e Estados-Unidos. Por demais estão conhecidos os Sambaquys, no mundo scientifico, com o estudo que d'elle fez o mesmo Conselheiro em 1874, depois de um estudo esforçado. (*)

A importancia archeologica e ethnographica que tem o Sernamby, está quasi sempre ligada a um facto geologico, como veremos quando entrar na descripção

(*) Este escripto foi publicado em allemão no *Mittheilungen aus justus porthes geographischer anstalt über Wichtige new esforschungen auf den gesammtgebiete der geographie von Dr. A. Petermam*. VI 20 band. 1874, pg. 228.

dos do Rio Amazonas. Não trataria d'este assumpto, sobre o qual já tive occasião de escrever, se não se prendesse a elle um facto que parece dar alguma luz ao descobrimento do Brazil, em tempo anti-Colombiano.

Antes de entrar na apreciação dos Sernambys, como tenho de comparal-os aos kjoekkemmodings dinamarquezes, cumpre mostrar o que são estes. Denominam os dinamarquezes *kjoe kkenmoedding* os grandes montes de conchas que se encontram proximo ao seu littoral, dirivado de *hjoekken* cozinha e *moedding* resto, monturo, entulho, etc., Datam as suas primeiras investigações do anno de 1845. A primeira commissão que investigou os seus mysterios, foi composta dos Srs. Forchammer o pae da geologia na Dinamarca, Worsae, celebridade archeologica e Steenstrup zoologo e botanico muito distincto, que apresentaram seis relatorios, publicados de 1850-56, dirigidos á Academia de Copenhague.

Acham-se estes restos de cozinha, hoje longe da costa o que denota o deslocamento do már, e encontram-se n'elles instrumentos de pedra, ossos de animaes, espinhas de peixe, restos de louça e outros objectos que provam que são montes artificiaes feitos com os restos das conchas que comiam, segundo uns, em épocas geologicas. Entre nós havendo as naturaes, formadas pelos berbigões. (*Cryptogramma macrodon*, Lam.) existem tambem os artificiaes todos, porém, pertencentes a um periodo comparativamente moderno. Quer uns, quer outros, sempre nos provam a emersão da costa ou o deslocamento do rio.

Nos Estados-Unidos, segundo refere o Dr. Jeffries Wymen, existem os de Mount Dessert, Crouch's Cove, Eagle Hill e Cotuit Port, além do que existe em Da-

mariscotta, examinado pelos professores Jackson e Chadbourne, o da ilha de S. Simão, na Georgia, descrito por Lyell e os de New-Jersey e Keyport, descritos por Charles Raw. Como nos da Dinamarca, nos dos Estados-Unidos sempre o homem apparece, ao lado da emersão da costa. Vem sempre os seus instrumentos, com o seu costume provar que então o oceano ou o rio d'onde tirava o alimento estava a seus pés.

Se bem que a fôrma que os Sernambys apresentem, seja a de todos os monturos feitos pela mão humana, contudo o uzo que deu lugar á sua formação nos dá uma idéa de costume dos Dinamarquezes, o que parece ser comprovado pela fôrma e materia dos instrumentos que n'elles se encontram. O achado destes kjoekkenmoeddings, só em lugares onde os traços normandos se encontram, é um facto, que vem dar luz sobre os Sernambys do Amazonas.

Nenhuma noticia até o presente existia sobre estes montes de conchas, no interior dos rios, fui eu quem primeiro noticiou em um Relatorio dirigido á S. Ex. o Sr. Ministro da Agricultura, em 1872.

Estes montes de conchas, são conhecidos por *Sernambys*, (*) nome que dão os indigenas á toda e qualquer porção que se encontre de conchas (*itan*), quer pelas margens dos rios, quer pelas praias.

A palavra Sernamby, hoje corrupta, póde ter duas traducções; uma exprime perfeitamente o pensamento do indio, outra parecendo traduzil-a melhor, nada explica. Quanto a mim, quer dizer: *restos da vazante*

(*) Dão tambem, pela semelhança, este nome aos restos que se perdem no processo da coagulação da gomma elastica. (*Siphonia elastica*) que formam a borracha ordinaria.

e não *orelha de carangueijo*. Com effeito, quando estudei o character do indio, uma das cousas que mais me chamava a attenção era a propriedade na applicação das phrazes, que sempre caracterizava a expressão do pensamento. A contracção das syllabas, deu a suppressão de lettras, que a difficuldade phonetica fez com que o civilizado formasse uma palavra quasi differente da primitiva. Sernamby, deriva-se de *seryc*, vazante da maré, e *sembyr* restos e não *sery* carangueijo e *namby* orelha. Parece ser esta a verdadeira traducção, mas, esta nada exprimindo em relação ao objecto, affasta-se do genio da lingua que tão bem aqui explica a origem. Com effeito é sempre depois que vaza a maré, que nos pontos onde encontrei os Sernambys ainda influe, que se encontram as conchas, que ficam pelas praias como, *restos* ou *como refugio da maré*.

Os molluscos da classe conchifera que formam estes monturos, não são d'aquelles de *vida social*, como o marinho berbigão que formam montes quando ficam em secco, quando ha emersão da costa do oceano; não, as especies que tive occasião de examinar, vivem solitarias e só apparecem na vazante do rio, em muito pequena escala. São por conseguinte artificiaes estes montes, e mostrando a quantidade que então havia, faz ver que foram erguidos por uma tribu que annualmente ia á sua pesca.

Na foz do Amazonas, onde ainda o mar tem influencia, onde os molluscos marinhos se apresentam, existiram out'ora tambem grandes depositos d'elles, naturaes e artificiaes.

Transcrevo aqui integralmente um manuscripto antigo, que tem por titulo « Memoria sobre duas minas

de conchas de Sernamby, pelo ajudante Pedro de Figueiredo Vasconcellos.

« No meio do secco Miridumba, que dá passagem para a Bahia do Atapú, para a parte do N, em distancia de 1½ legua, entrando pelo mato para o dito rumo, estão 2 minas de Sernamby, que a maior terá de circumferencia 40 braças e de profundidade 25 palmos, e a segunda terá de circumferencia 15 braças, e de profundidade 20 palmos.

« Nestas duas minas pois, trabalhando os moradores de Cintra a mais de 80 annos, se não tem percebido diminuição sensivel. Nellas se acham, além das cascas de Sernamby, peixes petrificados, ossos de corpos humanos, pedaços de louça de barro de cozinhar, e outra de louça branca, muitos ossos de animaes terrestres, buzios grandes e pequenos, cascas de ostras e de outros muitos mariscos. Outras mais minas destas cascas ha, da outra parte do Atapú, e me dizem por toda costa que d'aqui vai até o rio Gurupi, se encontram outras. Ellas se acham na sua superficie cobertas de uma pequena codêa de terra, e sobre esta se achão nascidas algumas arvores de pequena grandeza, e as suas raizes lançadas á superficie da terra. As differentes qualidades de cascas de peixes, de insectos e pedaços de louça dão uma certeza phisica de que o Oceano cobria esta terra, pois que estes mariscos não se criam senão nelle; a sua prodigiosa e infinita quantidade dá mais a certeza de que o dito Oceano cobria largo tempo estas situações, pois que este ainda hoje lhes está vizinho, e entre as muitas cousas que ainda hoje se vem encostar pelas praias, são sempre em quantidade estas cascas. Algumas outras destas minas se encontram em partes altas, e distantes do már; mas nem por isso se lhes deve dar outra cauza para sua formatura, senão a do Oceano. Esta raridade é um prodigiozo manancial donde se pode extrahir cabedal immenso na factura da cal, etc. »

Por esta memoria, vê-se que sendo natural o banco de Sernamby, houve emersão da costa, mas quer me parecer que um povo ahi se reunia annualmente, indo á pesca dos molluscos, e voltando para

talvez com festas fazerem seus banquetes. (*) O costume do partirem para a pesca, para a caça, ou para o apanho dos fructos annualmente, para depois fazerem festas ainda hoje se vê perpetuado entre os gentios e os tapuyas.

Os Mundurucús festejam annualmente a mãe dos animaes, que consiste na reunião do povo das diversas malocas em uma, onde passam dias comendo a caça muqueada de mezes de caçada; os Pariquis reuinem-se para comerem fructas que trazem para as malocas, e os tapuyos ainda hoje, no tempo do piquiá, do uixi, do pajurá, abandonam suas casas e vão para as mattas onde passam o tempo d'essas fructas, comendo-as e reduzindo-as a oleo para suas iguarias ou para alumial-os. Com a salga do pirarucu dá-se tambem o mesmo factó, de abandonar seus commodos pela vida nos lagos durante o tempo da secca. Tinha pois a população de outr'ora o mesmo costume, que se perpetuou, porque a materia de que se compõe o resto de seus banquetes é não só duradouro como tambem porque dando pouca comida fornecia muito entulho, o que se não dá com os fructos. Com a diminuição sensível que tem tido as aguas do Amazonas, foram desapparecendo as conchas, e a civilização atravessando as suas margens, foi acabando com esse costume, que me parece foi ligado pelos antepassados dos que habitam nossas florestas. A idéa do diluvio que tem quasi todas as tribus com que tratei, a idéa do Creador, expressa por Tupana, e a da de um filho d'este, *Rairu*, dos Mundurucus, parece que veio por aquelles, que desceram a America, vindos do Norte da Europa.

(*) Além d'este Sernamby, existem outras minas nos actuaes mangues proximos á Salinas, que provam ainda a emersão da costa.

Os kjoekkenmoddings, que só se encontram na Dinamarca, quando na Europa muitos são os paizes banhados pelos seus differentes máres, indicam o resultado do uso peculiar do povo de Odin, que tambem apparece representado na America do Norte, em certos lugares onde o mesmo povo habitou ou passou, e assim sempre que apparecem esses restos de cozinha, acham-se objectos que nos lembram a sua origem. No Brazil, onde apparecem os Sambaquis, quasi todos naturaes, em alguns encontram-se vestigios humanos, que muito nos faz lembrar os costumes normandos. No Amazonas apparecem os *Sernambys*, todo da feitura de homem, que mais ainda nos recorda o uso skandinavico. O primeiro que examinei foi na base da Serra Taperinha, no rio Ayayá, (*) onde está assentado o engenho do meu amigo e Exm. Sr. Barão de Santarem. (**)

Distante da margem do rio, onde rarissimos são os molluscos que se encontram, na base da serra onde hoje nem as maiores enchentes attingem, ahi existe a mina de Sernamby.

Quando se estabeleceu o engenho, sendo preciso agua para mover suas machinas, buscou-se uma pequena lagôa que ahi ha, e para trazer-se as aguas foi necessario abrir-se um canal. Na abertura d'este encontrou-se o Sernamby, que depois tem sido aproveitado para o fabrico da cal, d'ahi o nome de mina. N'essa occasião foram encontrados, entre o mesmo Sernamby alguns ossos humanos principalmente craneos. Examinando, excavando em alguns lugares, pude tambem encontrar não só machados de diorito,

(*) Colhereira, (Plataléa).

(**) Rio Tapajós, por J. Barbosa Rodrigues. Typ. Nac. pg. 36.

como fragmentos dos mesmos, de louça, alguma com fuligem, espinhas de peixe-boi, ossos de passaro, etc., que existiam encravados nos diversos stractus de que se compõe a mina de Sernamby.

Estudando vi que as conchas são modernas, ainda com representantes nos rios Amazonas e Tapajós, e que apresentaram só tres especies dos generos *Cas-talia*, *Unio* e *Hyarea*.

Estão quasi todas em decomposição, promiscuamente, em stractus, separados por pequenas camadas horisontaes de humus, que mostram que o deposito foi feito em varias épocas. Differentes depositos ou monticolos d'estes, existem espalhados, todos com a fórma conica, tendo a base do maior mais de 25 metros de diametro. Serrada vegetação os cobre, deixando transparecer aqui ou alli a sua superficie. Examinando a structura geologica do terreno cheguei ao conhecimento de que outr'ora o Amazonas corria quasi pela fralda da serra, deixando uma pequena margem onde os indios tinham formado o Sernamby. Uma ou mais enchentes cobriram essa margem quando já o Sernamby estava feito, e retirando-se depois deixou-o rodeado de terras de alluvião, que formam hoje vargem, ficando o terreno primitivo coberto por um igapó. N'esse deslocamento do rio, formaram-se differentes ilhas, o Ayayá tomou outro curso, formou-se o furo Ituqui e novo aspecto tomou ahi a natureza. Estes deslocamentos e formações e destruição de ilhas ainda é de nossos dias. Examinando o alto da serra encontrei as *terras pretas*, onde existiram as malocas, e n'ellas encontrei diversos instrumentos de pedra, como machados, (Vide Est VI fig. 37, do 1º numero destes *Ensaio*s) assim como fragmentos de louça, iguaes aos que encontrei

no Sernamby. Habitava ahi a tribu que formou o deposito, o que mais me certificou o achado de algumas conchas na mesma terra. Desciam do alto da serra para a margem, por um fundo vallo, artificial, que os encobria, o que parece indicar que procuravam ahi andar sem serem vistos, talvez por alguma tribu inimiga que nas proximidades existisse.

Dou aqui um traço vertical que mostra a posição do Sernamby e a structura do terreno que o rodeia.

Este deposito é todo artificial e a enchente que em parte o cubrio, foi tão gradual que não destruiu a sua fórma primitiva. O encontro das espinhas, dos ossos de passaro, mostram que ahi se reuniam, de volta da pesca e da caça e não eram tão barbaros, porque já uzavam as comidas cosidas em vasilhas de barro bem preparadas, o que se depreheende dos fragmentos com fuligem que encontrei.

O encontro das ossadas humanas nos stractus do Sernamby, faz vacillar meu espirito, não tendo encontrado nenhum facto que justifique a sua presença entre esses restos, sem duvida alguma de cozinha.

Seria algum cadaver abandonado ou sepultado ahi? Serviria esse deposito tambem para sepultura?

Creio que não; os indios que tanto fogem dos mortos, não banqueteariam sobre as suas sepulturas. Não ha exemplo de uma tribu que tenha este uso.

Serviriam os corpos d'essas ossadas de iguaria para seus festins, mostrando assim que eram anthropophagos?

Tambem não o creio. As tribus ribeirinhas, são echthiophagas e carpophagas, rarissimas são as que se entregam ao alimento da carne humana. Profundo véo, cobre este mysterio que se tivesse tido mais tempo, alguma excavação m'o descobriria. Quero antes

pensar como o Conselheiro Capanema, que fosse algum morto ahí abandonado como lixo. E' tambem o que se depreheende d'esta phrase relativa aos indios do interior do littoral do Sul: « Pois se algum indio morria no tempo da pescaria, servia de cemiterio a *ostreira* na qual depositavam o cada ver e depois o cobriam com conchas. » (*)

Outro Sernamby tambem existe retirado das margens do actual Amazonas a uma legua para o interior da margem direita, no sitio denominado *Páu mulato*, proximo á margem do lago grande de Villa Franca. Este lago outr'ora denominado Tucumá, e depois das Campinas, foi o antigo leito do Amazonas, que por ahí passando, costeava a actual Villa Franca, marginando depois a Serra do Piquiatuba, que não é mais do que o prolongamento da Serra da Taperinha. Tinha então o Rio Tapajós outra foz á algumas milhas do Sul, com uma largura excessivamente grande em relação á que tem hoje.

N'essa época, o mesmo povo construiu o Sernamby do *Páu mulato*. Esta tribu foi a que tambem construiu o aterro sepulchral do *Cariramba*.

Está situado o Sernamby á margem do lago, já coberto em parte pela vegetação, e occupando uma grande extensão. Parte está soterrado pela mesma alluvião que tambem soterrou o da Taperinha, porém como o terreno ahí ficou mais baixo, e as enchentes annuaes cobrem esse espaço, a parte conica superior tem sido destruida e espalhada pela circumvizinhança. As conchas do Sernamby do *Páu mulato* tambem são bivalves o da mesma especie dos generos já citados, primando o Unio.

(*) Madre de Deos, *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*, etc., lib. I, n. 31.

Como no da Taperinha ahi tambem os instrumentos de pedra, os fragmentos de louça se encontram; então já com a superficie decomposta pela accção dos agentes naturaes á que estão expostos.

Julgo que este monturo é contemporaneo do da Taperinha, e que a mesma enchente que actuou sobre um, aterrou o outro, destruindo tambem a ilha em que existiu a tribu das Amazonas, ligando-a á terra firme por meio da alluvião. Uma grande enchente cobriu terrenos onde hoje a maior raras vezes tem attingido.

Estes Sernambys, ou restos de cozinha, mostram um costume que não era geral no Amazonas, pois se o fosse, havendo facilidade no apanho dos molluscos, como os mesmos monturos o provam, geral devera ser tambem o encontro d'estes. Perpetuam pois estes restos de cozinha, o costume de um povo que ahi existiu, ou por largos annos ahi viveu em época anti-colombiana.

Razões me levam a crer, que aquelles que fizeram esses monturos, vinham emigrados do Norte, onde deixaram os mesmos monturos e atterros sepulchraes, perpetuando sua estada, além d'outros signaes que parece tambem deixaram como traços de sua passagem, logo que pizaram nas terras Sul Americano; quero fallar das Inscriptões.

De quando datam esses monturos, hoje monumentos archeologicos? Nem a tradicção nem os factos nol-o podem responder. Julgo, porém, serem contemporaneos dos atterros sepulchraes e muito anteriores ao anno de 1500, porque depois do anno de 1543, foi que ligou-se a ilha, onde Orellana encontrou com as Amazonas, ao continente. O abandono é do seculo XVI.

Que a invasão dos descendentes dos colonos Nor-

mandos, foi antes da grande alluvião Amazonica, nos vem provar as inscripções das quaes passamos a tratar; por conseguinte são os nossos Sernambys muito mais modernos do que os kjoekkemmodings Dinamarquezes.



Inscrições

O viajante que sóbe o rio Amazonas, ao chegar á Itacoatiara, (*) olhando para a margem esquerda, pouco abaixo da cidade d'esse nome, vê sobre as rochas que formam a alta encosta umas figuras gravadas; o regatão que penetra para o centro, sempre da margem esquerda, encontra em alguns lugares outras figuras, sempre gravadas nas rochas, mas, quer um quer outro passam indifferentes por essas reliquias d'outras eras, sem se quer parar para observal-as.

Entretanto quanto não tem ahí o archeologo e mesmo o ethnologo que estudar!

Representam essas figuras, quasi todas symbolicas, o passatempo do indio ocioso, ou representam ellas uma inscripção, para nós indecifrável? Se umas são filhas do ocio e ao mesmo tempo da habilidade

(*) Ita, pedra, coatiara, pintada.

do indio, quando descansava das fadigas da caça ou da pesca, outras parecem attestar que não o ocio mas sim a necessidade levou a sua mão a gravar pacientemente figuras, que para mim são inscrições. Entre as figuras que se encontram no Valle do Amazonas, desde a Guyana Ingleza até á margem do rei dos rios, de duas fórmãs se encontram ellas feitas: por gravura e por pintura. Estas modernas como veremos, são os fructos da ociosidade, que nos perpetuam o gráo de adiantamento do povo de então, mas, aquellas são provas de que uma necessidade houve que levou, não um, mas talvez muitos homens, por dias consecutivos de um trabalho assiduo, infadonho e rude, a abrir a face das rochas. Por muito ocioso que fosse o incola, admite-se que levasse elle dias mesmo mezes, occupado n'um trabalho que lhe molestaria o braço, e que não lhe dava proveito algum?

O indio ocioso atira-se á rede, fuma o seu tauary, mas não se emprega n'um serviço que mostra não ociosidade, passatempo ou divertimento, mas sim um trabalho paciente. Comprehende-se que nas figuras pintadas, feitas em minutos houvesse um passatempo, mas não n'aquellas gravadas, onde o tempo, a constancia, a força mostram a assiduidade e um trabalho mais duro do que a caça e a pesca. O individuo que as gravou, não fel-as por distracção, algum motivo o levou a isso.

Convem dar aqui uma ligeira idéa da formação das margens actuaes do Amazonas. Conhecem-se n'ellas os igapós, as vargens e as terras firmes. Os igapós são os terrenos de alluvião moderna, cobertos em geral quasi annualmente pelas aguas, apesar de ás vezes serrada matta as cobrir, primando quasi sempre n'ella as *cecropias* (embaubas) as *bombax* (bar-

riguda) as *baetris* (marajás), algumas, *leguminosas*, muitas *ipomœas*, a *urania Amazonica* e muitas plantas sarmentosas, além das *gramineas* (canarana e mury). Logo depois de uma alluvião que altêa o terreno ficando pela vazante um pouco em secco, a primeira vegetação que se apresenta são as *gramineas*, seguidas logo das *cecropias* e das *salix Humboldtiana* (Ayuranas).

Logo depois do igapó, segue-se a vargem, que é o terreno que vae alteando, mas que annualmente conforme a enchente tambem vae ao fundo. Ahi a vegetação é mais forte, por ser o terreno mais antigo, apparece o *Astrocaryum murumuru*, as *geonomas*, as *bauhinias*, as *myrtaceas* (pau mulato), a *bombax ceiba* (munguba), o *Astrocaryum jauary*, a *raphya taedigera* (jupaty) a *Walschagellia* (acapurana), a *syphonia elastica*, a *hura braziliense*, (assacu) a *mauritia flexuosa*, e muitas outras plantas como o louro (*cordia*) a muiratinga, o arapary (*caesalpinia*) e muitas *bauhinias* e *leguminosas*

Estes terrenos ás vezes, minados pelas aguas são arrebatados pelas correntes, e formam as *terras cahiridas*, que vão mais longe formar uma ilha, augmentar uma margem, atterrar um canal, etc., de fórma que constantemente as margens apresentam aspecto diverso. Vi n'uma noute, no Arapiranga, o Amazonas arrebatatar um terreno elevado com 500 pés de cacáu.

Mr. G. Gravier na segunda sessão do Congresso dos Americanistas, que se celebrou em Nancy, no dia 19 de Julho de 1875, tratando das inscrições da *Dighton Writing Rock*, que existe no Estado de Massachusetts, no territorio de *Berkeley*, condado de Bristol, assim se exprime: « L'homme à l'état barbare, dont les déplacements sont déterminés par la guerre ou

par la faim, n'a jamais rien fait de pareil. Les peuplades que nous avons trouvées dans l'Amérique du Nord, savaient graver sur les arbres quelques signes hiéroglyphiques pour signaler une victoire ou le résultat d'une chasse; mais ignorant l'usage des métaux, ils n'eurent jamais l'idée ni les moyens de tracer sur le granit un souvenir durable de leurs aventures. Cette particularité porte naturellement à conclure que toutes les inscriptions lapidaires de l'Amérique du Nord, sont l'œuvre des races étrangères plus ou moins civilisés. »

Essas figuras que parecem pela sua naturalidade e pelo que representam, serem feitas por mão infantil ou pela do curioso guiado pela natureza, comparadas, apresentam tal unidade de pensamento que me parece não foi só o que a imaginação na infancia da arte produz, o que levou o artista a representar. Essas figuras comparadas, e aquilatado o trabalho, mostram-se como inscrições.

Mais uma razão, se me antolha, para assim pensar.

Habitadas como foram outr'ora, e como seria nos tempos prehistoricos as margens do Amazonas, porque não appareceram artistas gravadores na margem direita? Se a natureza, o passatempo levava uns a gravar, porque não empellia a outros?

O indio, como a criança, começa sempre os seus desenhos por linhas rectas, que combinadas quando a arte progride, produzem uma variedade de modelos, que mais aperfeiçoados chegam a attestar certa civilisação.

Como vimos na arte ceramica, todos os desenhos, quer gravados, quer pintados, não são mais do que a recta aproveitada e combinada com arte. E' sempre n'um periodo mais avantajado, que apparece a applicação

da curva, ou a sua combinação. Na serie das gregas que apresentei, que combinadas formam os mais bellos ornatos, não se vê a curva senão já n'um grão de muito adiantamento. Se as figuras não passassem de mero divertimento por desenfado, deviam ser do mesmo estylo das da louça porque os mesmos talvez seriam os gravadores.

Mas, não; a mão que gravou a rocha a ser contemporanea da que cinzelou a argilla, affastou-se do estylo para representar uma idéa, que parece ser a mesma em todas. Não pôdem essas figuras deixar de ser inscripções, senão commemorativas de um feito notavel, guias de uma população que emigrava.

E tanto mais razão me parece que tenho, quando n'uma das modernas vejo uma data, que de proposito, por mão civilizada, foi notada, como adiante veremos.

A linha que as inscripções gravadas segue são sempre de um só lado do rio; a direcção que toma, comparada com o estudo geologico, indica claramente que essas figuras são inscripções que serviram de guias a um povo que emigrava em dous ou mais bandos.

Se comparar-mos os costumes que tenho descripto, attendendo-se aos instrumentos, á louça, aos atterros e aos sernambys, com a direcção das inscripções, vê-se que foi do Norte que desceu a emigração; do Norte onde foi a Vinlandia.

A posição que occupam hoje as inscripções, abstrahindo-se o estudo geologico, a attribuir-se a gravura á emigrados descera por terra.

Entretanto assim não é. As inscripções que hoje estão longe da margem do Amazonas, outr'ora eram banhadas pelas suas aguas.

Vejamos ; a margem esquerda do Amazonas desde a foz do rio Negro até á do rio Uatumá, é considerada como terra firme por todos os geographos : e entretanto, todo este espaço não existia outr'ora, e era occupado pelo Amazonas que muito posteriormente, com as suas alluviões unio as ilhas que existiam ; formou a actual margem, mudando as fozes dos Rios Uatumá, Anibá, Urubú e Matary e conservou alguns lagos.

Assim as ilhas de Matapy, Arauató, Ayby, onde hoje está Itacoatiara, Canacar, Panema, Uretu e Cucuar, que existiram até 1785, pouco mais ou menos formam todas unidas, a margem esquerda hoje cortada por alguns furos nas enchentes.

Transcrevo aqui o que publiquei no Diario do Grão-Pará de 20 de Fevereiro de 1875, á respeito de uma parte d'essa margem.

Quando, escreveu-nos nosso illustre amigo Sr Dr. João Barbosa Rodrigues, dirigi-me a S. Ex. o Sr. ministro da agricultura, depois da arriscada exploração do Urubú, ao tratar do curso deste rio e da sua constituição geologica, fiz ver que todo o terreno comprehendido entre o braço do Amazonas chamado Arauató e a actual foz do mesmo Urubú, era de alluvião moderna, que ainda hoje se alaga e que outr'ora não existia, devendo então o Amazonas passar pelo espaço comprehendido entre o Arauató e a villa de Silves, desaguando nesse tempo o rio em questão pouco acima do Arauató e o seu affluente Anibá mais abaixo.

Pela diminuição sensivel que tem tido as aguas do rio-mar elevaram-se os terrenos e formaram ilhas, cujos canaes depois de se fecharam, ou só pela enchente dão passagens ás aguas do Amazonas. Demonstrando que o Urubú só tinha uma foz, que se commettia erros considerando o Arauató como desaguadouro do Urubú, como querem todos os autores que por informações escreveram sobre esse rio, fiz ver que ainda hoje existiam nove canaes (Cana, Santo Antonio, Cainamá, Arauató, Uixityba, Carão, Canaary, Curuçá e Pyra-

mirim) e não seis, como diziam os mesmos autores, mas que contribuem com aguas do Amazonas para o augmento do volume do lago Saracá, (Rio Urubú) e não dão sahida em época alguma ás aguas negras deste rio para o Amazonas.

Tal era minha opinião baseada nos estudos a que procedi, quando inesperadamente veio-me ás mãos o *Mappa da capitania de Mato Grosso*, de que já dei noticia, e que confirma o meu juizo. Ainda no seculo passado apresentava-se o terreno como eu disse acima. Demonstra o *mappa* que então de S. José do Amatory ás barreiras hoje chamadas Carará-ucú, formava o Amazonas um vasto archipelago, que se lhe estendia pela margem esquerda, composto de nove ilhas, por entre as quaes largos canaes levavam as aguas do Amazonas, que iam banhar as fraldas das serras agora denominadas Jaraquy e Uatá-pocú, que marginam a parte N do lago Saracá, de hoje, e ahí formava uma ampla bacia em que havia sete pequenas ilhas, na mais oriental das quaes ficava a aldeia Saracá.

A primeira, de que o referido *mappa* não dá a denominação, faz hoje parte do lugar — Amatory — e era separada da ilha do Matapy por um canal que é hoje o — Furo de Santo Antonio. Separava-a da ilha do Arauató o canal que hoje existe com esta denominação que tambem a dividia da do Ayby com o canal deste nome ou da Trindade. Nesta ilha ficava a aldeia Itaquatiara. Um outro canal, o Canaçary de hoje, distanciava a ilha Ayby de outra sem nome, que era separada da do Cañacar por outro canal que já não existe. Seguiam-se-lhe immediatamente as ilhas Panema e Uretú, entre as quaes corria um largo canal que ainda hoje dá passagem a vapores e que chama-se Paraná-mirim de Silves; ahí desagua o rio Urubú. A esta segue-se a ilha Cacuar dividida em tres pelos furos Urucará e Cucuiary. A maior dellas era a do Ayby, defronte da qual desaguava o rio Anibá.

Estes canaes, considerando-se-l'ho pela escala do *mappa* que chega quasi a meia legua de largura, deviam então offerecer facilima navegação aos mais possantes barcos, até aos maiores vapores que hoje sulcam em todos os sentidos o rio-mar. A acção das aguas do Amazonas porém, fez desapparecer alguns e estreitou por tal fórma outros, que só durante as enchentes podem navegal-os pequenas montarias, que

pelo verão ficam totalmente seccos. Assim todo o archipelago não fórma hoje mais que uma vastissima ilha, limitada ao norte pelo rio Urubú, as sul pelo Amazonas, ao oeste pelo Paraná de Silves (Amazonas) e a leste só no inverno, pelo Arauató. Depois de ter creado este novo terreno, vai o Amazonas destruil-o, em demanda de seu antigo leito, e antes que tenham-se passado alguns annos ha de a ilha de Silves estar outra vez no Amazonas. Os terrenos proximos ao furo Caruçá estão tão destruidos que é impossivel que uma ou duas grandes enchentes mais, não consigam abrir passagem por ahi e unir o pretendido lago Saracá ao Amazonas.

Tendo encontrado a confirmação plena da opinião que baseava em estudos mais ou menos especulativos, escrevi esta noticia que serve de complemento á que dei ha tempos sobre o Urubú. Foi o primeiro que explorou este rio, e deve-se-me relevar que occupo-me com tudo quanto com elle tiver relação, mórmente tendo por fim fazel-o bem conhecido.

Neengaybas As inscrições que existem, nos mostram a marcha do povo emigrado, desde o Norte até á foz do Amazonas, onde os Neengaybas, essa tribu de costumes e civilização adiantada com sua linguagem differente, parecem ser os ultimos descendentes.

Como temos visto a semelhança entre os uzos e costumes do povo que habitou o Amazonas com os dos Normandos é grande, e parece que foram seus descendentes que para o Sul emigraram.

Creio que depois de interrompido o caminho que tomavam os Normandos estabelecidos na America do Norte, para Europa, em procura d'outro, aventuraram-se aos mares tomando para o Sul.

Costa á costa, desceram ás Bahamas, e posto que as correntes e os ventos alizios lhes fossem contrarios, de ilha em ilha chegaram as Antilhas e á Trindade e tocando no continente, pelo Orenoco e pelo Ezequebo

appareceram no Amazonas, atravessando as serras, ou descendo pelo Caciquiare e Rio Negro.

O que era esta marcha, para os ousados navegantes, que atravessavam da Dinamarca á Islandia, desta á Groelandia e vinham á Helluland it Mickla, (terra do Lavrador), Litla Helluland, (Terra Nova), Marckland, (Nova Escossia) e chegavam á Vinlandia, Estados-Unidos?

O caminho a percorrer era menor, e pouco tempo tinham a terra fóra das vistas.

No Amazonas, costeando sempre a margem esquerda demoraram-se entre o rio Jamundá e a Serra da Escama.

Na Costa do Parú, deixaram vestigios, com os muiiraquitans das pretendidas Amazonas e no atterro sepulchral, que fica no lago proximo. D'ahi seguiram atravessando para outra margem e encontrando uma ilha que ahi devera existir, e que mais tarde foi o casco que servio para a formação da Costa dos cacaoes, a que fórma hoje a do lago Grande, e n'ella se demoraram. O atterro sepulchral e os sernambys o confirmam.

Descendo ainda foram dar á foz do Rio Tapajós.

Cumpre notar, que a geologia mostrou-me que, toda essa região comprehendida entre o lago Grande e Villa Franca, no Tapajós, não existia. Essa grande lingua de terra que vem do rio Arapiuns á Ponta Negra foz actual do Tapajós, onde estão os lagos Carriacá, do Veado, furos Arapixuna, Jary, etc., tudo isso não existia então. Por conseguinte a marcha então foi da ilha fronteira a Obydos (que não existe hoje) á ponta de Villa Franca onde desagua o Rio Arapiuns, que conflua com o Tapajós, e ahi levados pela corrente foram dar á Santarém, onde ainda se

demoraram. Que a foz do Tapajós era outr'ora entre Villa Franca e a ponta do Cururu, já tive occasião de o dizer. (*)

Parecendo os sernambys estarem longe do Amazonas, estavam á sua margem então, na mesma direcção e caminho da Serra da Escama, ultimo ponto das inscripções.

Esta marcha que dou ao povo vindo do Norte e que terminou em Marajós, é toda marcada pelas inscripções, pelos atterros e pelos sernambys.

Passo a dar aqui as inscripções, que se encontram desde a Guyana Ingleza até o Amazonas, mostrando antes como são e como me parece que foram feitas. Como disse, duas especies de figuras existem, umas pintadas e outras gravadas; estas são as anti-quissimas e aquellas as modernas. Tratarei por ordem geographica d'aquellas em primeiro lugar que me parece se prendem á marcha do povo que supponho e em segundo das pintadas que datam de pouco mais de um seculo.

As figuras que se vê gravadas, são abertas nas rochas, quasi todas de grés, formadas de areia grossa cimentada por uma argamassa quasi sempre de sex-quioxido de ferro. São rochas extremamente duras, difficeis de gastar-se, a não ser por decomposição ou trituração.

A fórma das figuras e o que representam, vê-se pelas estampas e são formadas por sulcos fundos, ás vezes de 2 pollegadas de profundidade, cujo leito é liso e concavo, semelhante á face interna de uma metade de um entrenó de *bambú*.

Esta fórma claramente indica que foi feita por

(*) Rio Tapajós. 1875.

um instrumento roliço de pau, pedra ou ferro por fricção, auxiliado pela agua e a areia. O parallelismo que conservam as duas linhas marginaes, que terminam os sulcos que formam as figuras, mostram que o instrumento corria em todo o comprimento das partes componentes.

Este processo moroso e fatigante, que duraria dias a obter o resultado, que ainda hoje se observa, não podia deixar de ser feito senão com um fim util e não por passatempo.

A profundidade dos mesmos sulcos, que tem atravessado os seculos e desaparecido com a acção dos agentes naturaes que tem actuado sobre toda a rocha, indica que esse trabalho procurou perpetuar algum facto notavel.

Exprimirão ellas um pensamento? E' fóra de duvida que sim, sem que representem letras. Cada figura é um symbolo e combinadas produzirão um pensamento, cuja decifração ainda não teve uma chave. Se comparar-mo-las com as inscripções runicas, nada ha de semelhante, mas no entretanto encontram-se figuras de reptis, como cobras que se vê tambem em alguns cipos dos descendentes de Odin.

Devo ao meu amigo, Sr. Dr. Charles Brown, (*) as informações que tenho sobre as inscripções da Guyana ingleza, estudadas por elle quando commisionado pela Sociedade Geologica da Guyana. Encontrou elle diversas inscripções no Rio Quitaro, perto da aldeia de Karahanang, na Serra de Paracaina, no rio Correntyne, no rio Berbice e nas cachoeiras de Marlissa. São gravadas em rochas de granito, quartzo porphyro e gneiss.

(*) O jornal da Sociedade authropologica Ingleza, publicou sua observações sob o titulo *Indian pictures Writing*.

Levando eu em 1874, o mesmo Sr. á Serra da Escama, no Amazonas,* onde tinha eu descoberto algumas inscrições, achou elle tanta analogia entre estas e as encontradas por elle na Guyana, que disse-me, não duvidar affirmar, que uma emigração da Guyana houve para o Amazonas e calculou a sua idade em 1000 annos, pouco mais ou menos idade que tinha achado depois do estudo que fez nas da Guyana. Essa idade achada pelo Sr. Brown, vem em meu auxilio.

Eis o que ultimamente disse o mesmo Sr. :

« A few days after our return, in company with our friend Dr. Barbosa Rodrigues, the Government botanist from Rio de Janeiro, who at the time was making collections on the Amazon, we visited the isolated hill called Serra da Escama, which lies close to the town, in order to view the Indian picture-writing on some rocks upon its summit. Following a good cart-road until it terminated at a quarry, some distance of the hill's southern side, we struck of up an open grassy slope to its clear top, 300 feet above the river, where amongst a few scathered trees lay large blocks of coarse, ferruginous sandstone upon which were depicted numerous inscriptions of scroll-work, and, in one or two instances, rude representations of bird's heads.

These forms were very similar to those seen in British Guiana, but instead of being cut in very hard rock were deeply grooved in soft ones, evidently because there were no harder rocks in the neighbourhood. One block showed plainly that a large portion of it had cracked, and subsided to a slightly lower level, since the writing was made upon it; while a large basin shaped cavity, formed by subsequent weathering, attest the great antiquity of the sculpturing. (*)

(*) B. Brown. Fifteen thousand miles on the Amazon and its tributaries. London. 1878, pg. 217.

Datam as inscrições do anno 800 á 1000, época anterior á descoberta da America e que quasi coincide, com a do desapparecimento dos povos da Vinlandia. Outra prova apparece na analogia que existe, entre as nossas inscrições e as Norte-Americanas. A tradição nada nos esclarece; os indios actuaes não tem a menor idéa de quem as fez, e só um ponto de contacto encontro nas respostas dos indios nossos com os da Guyana.

Quando a elles se pergunta quem fez essas gravuras rospodem: Tupana.

Além das inscrições da Guyana Inglesa, que se estendem até proximo ao rio Capú, no Trombetas, existem as do rio Negro, em Venesuella e as que ficam perto de Sta. Izabel, S. José e Castanheiro, em territorio nosso. As mesmas inscrições levam-me a crer que em dous ou mais bandos desceram os emigrantes; guiando ellas o caminho aos mais atrazados.

Um bando vindo do Orenoco, desceu pelo rio Negro e outro subindo pelo Ezequebo, chegando a Serra da Paraima, desceu pelo Rio Urubú, até Itacoatiara.

Uma especie de poço aberto na rocha viva, e enfeitado internamente por inscrições que existe na Serra da Escama leva-me mais longe esta hypothese, a marcar ter sido ponto de reunião ahi dos emigrantes.

Apresento em primeiro lugar as inscrições da Guyana Inglesa e em seguida algumas do Rio Negro.

Não faço descripção, porque a vista melhor comprehende, mas farei algumas observações sobre a que se encontra no Itacapa'n, no Rio Negro. (Vide a estampa).

No primeiro capitulo d'este tosco trabalho, falando das inscrições, fiz ver que uma que dava muita

luz, a mesma crença de que o Brazil foi visitado pelos Normandos, e d'elle nasceu a civilização que se vê expressa nos restos soterrados, era uma que representava uma embarcação, com fórmãs não conhecidas. Com effeito a data da gravura sendo superior a 800 annos, não era possível, que os indios habitantes do Rio Negro tomassem por modelo, as que appareceram depois da primeira que passou em 1541, conduzida por F. Orellana. A' America não tinha ainda apportado Christovão Colombo, quando o artista representava na pedra barcos que então uzavam.

E' sabido que os antigos dinamarquezes, esses *Soekongar*, ou reis do mar, tinham as suas embarcações solidas e feitas com luxo, ás vezes até com dourados e esculpturas. Chamavam-se *drakar*, por terem não só na prôa como na popa, figuras as vezes de dragões.

Ora, comparando as fórmãs da gravura da estampa com as das embarcações antigas da Dinamarca, vê-se que são muito semelhantes.

E' um *drakar*, com o seu dragão na frente, que se a gravura não mostra esculptura, indica uma figura, que nada tem de semelhante com os gurupés das nossas embarcações.

As figuras que se seguem são copiadas das que Wallace, encontrou no rio Uaupés (*). Como se vê, estas parecem querer indicar, serem feitas sem uma significação, porque representam, apenas figuras humanas e de animaes como as fazem a infancia, ou um povo barbaro, e não ter significação; mas, o indio indolente por natureza, não empregaria largo tempo em graval-as só por passatempo, para distrahir-se as

(*) *Travels ou the Amazon and Rio Negro.*

faria com a linda tinta vermelha, que preparam com o sipó Caragiru.

Seguem-se as da Serra da Escama. Fica esta Serra proxima do Amazonas, na cidade de Obydos a 300 pés acima do rio.

No seu cume em diversas rochas esparsas estão gravadas as inscripções, pela maior parte hoje destruidas pela alavanca do cavoqueiro. Entre ellas encontrei uma, profundamente cavada, com mais de um metro de diametro em fórma de poço, que penso que servia de reservatorio para agua dos que ahi se estabeleceram. O trabalho de perfurar a rocha e depois ornar a face superior e interior com desenhos, dá uma idéa muito lisongeira do povo que ahi se demorou.

Esse reservatorio poderia ser para o de aguas pluviaes, para d'ellas se aproveitarem, visto como a agua do rio é difficil de para ahi ser levada,

Se foram os emigrantes, parece que o primeiro bando ahi se demorou largo tempo, e talvez cansado de esperar, seguiu para a margem fronteira e d'ahi foi ao Tapajós, onde os primeiros Sernambys se encontram, deixando a inscripção para guial-os.

As inscripções do alto da Escama vão desapparecendo, debaixo do marão do calceteiro, para calçar as ruas de Obidos, onde em alguns lugares se encontram pedras com signaes de inscripções.

Quando ahi estive, instei para que se acabasse com esta destruição, porém sem resultado. Cabe aqui dizer o que disse o mesmo Sr. Gravier, da destruição de rochas semelhantes: « Le pionnier des savanes n'est pas un artiste; il ne voit sur les rocs que des griffonnages insignifiants, tracés sans but au hazard de l'outil, par des paresseux Indiens. Aussi, quand le sol est en culture, l'homme de science arrive trop

tard pour détromper le colon; la precieuse épave, comme un vulgaire bloc de granit, a pris place dans un mur ou dans les piles d'un pont. » (1)

Depois d'estas inscripções não apparecem outras no baixo Amazonas, senão as que se vê nas rochas do alto da serra do Ereré, (1) na parte denominada Aruchy, que não são gravadas e sim pintadas. Estas tem de existencia hoje cento e treze annos e foram feitas em 1764, segundo consta da data ahi feita com a mesma tinta das figuras, e seis annos depois de ser a missão de Gurupatyba elevada á villa.

Foram feitas pelos indios de alguma das tribus Guarauará, Cuçary, Curiuré ou Jacypuia que ahi habitavam, aldeados pelo padre jesuita Manoel da Costa, que pertencia á missão de Gurupatyba, que o mesmo fundou, e que durou até o anno de 1692, epoca em que passaram os Capuchos da Piedade a tomar d'ella conta, em virtude de uma Ordem Regia d'essa data, passada a pedido dos padres da Companhia de Jesus.

A tinta empregada foi a feita com o extraido do cipó Caragiru (*Bignonia chica*) que ahi abunda, dissolvido em azeite de yandiroba, (*Garapa Guyanensis*).

A tradição fallada conta uma historia referente á expertezas dos jesuitas, que não passa de uma fabula, pois a propria data encarrega-se de a desmentir, visto como os jesuitas n'essa epoca já tinham sido espellidos do Parà; salvo se se referem ao Padre Brasileiro Domingos Caetano de Lima, que era n'essa epoca o vigario d'ahi.

(1) *Congrés des Americanistes de Nancy*. Vol. I, pg. 169.

(1) *Corruptella de Erery*, ostra, nome tirado talvez da presença dos fosseis, Brachiopodes, que no campo proximo se encontram.

Contam que as duas figuras que representam o sol e lua, os protegia na época em que se dirigindo á metropole, queixaram-se a S. Magestade que «estavam passando mal, dormindo sobre pedras duras e furadas chamadas *cunhãmucus* e comendo bichos ferozes chamados *yurarás*. »

A metropole compadecendo-se d'elles abarrotou-os de presentes, não sabendo que *cunhãmucus*, eram donzellas e *yurará*, tartarugas.

Pregavam então a doutrina do Crucificado na gruta de Tatupaoca, (1) obrigando os indios a satisfazer sua cobiça, com a capa da religião.

Impunham um tributo com o qual podiam resgatar seus peccados e que consistia em certo numero de potes de oleo, e arrobas de salsa, etc., que deviam depositar ora debaixo da figura do sol, ora da lua. Dous ou tres dias depois de pago o tributo, é que podiam ir ver se Deus acceitara a offerta.

Se esta era pequena, encontravam-a no lugar, se grande eram absolvidos, cuja prova era o desaparecimento da offerta.

Eis como contam a fabula, querendo-se attribuir sua feitura aos missionarios, o que não é exacto. Não duvido que elles assistissem a esse trabalho, o que prova a data escripta, mas o que é fóra de duvida é que o missionario que datou, estava então reunido a grande numero de individuos, onde haviam não sómente homens, como mulheres e crianças. Prova-se isto pelas marcas que entre as figuras, existem, de mãos de homens, mulheres e crianças, que molhadas na tinta, eram calcadas sobre a rocha, que é

(1) *Ita*, pedra, *tupan*, Deus, *oca*, casa, isto é, Igreja.

argillosa, deixando assim impressas as suas fórmãs e que como a inscripção tem resistido á acção do tempo.

As fórmãs das figuras vê-se na estampa.

Não sendo contemporanea, das inscripções de que acabo de tratar, marcam comtudo ellas uma época ou um feito talvez notavel, mas, que por mais esforços que fizesse nem a historia, nem a tradicção me revelou.

Aqui as consigno para que com o tempo não se percam, ou desapparecendo a data outra interpretação se dê a ellas.

Antes de terminar este escripto, cumpre notar que grande analogia ha entre os desenhos das inscripções e alguns da louça de então, principalmente com a encontrada na antiga aldeia das pretendidas Amazonas e as da ilha de Joannes, onde a cruz figura muitas vezes. Póde-se tomar como o desenho mais infantil, mas ante as provas que existem, não revelarão ellas signaes do christianismo dos Normandos?

Os muirakitans uzados só pelas Amazonas, encontrados tambem no Orenoco, não é uma prova de emigração ?

A jade ou obsediana está provado existir, na America, só no Mexico, e como veio ella apparecer artisticamente trabalhada na mão da tribu que Orellana encontrou ?

No tempo anti-colombiano a jade foi uzada na America do Norte, muitos annos antes, do apparecimento dos *pelles vermelhas*; esta unidade de uzo, não mostra um commercio entre as duas Americas, antes uma emigração ?

Para mim é fóra de duvida, que a comparação entre as inscripções Norte Americanas, com as do Amazonas, mostram, a existencia e a marcha de um

povo de costumes iguaes, quando mesmo não comparar-mos, as armas de pedra, a louça e os Sernambys.

Concluo aqui este ligeiro trabalho, fructo dos meus estudos no Amazonas.

E' imperfeito, mas oxalá, possa elle ser continuado, por outro observador consciencioso, e que tenha as luzes que faltam a seu autor.

Rio de Janeiro Maio de 1877.

J. BARBOZA RODRIGUES.



Explicação das estampas

EXTAMPA I

FIG. 1. Representa um corte vertical dando a idéa approximada do *Sernamby da Taperinha*. *a.* Sernamby ou monte de conchas, onde se encontram além de instrumentos de pedra, espinhas de peixes, e ossos humanos. *b.* Terrenos de alluvião moderna cobertos de mattas. *c.* Canal artificial, atravessando o Sernamby. *d.* Terrenos de alluvião antiga, praia primitiva banhada pelo Amazonas. *e.* Nivel actual das aguas do Amazonas. *f.* Encosta da serra da Taperinha, na qual existe um vallo, que desce do alto á antiga praia e sobre a qual existio o aldeamento, dos que fizeram o Sernamby.

FIG. 2. Representa um plano imaginario do rio Amazonas, para mostrar a sua estructura geologica. *a.* Terrenos antigos, leito do Amazonas, estendendo-se em alguns lugares ás margens, formando as *terras firmes*. *b.* Margens formadas posteriormente sobre as quaes estende-se a *vargem*. *c.* Margens da alluvião moderna, que formam os *igapós* e ás vezes *vargens*. *d.* Ilha de formação moderna, que ás vezes é destruida pelas aguas. *e.* Terras firmes cobertas de floresta. *f.* *Terras cahidas*, isto é, margens de formação moderna, que minadas pelas aguas destacam-se e são levadas pelo Amazonas. Ha uma crença, que diz ser isto produzido pelas excavações feitas pelo *tatu-assú* ou *mboia-assú*, a cobra grande.

ESTAMPA II

FIG. 1. Inscricção encontrada no rio Correntyne, acima da cachoeira Wonotobo. FIG. 2. Inscricções em um braço do Rio Correntyne. FIG. 3. Inscricções encontradas acima da cachoeira Christmas, no rio Birbice. As figuras sem numeração são encontradas em diferentes lugares, perto de Marlisa, no rio Berbice.

ESTAMPA III

Inscrições encontradas no rio Ucayary, vulgarmente conhecido por Uaupes, nome que tira da tribo desse nome que nelle habita.

ESTAMPA IV E V

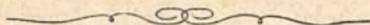
Estas inscrições muito reduzidas encontram-se no alto da serra da Escama, em Obidos, abertas em diferentes rochas todas esparsas, julgo, porém, que estavam sobre uma só rocha, que a alavanca e o marrão do cavoqueiro despedaçou, não só para o calçamento das ruas como para a construcção dos alicerces das casas da cidade.

As que aqui represento são as unicas que existem.

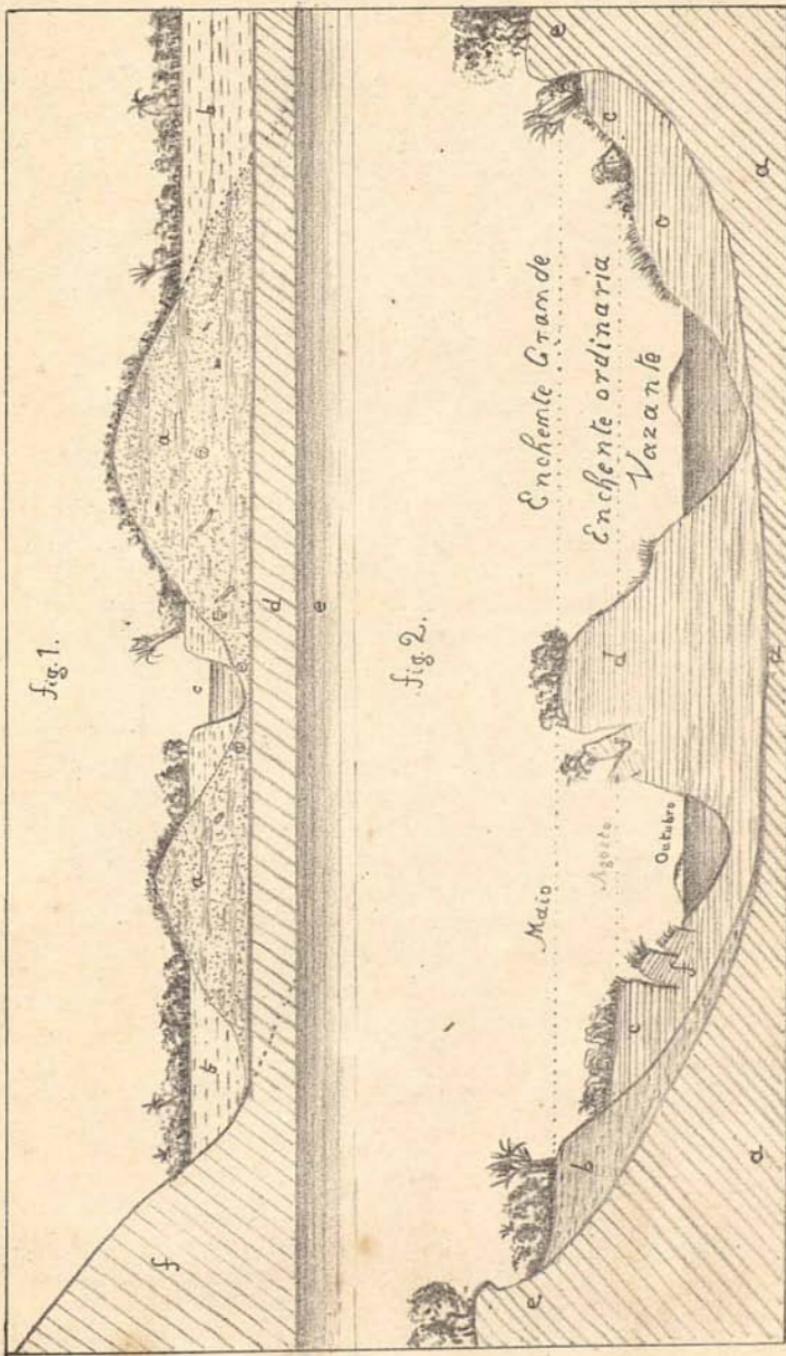
ESTAMPA VI

Representam as inscrições, que se encontram na parte norte das serras do Ererê e Aruchy, espalhadas em diferentes alturas das rochas. As figs. *a* e *b*, representam o sol e a lua, de que falla a tradição, tendo o primeiro 0^m,21 de diametro e a segunda 0^m20. As figs. *c* *d* e *e* estão unidas quasi ao solo.

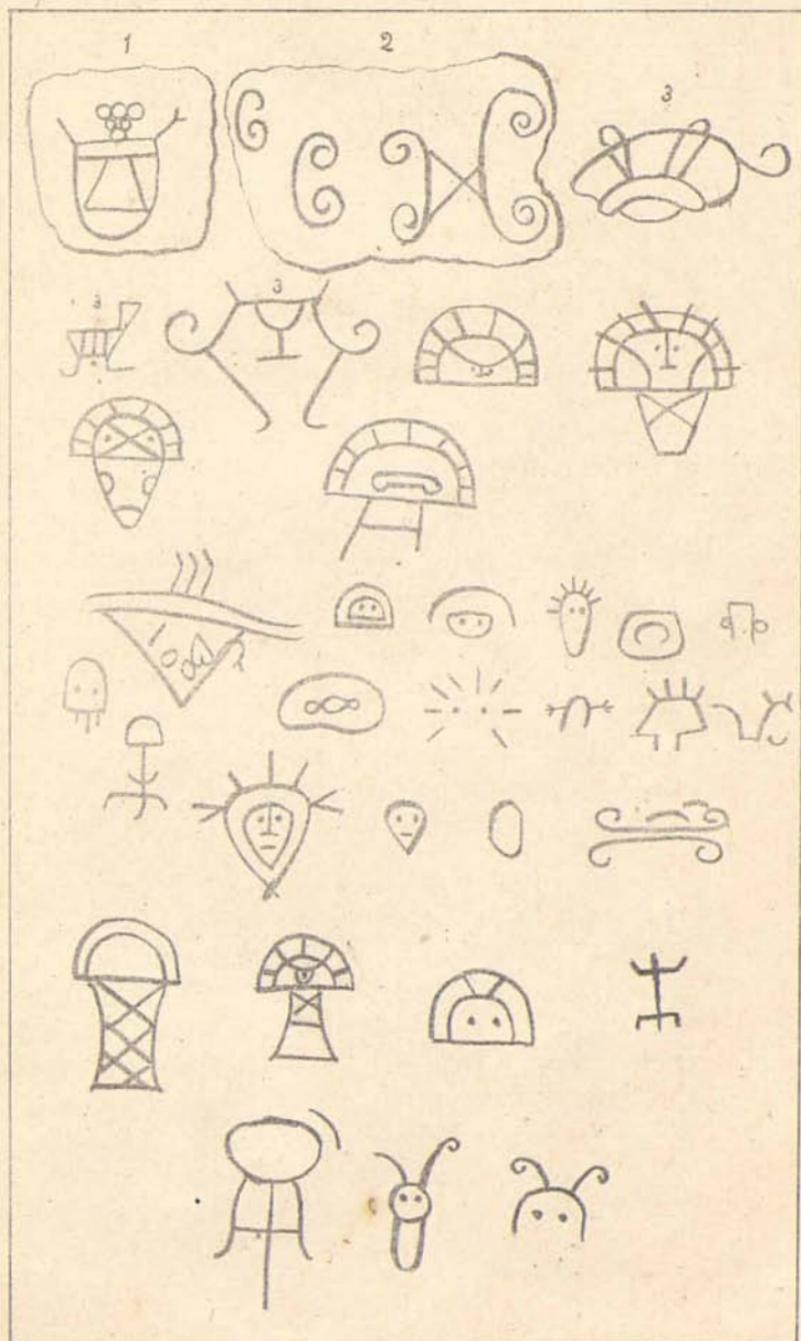
Em geral todas as figuras não tem menos de dez centimetros.



I.



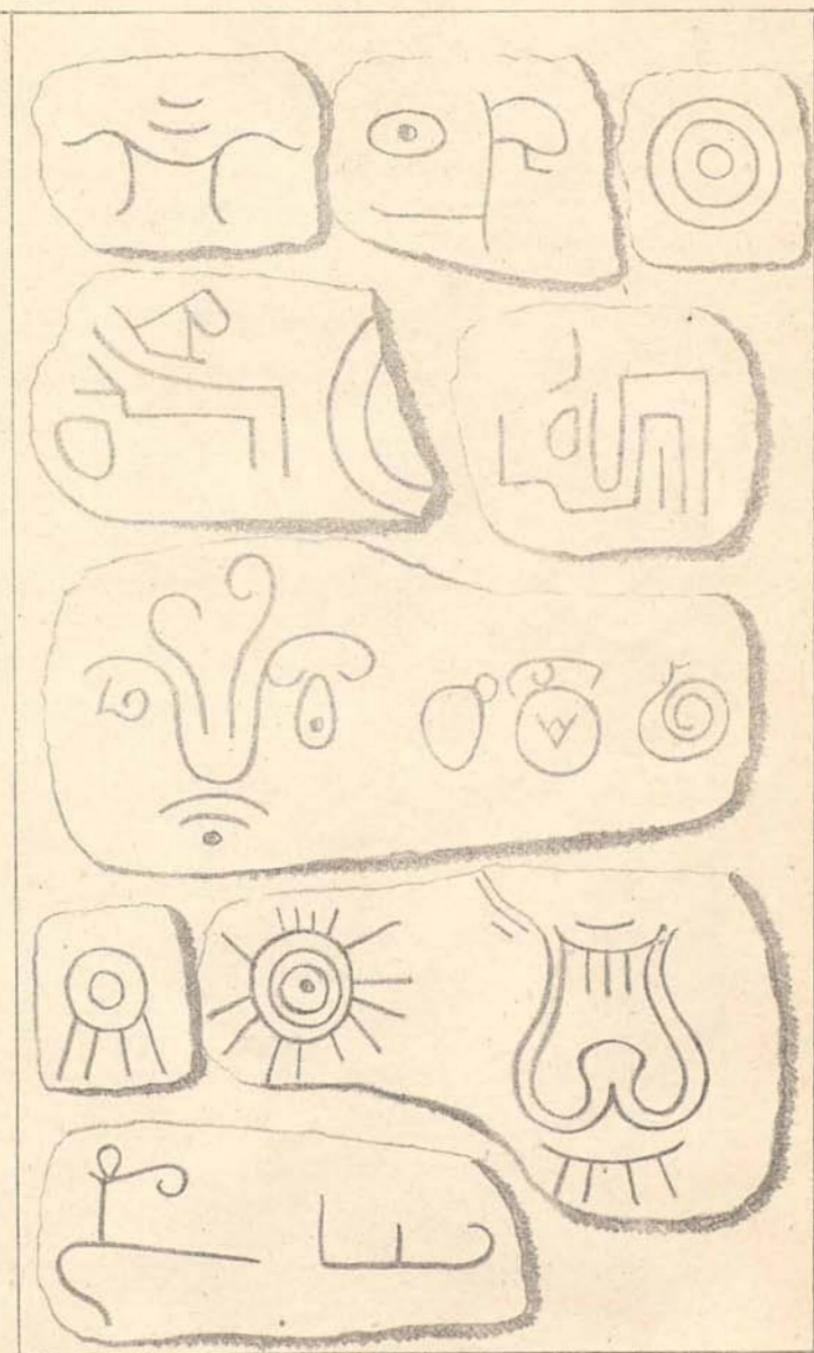
II.

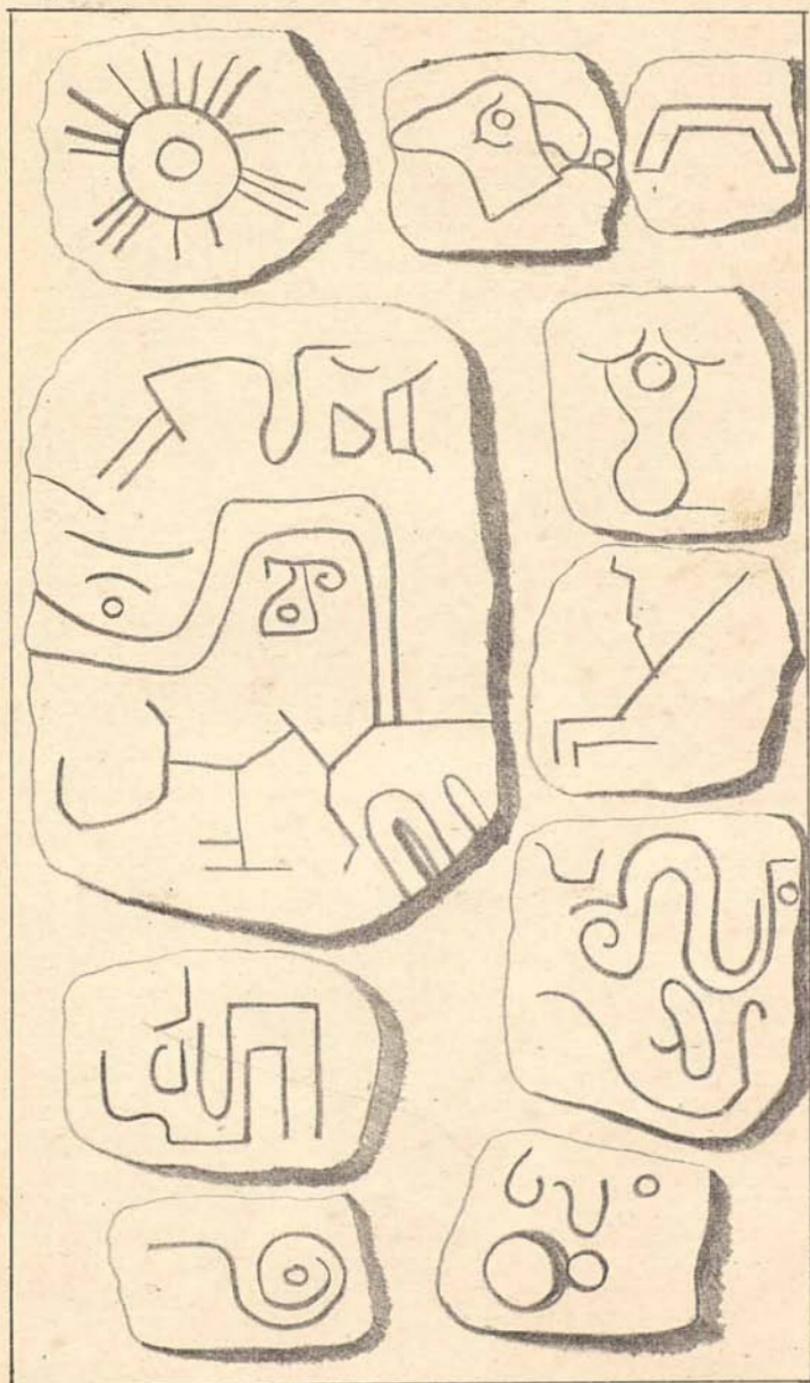


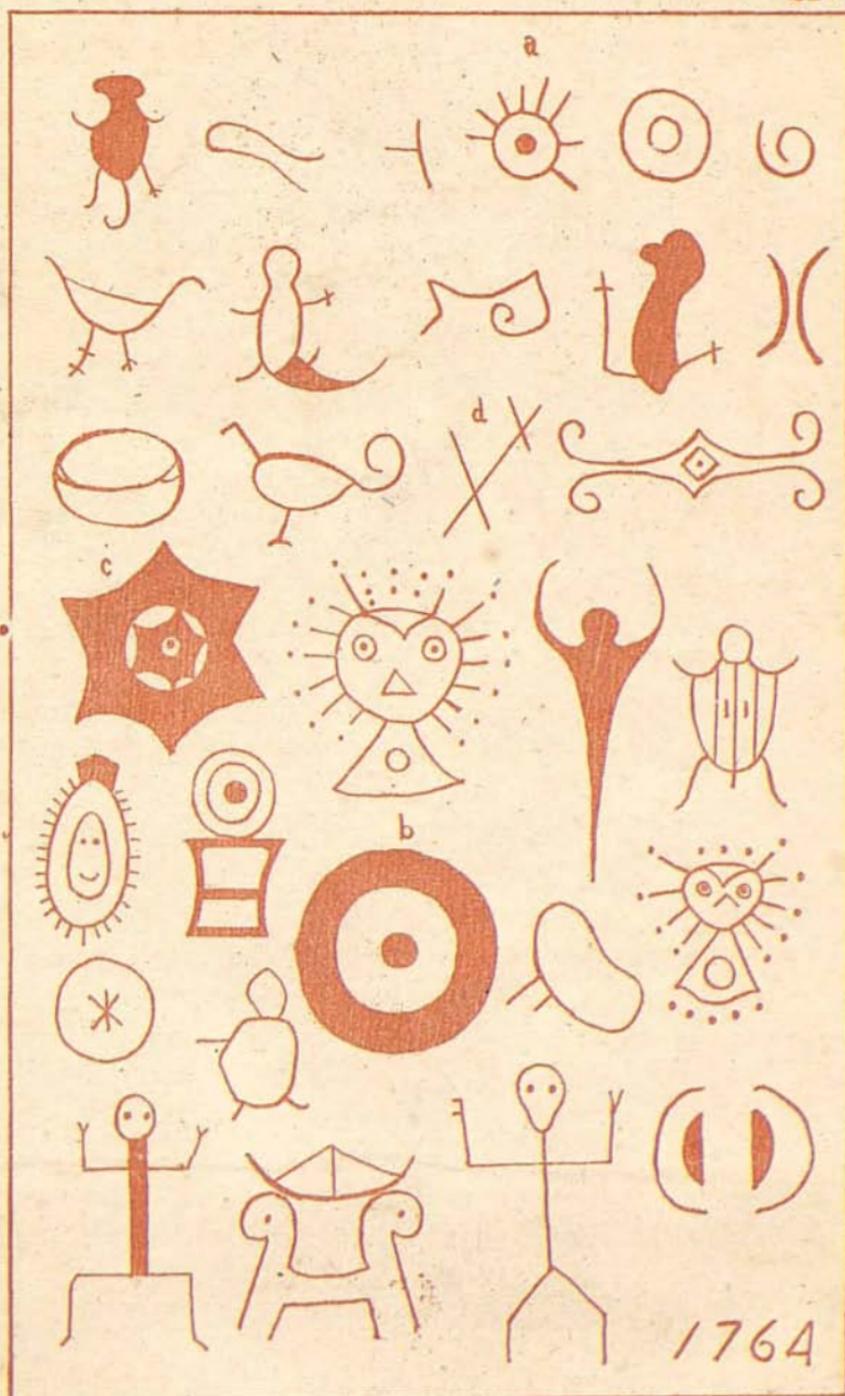
III.



IV.







OBSERVAÇÕES

SOBRE AS

Duas urnas (Est. VII, figs. 3^a e 4^a) descriptas e figuradas pelo Sr. Domingos Soares Ferreira Penna em seu artigo — **Apontamentos sobre os ceramicos do Pará**, inserto na revista **Archivos do Museu Nacional**.

Deparando no vol. III dos *Archivos do Museu Nacional* do anno de 1877, publicado em Fevereiro de 1879, com umas observações sobre o que escrevi sobre duas urnas da ilha de Marajó neste trabalho, passando n'ellas de relance os olhos a principio pareceu-me um forte castello inexpugnavel, mas apenas encetei a leitura, vi que o que parecia ser dura rocha não eram mais do que cartas de jogar, tão bem combinadas que escondiam o desapontamento e o despeito, mas tão fracamente cimentadas que não só os descobrimos pelas fendas, como o seu desmoronamento os patenteia.

Dando graças á minha boa estrella, que assim proporcionou-me o ensejo de publicar mais dous objectos de Marajó, farei a meu turno observações sobre o escripto em questão, que não faria talvez se não se tratasse de um escripto com o cunho official.

Não para defender-me, mas para que se possa bem patentear a natureza da accusação, e o leitor

lavar a seu talante a sua sentença citarei *ipsis verbis* os trechos necessarios.

O illustrado Sr. Dr. Couto de Magalhães nas suas *Raças Selvagens do Brazil*, unidas posteriormente ao seu *Selvagem*, dá o nome de *Atterros*, ás eminencias ou collinas artificiaes antigas de cemiterios que se encontram não só na ilha de Marajó, como em outros pontos do Brazil e posteriormente propuz o de *Atterros sepulchraes* para esses mesmos cemiterios parecendo-me que devia distinguil-os bem dos que são feitos em lapas e grutas, como os do Rio Maracá, no Pará e o da Serra do Castello, no Espirito Santo, e os dos terrenos naturaes, que ainda se dividem em antigos e modernos.

A pag. 48 do citado volume lê-se:

« A's que se acham em pequenas eminencias ou collinas artificiaes, como no Pacoval e nos *Camutins*, tem os mais entendidos dado o nome de —atterros e atterros sepulchraes,— palavra e expressão que só podem significar um pantano, uma baixa ou um valle que se nivellou, intupindo-o com terra e cadaveres humanos. »

Que a denominação *atterros* foi bem dada pelo Sr. Dr. Couto de Magalhães o justifica o autor dizendo á pag. 49 que a ilha « é uma vasta planicie cuja superficie não se eleva sensivelmente acima das aguas que a rodeiam.... não tem montes nem collinas.... No verão fica enchuto e secca excepto em alguns lagos e no immenso pantanal *mondongos*, etc. » Para se elevarem as pequenas eminencias e collinas artificiaes, acima das enchentes annuaes, haviam de ter carregado terra os habitantes de um ponto para outro para altearem o espaço que desejavam ver sobranceir^o

às aguas. *Aterrar* não significa só *nivelar*, *entupir* um espaço completamente, significa também *altear* um ponto qualquer por camadas de terra, se também não erra o velho Moraes. Ora alteando-se um ponto de uma planície que se alaga no inverno, com camadas de terra trazidas de « uma excavação, do outro lado do igarapé Camutins, semelhante ás que são feitas na construcção das estradas de ferro » como nos diz o illustrado Sr. Derby (*), parece-me que esta collina ou monte alteado annualmente, deve ter o nome de aterro, quando mesmo, como Atlas, esses montes fossem trazidos ás costas dos naturaes.

Muito propositalmente adoptei o nome de aterro, para que se não confundisse com os *cromlechs*, *dolmens* *cairns* de pedra ou mesmo com os *mounds*, que dão também uma idéa de fortificação. Poderia denominal-os *acervos*, *collinas*, *montes*, mas preferi o nome de aterros por caracterisar o facto de serem elevados sempre em logares que se alagam.

Vejamos se mal denominei esses atterros com o adjectivo *sepulchral*. O que é um sepulchro? Uma sepultura mais ou menos distincta para uma ou mais pessoas. Um monte de terra que se eleva annualmente no meio de uma planície que se alaga, formado de stractos de urnas mortuarias, que formam um cemiterio, não é o sepulchro da aldeia que devera existir? É um cemiterio, mas pela fórma monumental, este deve forçosamente tomar o nome de sepulchral por que se afasta do vulgar.

« Quando, porém se lhes mostra, na ilha de Caviana ou na mesma ilha de Marajós, no meio de

(*) *O Vulgarisador*, n. 7 pag. 60.

uma vasta planície, por toda a parte egual depositos semelhantes, sem que haja ali o menor signal de aterro, nem de elevação, nem depressão do terreno não lhes occorre um nome que a isto possam explicar. E' verdade, o *aterro sepulchral* é um monumento, o cemiterio vulgar não o é, por isso procurei um nome que á primeira vista exprimisse o objecto e o distinguisse. Nas minhas *Antiguidades* não tratei dos cemiterios vulgares, e sim d'aquelles que davam alguma noção dos seus constructores.

Aventurei-me a propor o nome de *aterro sepulchral*, para os monumentos elevados em terrenos alagadiços formados de terra movediça e de igaçauas ou urnas mortuarias, mas tive o dissabor de vê-lo despresado pelo de *Ceramio*, que segundo o articulista « exprime, por sua etymologia, um local em que abundam artefactos de barro, como Pacoval, Santa Izabel, Camutins, Maracá etc., e por sua applicação entre os gregos, — *jazigos onde repousam os ossos ou cinzas de homens distinctos por seus serviços*. Ainda n'este ultimo sentido o nome *Ceramio* é plenamente applicavel aos chamados *Aterros sepulchraes*, pois não resta duvida que as urnas mortuarias que n'estes se tem encontrado pertenciam unicamente a pessoas, que por qualquer principio, gozavam de certas honras e distincções entre as populações indigenas. »

Querendo adoptar para os meus *Aterros sepulchraes* o nome de *Ceramio*, passo a ver se elle preenche o seu fim, se exprime caracteristicamente a formação, a composição, a estrutura, etc., etc. A archeologia é hoje uma sciencia, por isso n'ella tudo deve ser exacto e preciso; os nomes creados para os seus monumentos devem perfeitamente caracterisal-os.

Etymologicamente *Ceramio*, vem de Κέραμος, ar-

gilla de oleiro, de *κλιω*, queimar e *ἔρα* terra, por conseguinte comprehende tudo quanto a arte ceramica produz, ou mesmo as olarias. Um cemiterio monumental por conter urnas de barro cozido póde ter esse nome? Como differençar-se um cemiterio antigo de uma olaria? *Ceramio*, que o autor modificou, como diz, da palavra latina *Ceramicus*, historicamente segundo Plinio, era um golpho, na Caria, provincia da Asia menor e se deriva de *Ceranium*, que mais se aproxima da nova palavra creada, significa a praça de Roma onde morou Cicero. *Ceramici* é que era, é verdade, um grande terreno onde houve algumas olarias e que mais tarde desapareceram, para n'elle se edificarem grandes templos, theatros e porticos formando assim a mais bella praça de Athenas, o melhor passeio onde o povo se reunia. Parte d'este terreno, com a edificação, ficou extra-muros da cidade e formou outra praça onde havia o jardim da Academia, conservando o mesmo nome. Na praça, pois, intra-muros é que quando havia alguma guerra o povo se reunia e á sua custa faziam-se funeraes e orações publicas pelos soldados mortos pela patria que nem todos eram illustres, e que nos campos, longe d'ahi tinham sido enterrados. Dirivando, mesmo, das olarias o nome da praça e não de Ceramos, filho de Bacho e Ariana, como alguns querem, pergunto eu que relação havia entre os mortos e os enterrados longe d'essa praça, com as officinas, *Kerameion*? O povo perpetuou a lembrança das olarias, conservando o nome para o da nova praça, tinha razão; mas devemos nós adoptar um nome, que já no tempo dos funeraes nada significava, para um cemiterio indigena só porque contem vasos de barro?

Eram as cinzas dos mortos guardadas em urnas

de barro superpostas e estratificadas em algum templo d'essa praça? Existe algum acervo assim feito, que os nossos nol-a recorde? Creio que não.

Não resta duvida que as urnas mortuarias são de pessoas que gozavam de certas honras e distincção, como saber-se? Onde apparecem os pergaminhos e os titulos de nobresa? O que se encontra? milhares de urnas, com desenhos e fórmás diferentes, de varios tamanhos, de diferentes sexos e idades, contendo algumas fragmentos de ossos. Como saber-se que na republica d'esse povo a classe superior não se confundia jámais com a inferior nem mesmo depois da morte ou no silencio dos sepulchros? (1) Pelo tamanho dos vasos? Pela desenho e colorido? Pela fórmula? Pelo sexo? Pela idade? ou pelos ossos?

Reconhecer-se-hão como os dos soldados de Duclerc achados no Rio de Janeiro? Qual o distinctivo que dá a conhecer os illustres? Onde está o cemiterio da plebe? É o dos terrenos naturaes? Mas ahí as urnas tambem offerecem os mesmos distinctivos. A admittir-se que só ahí se sepultavam os que tinham honras e distincções havemos de admittir ou que toda a tribu ahí existente era illustre, porque não só os homens o eram, como as mulheres e as crianças, ou então era uma especie de exercito de generaes commandados por alguns soldados, como indica os milhares de individuos ahí enterrados. Essa multidão era illustre, onde está a que o não era? Pela proporção deve ser muito menor, porque não ha vestigios d'ella, quando naturalmente devera ser maior.

Quizera adoptar o nome que officialmente se propõe, mas não o posso; não vejo analogia entre os

(*) Arch. do Mus. Nac.

potes de Marajó, com as orações da praça de Athenas ; não posso reconhecer as honras que tinham ao mortos do Pacoval, nem tão pouco na palavra vejo sua significação. Entrei n'estas observações, como entra um pai quando vê um filho atacado, ainda que seja por outrem mais illustrado do que elle, defendendo-o.

Para justificar ainda mais a minha repulsa, vem este periodo, a pag. 49 : « este nome tem a vantagem da generalidade, isto é, abrange em sua significação toda sorte de depositos de urnas, louça e mais utensis de argilla ». A vantagem que tem o nome *Ceramio*, é a da confusão, é a de com os objectos de argilla construir uma nova torre de Babel.

O estrangeiro que chegar ao Brazil e quizer examinar um atterro sepulchral (*Ceramio*) tem de cair em muitas decepções. Supponha-se um peruano que chega a Manáos. Ha aqui algum *ceramio* ? Pergunta. —Muitos, respondem. Levam-o ao cemiterio da Praça do Terreiro Aranha ; não é. Levam-o á olaria do Sr. Coronel Papajós ; não é. Faz uma viagem, vê uma *tauaquera* ; não é. Faz segunda e terceira e muitas viagens assim, sempre com decepções, para afinal depois de muitas despezas chegar a ver o que deseja, muito longe d'ahi. Os fragmentos de louça que indicam nas terras pretas a antiga aldeia, (*tauaquera*,) não é o cemiterio, (*tybyritá*) o cemiterio não é a olaria e a olaria não é monumento archeologico para o qual dei uma denominação, que não tinha. *Tauaquera*, *tybyrita* e *atterro sepulchral*, não podem ser synonymos, para serem abrangidos pelo nome commum de *Ceramio*.

Magna aqui é a questão, o articulista ataca-me directamente os fóros de observador, apresenta-me como um escriptor que sem critica toma qualquer informação e intriga-me com o estrangeiro. Parecerá a quem

ler o artigo vêr ante si uma muralha, que se eu tentar transpol-a ficarei esmagado, mas não passa de papelão pintado.

Não estive em Marajó, não vi os aterros sepulchraes, mas tenho desenhos e a planta do Rio Arary, e do Pacoval, levantada e informada pelo 1.º tenente J. M. Mancebo, que foi ao Pacoval com o autor do artigo. D'ahi offereceu-me o mesmo senhor alguns objectos e muitas informações de pessoas insuspeitas tive e que não as aceitei sem quarentena.

Cumpre notar, que as minhas *Antiguidades* não é um trabalho descriptivo, entram os objectos e os monumentos para comprovarem a opinião que formo da civilização anti-Columbiana no Amazonas.

A pag. 74, diz-se que para *sanar incorrecções* deu (pag. 57) *uma descripção circumstanciada*, e passa a apresental-as :

1.º *A urna maior* (Est. XII fig. 2) *não é pintada de preto, côr que difficilmente ou rarissimas vezes se achará em artefactos dos antigos indios... as côres que mostrava era vermelha ou rosea e acinzentada ou pardo claro.*

2.º *As dimenções não são exactas.*

3.º *A urna menor não pertencia ao sexo masculino.*

4.º *Ha uma novidade digna de nota, na urna menor, a urna mostra uma grande fractura na bocca, emquanto que eu a representei inteira mesmo nos lugares em que o original está quebrado,*

5.º *Fiz uma restauração, commettendo uma falta irreparavel.*

Passo a forçar as muralhas do grande castello uma a uma.

§ 1.º *A urna não é pintada de preto: Nas vespas de minha partida de Belem para o Rio de Janeiro,*

depois de ter examinado as igaçauas de Maracá depositadas no Museu Paraense, sabendo que existiam duas de Marajó em casa do photographo Sabino, para lá me dirigi acompanhado do 1.º tenente J. Marques Mancebo. Ahi chegando disse-me o mesmo photographo que tinham sido levadas para o Museu, encontrando ahi sómente uma especie de bacia de rosto da mesma procedencia, que disse-me o mesmo senhor ser a base da urna menor, o que não acreditei, apesar de ser louça de Marajó.

No dia seguinte fui ao Museu, e me communicaram ainda não terem chegado. N'esse mesmo dia recebi do Sr. Mancebo, não só uma boa photographia de ambas, como as medidas em *palmos* e as informações que eu pedira. Note-se que esse senhor viu as igaçauas e por ellas tirou as medidas. Quanto á côr disse ser a encarnada e a preta costumada em quasi toda a louça de Marajó. Não podia duvidar da palavra desse amigo que me tinha dado louça do Pacoval, pintada de preto, *branco e vermelho*, côres que tambem existem em alguma louça que está no Museu Paraense. É verdade que a urna não tem pinturas pretas, engano facil de dar-se sabendo-se das côres de quasi toda a louça e vendo-se na photographia desenhos negros muito differentes em tom dos mais que ornam o fundo da igaçaua, mas tambem não é pintada *em relevo* de *cinzento* ou *pardo-claro*, como o diz na *circumstanciada* discripção a pag. 57 como adiante veremos. Se cahi nesse facil engano, admire-me que quem é tão conhecedor da louça de Marajós, diga que *difícilmente* ou *rarissimas vezes* se encontra essa côr na louça antiga. Nos *Archivos do Museu Nacional* (*)

(*) Vol. I, pags. 21-25. Est. III-IV.

estão descriptos e representados alguns objectos do Pacoval, todos de côres *vermelha* e côr de *terra de Umbria quasi preta*, que provam o contrario.

Quando disse preto, (*atratus*) disse em geral, não especifiquei a qualidade. Preto não é só o *nankim*, que tem tambem gradações do cinzento e do pardo claro até ao negro. As tintas negras, quer dos civilizados, quer dos selvagens são sempre producto de um vegetal, assim o *cumaty* indigena, e os *noirs* de *vigne*, de *pêche*, de *Prusse*, dos francezes tambem o são. Todos são pretos, mas com gradações diversas. O preto das igaçauas é sugeito a esta gradação, assim vê-se no mesmo objecto do pardo claro ao negro, conforme a camada da tinta e a porção que foi estragada pela acção do tempo. O selvagem não usa outra côr sinão a branca, a vermelha, a roxa e a preta, feitas de *tauatinga*, *urucu*, *caragiru*, *caa-piranga*, e a que obtem com a fuligem da fumaça dos cocos, e das resinas. Esse preto é semelhante e obtem a mesma gradação das aguas do Rio Negro, que negras como tinta no centro do rio, á medida que se aproximam das margens tomam a côr de café pouco mais ou menos, e tornam-se cristalinas n'um copo. Um objecto que foi pintado de preto, mas a que o tempo esclareceu a côr, dando-lhe quasi outra, não devia dar-lhe senão a côr que tivera.

§ 2.º Aqui, como no § 1.º, confesso, as dimenções que dei não são exactas, mas exactas tambem não são as suas, porque cometteu uma falta imperdoavel como a de não dar a medida do maior diametro ou do bojo da urna, que é de 0,º31.

As medidas n'este caso, não dão motivos, para um artigo especial, quando não se quer fazer questões, porque é uma cousa secundaria. Medidas nunca fizeram caracteres genericos, quando muito entram no

Tintas
pretas

especifico, porque variam com as circumstancias, tanto que não se me poderá apresentar outra urna com o mesmo desenho, porém, com igual dimensão. As minhas medidas não tiram as fórmãs, nem a fazem muito maior; differença de alguns centímetros.

§ 3.º Um erro typographico, mudou *femenino* para *masculino*, que passou por não terem sido as provas correctas por mim, que me achava em Minas Geraes, quando foram publicados os *Ensaios de sciencia*. Mas tendo eu representado o sexo feminino, serei tão innocente, que por não estarem vestidas as urnas não podesse distinguir os sexos? Ou não saberei distinguir o orgão feminino do masculino? Creio que sim. Sei pintal-o, mas não sei distinguil-o, quando mesmo esteja claro e bem representado, como o está na photographia e viu no original o Sr. Mancebo. Poderão dizer que então o erro não foi só a palavra *masculino*, estendeu-se a estas—*algum curumy*. Curumy, criança, no tupy, como em todas as linguas, é empregado por ambos os sexos, e usado no Pará e no Amazonas sempre no masculino, quer se refira ao menino quer á menina.

§§ 4—5 A urna tinha uma parte da bocca quebrada e eu restaurei-a. Que falta irreparavel! Tinha um lado perfeito, como se vê na Est. VII. fig. 4, dos mesmos *Archivos*, e por elle restaurei o outro, por meio de linhas de pontos, como o fiz nas outras *figuras*; mas ao passar para pedra foi completamente restaurado. Disfigurou a urna? Omittiu-se alguma cousa ou accrescentou-se? Por um lado perfeito não se póde avaliar o outro, ou seria tão differente o outro lado, que essa restauração disfigurou? Senão disfigurou o objecto porque é falta irreparavel?

Falta irreparavel, imperdoavel e mesmo scientifi-

camente criminosa, é dizer que a urna tem *dupla face* e não a descrever ou representar, quando diz que é *character que a distingue de todas as outras*. Descreveu ambas as faces? Não. Phantasiando uma Atheniense, cobre a urna com vestes requissimas, sem descrever os desenhos, dizendo apenas que são *ligeiros relevos*, sem dizer o que figuram ou o que elles representam. Diz que pertencia a uma mulher *casada*. Admittindo mesmo que a civilisação da *illustre* defunta, conhecesse o sacramento do matrimonio, como sabe que só em *certas circumstancias* a mulher casada usava do distinctivo na igaçaua? Em que circumstancias? Porque só ao tocar a nubilidade e depois do casamento? Só n'essas duas épocas a mulher tem pudor? Chegada a nubilidade a *cunhãmucu* perde o pudor, para adquiril-o mais tarde?

Na circumstanciada descripção lê-se que as duas faces são *perfeitamente iguaes* em côres, ornatos, fôrma, estylo, em *tudo finalmente*. Nego, é apenas semelhante. Quando mesmo fosse um lado moldado por outro haviam de haver differenças.

Passo a provar; examinei no Museu Nacional a urna e posso corrigir algumas incorrecções da circumstanciada descripção. Os desenhos que a descripção dos *Archivos* diz ser em *relevo* são em *gravura*, depois do fundo pintado de branco. A *cór cinzenta* ou parda claro, não é mais do que a argilla do terreno que entranhou-se na gravura, destruindo a tinta vermelha que a cobrio e que em muito poucos logares ainda se vê; em relevo só existem os olhos, o nariz, as sobranceilhas, os peitos, o umbigo, os pés, os braços, a facha e a tanga, cuja pintura é tambem feita por gravura sobre ella. Para mostrar que não é igual, basta só citar-se estas dimensões: do umbigo

á ponta da facha de um lado mede 0,^m055, e do outro 0,^m065; do bico de um á outro peito de um lado 0,^m15, de outro 0,20; do angulo interno de um á outro olho passando-se a medida por sobre o nariz 0,^m1, de um lado e 0,09 de outro; os desenhos além de não guardarem as proporções não são semelhantes por que compostos de linhas que se unem mais ou menos em angulos, esses não são iguaes e os lados não proporcionados. Na tanga vê-se em ambos os lados seis linhas de pontos grandes, mas o numero delles não são iguaes nas duas faces. Falta irreparavel commetteu em não ter figurado ambas as faces, ou ao menos de lado, para que se vissem ambas as faces de perfil, e não sei como escapou á sua perspicacia este character de primeira ordem e tão importante que falta gravissima seria omitil-o em qualquer descripção por mais laconica que esta fosse.

Griffando diferentes palavras da explicação e não descripção que acompanha as minhas figuras parece querer mostrar que em todas ha incorrecções. *Vermelho sobre fundo branco*, o fundo (não o do vaso), mas o fundo artistico, é pintado de *branco*, eu o affirmo, e os desenhos são de tinta *vermelha* ou *encarnada*, ha *delicadeza* n'elles, e se não estão no *museu Paraense*, era de presumir e assim me informaram que para lá iam.

Disse que julgava ser a tabatinga *desmanchada em leite de sorva*, porque ainda hoje os indios isso uzam. As panellas de fundo branco pintadas de preto (dirão pardo, côr de café ou que quizerem), dos Catauichys, são pintados assim de branco.

Quanto ás considerações quasi do final do artigo do *Archivo do Museu*, não se podem entender commigo porque no trabalho a que o auctor se refere não fiz uma só descripção.

No corpo do artigo não fallei das urnas e apresentei-as, com uma curta explicação e não *descripção*, para a simples vista fazer esclarecer as idéas que expendi e sinto ter tido occasião de apresentar algumas faltas da circunstanciada descripção do auctor que tiram-lhe uma particula do merito do seu escripto.

Terminando o artigo, o auctor busca atirar sobre mim a odiosidade do estrangeiro, intrigando-o.

Tratava-se de archeologia, e porque cargas d'agua havia de ir buscar a minha opinião em um artigo botânico, n'uma *Revista de Horticultura*? Para mostrar a minha incoherencia, cahindó em faltas descriptivas quando não admitto o concurso dos estrangeiros, (charlatães)! Não cahi em incoherencia, porque não fiz descripção alguma, e se pequei foram faltas que não disfiguram o objecto.

O meu estrangeirismo não vae aos sabios estrangeiros, nem áquelles que procuram este rico torrão para trazer as suas luzes e o seu trabalho, vae áquelles que menos habilitados do que muitos dos nossos patricios, aqui chegam e apregoando-se notabilidades, empolgam as melhores commissões, em quanto que o brasileiro é atirado para o canto, e que depois de replectos vão para suas terras chamando-nos tollos e macacos e redicularisando as nossas instituições, os nossos costumes; chegando a entrar até em individualidades. Clamo contra aquelles que se aproveitam do trabalho do brasileiro para apresental-o como seu, e acho humilhante para o brasileiro buscar antes o que é estrangeiro, desde o homem até ao ultimo artefacto, preferindo-o, posto que ás vezes inferior aos productos da terra. A opinião do brasileiro rarissimas vezes em sciencias, é admittida na Europa, emquanto nós, tendo os homens

illustres no paiz sempre procuramos escudar nossas opiniões sobre cousas do paiz na de estrangeiros, que por aqui passaram a *vol d'oiseau*. Venham os Martius, os Saint-Hilaires, os Agassix, os Harts, e outros, mas não os Biards, os Browns, os Joberts, os Trails etc., e as Lidias Poscoffs. Quando disse ser uma humilhação para brasileiro, foi no sentido de estímulo, para que todos trabalhando levantem o edificio da sciencia brasileira, e nos seus congressos possam dar leis que sejam respeitadas na Europa. Ahí as nações se respeitam mutuamente, porque não procurarmos ser a ellas igual? O estrangeiro que aporta ás nossas praias, conhece a nossa natureza, o nosso solo, as nossas antiguidades? Traz muitas theorias, muito estudo de gabinete, traz o que podemos e o que temos aqui, porque lemos e estudamos nos mesmos livros que elles e não somos menos intelligentes. Temos mais o que elles não conhecem, o grande livro da natureza; pois bem, estudemos as suas paginas, para quando algum aqui chegar, antes d'elle soletrar as primeiras palavras, possamos lel-o para elle ouvir. O que elles vêm fazer façamos nós, e unidas as luzes de ambos, façamos um facho que illumine a abençoada terra do Cruzeiro. A sciencia é cosmopolita, os seus obreiros são irmãos, do concurso de todos nasce o progresso, por isso devemos trabalhar para que não vivamos sempre como filhos—familia na sciencia.

A diviza que tenho e legarei com a pobreza a meus filhos é *Deos, patria e caridade*; não praticar uma só acção sem ser baseado nos preceitos do Evangelho, trabalhar para o engrandecimento da terra natal ainda que com sacrificio de vida, e estender a mão e perdoar até aos inimigos.

Não posso deixar de aqui notar, que no mesmo volume dos *Archivos do Museu* a pag. 141, vem uma nota (*) explicativa, que parece me dizer respeito, posto que não se cite o meu humilde nome. No meu Relatório publicado em 1875 intitulado *Rio Jamundá*, a pag. 51 dei a traducção da palavra *muyra kýtã*, ou como vulgarmente se diz *muirã quitã* derivada de *mbyrá*, páo, madeira, e *kýtã* nó, pela semelhança que tem a verdadeira jade, com as resinas. N'uma nota se diz que *muito de sciencia* usa da orthographia *mirã kitã*, porque *suppõe injustificavel a significação de nó de pau*. Quando tivesse razão, o illustrado autor, porque a sua sciencia aqui o enganou, não ganhava alviças. O Sr. José Virissimo, posto que Paraense e escrevendo no Pará, cahiu no mesmo erro dizendo na nota a pag. 184, das suas *Primeiras paginas* que o autor d'estas linhas dando aquella significação, tinha errado e que, com a traducção, elle a traduzia «por *pedra de gente*, de *mirã gente* e *itã (itan no Pará) pedra*.»

Aqui ha erros de pronuncia e erros de significados ; erros de pronuncia porque em todas a parte, quer no Pará, quer no Amazonas, tratando-se d'essa pedra ouve-se perfeitamente a pronuncia de *muirãquitã*, como o mesmo Sr. escreve. A pronuncia de *mbyrá* affasta-se muito de *mira* e *kýtã* de *itã* e erros de significado porque *itan* significa *concha* e nenhum tapuyo mesmo muito civilizado confundirá *itã* com *itan*.

Não tendo em conta a pronuncia o autor do artigo sobre o STEMBETA'S, entendeu escrever *mirãkýtã* e o traduzio dividindo simplesmente a palavra *mirã—ki—itã* com a significação engenhosa, porém sem

(*) Nota 2.

razão de ser, de *pedra do chefe do povo*. Vejamos se tenho razão; *Mbiá* ou *mirá* significa *gente*, antes *vulgo* e não *povo* que é *taua* ou *taba* (povos *tabetá*); *Ki* não é palavra tupy e rarissimas vezes encontrada no quichua, por conseguinte é um enxerto feito na lingua geral sem razão, porque difficilmente se encontrarão palavras tupsy compostas de alguma *quichua*. Ou adoptam a palavra *toda*; como *murumuru* ou não a adoptam; *Itá* significa *pedra*, mas, a pronuncia longa da ultima syllaba, *itan*, daria outro significado, *concha*, como já vimos.

O tapuyo se quizesse exprimir *pedra do chefe do povo* não precisava do soccorro quichua diria simplesmente: *tauatuchauitá* ou *tabatuchabitá*. Pelo que acabamos de ver a unica traducção que tem a palavra *myrakýtá*, é *nó de pau*, que perfeitamente nos pinta a apparencia da jade com algumas resinas. Um outro engano apresenta o illustradissimo autor dizendo ser o *myrahÿta* pedra facial, isto é, de pendurar-se no beijo como o *tembetá*, dando as duas palavras indigenas como synonymas, com a passagem para o sul. Não só a *myrakytá* não passou para o sul, como só se estendeu á região entre o Jamundá e o Tapajós. O verdadeiro *myrakytá* é um adorno de pendurar-se ao pescoço, perfurado sempre para esse fim, e não para trazer-se introduzido no beijo. O *tembetá* não existe no Valle Amazonico senão no Tocantins. As fórmas de animaes que apresentam os *myrakytá*, e os furos nada denotam que possam ser facial. *Tembetá* é uma cousa e *myrakytá* outra.

Não podia deixar de neste ponto tocar, tendo sido eu o que primeiro no Brazil tratou desse ornato e lhe deu a importancia que merecia, importancia que foi justificada pelo sabio Conselheiro

Fischer, Director do Museu Mineralogico de Baden, unico que na Europa tem-se occupado com a *jade*, e que em carta ao autor não só approva sua opinião, como rende-lhe alguns elogios. Para mostrar a differença entre o *myrakyatā* e o *tembetá*, basta dizer-se que um é sempre de *jade*, *jadeite* e *chloromelanite* e outro de quartzo compacto, feldspatho, de resina de *jutahy* ou de páu.

A tribu dos *Uaupes* descendente das pretendidas Amazonas, que conserva ainda os usos do povo que usou esse enfeite em tempos historicos, hoje nos dá o exemplo, trazendo o *myrakyatā* pendurado ao pescoço.

O Museu Nacional possui esses objectos, que hoje são todos de quartzo, e d'elles nos falla tambem Wallace.



Appendice

Como os costumes hodiernos, assim são diferentes os monumentos archeologicos que se encontram no Norte e no Sul do Brazil. Na minha ultima excursão ao sul de Minas Geraes, tive occasião de encontrar alguns objectos que aqui represento, para servirem de estudo comparativo. As moletas que se não encontram no norte, são communs no Sul; os machados que todos são mais ou menos dentados ou entalhados lateralmente na região do Amazonas, nos tropicos não apresentam depressão alguma, e a argilla de que são feitas as igaçauas é mais grosseira e estas não apresentam desenhos, e, quando os tem, são muito imperfeitos.

O uso da alimentação entre os Mineiros, tendo por base a farinha de milho, é herdado da gentildade d'ahi, e d'esse uso nasce o apparecimento constante das moletas de pedra, que no Amazonas não são conhecidas, porque a farinha ahi é feita de mandioca e esta é amassada com as mãos.

Um facto importante devo aqui mencionar, e que vem confirmar o que expendi sobre a marcha do povo que emigrou da America do Norte para o Brazil. O Dr. Leemans descrevendo os objectos encontrados na

Guyana Hollandeza e conservados em Leide, no Museu Real de Antiguidades, diz :

« Les haches de la Guyane néerlandaise se distinguent à ce qu'il me paraît, de presque toutes les haches des autres pays tant de l'Ancien que du Nouveau Monde, par cette particularité, qu'elles portent à la partie supérieure des deux faces latérales une entaille plus ou moins profonde, mais toujours parfaitement reconnaissable. » (*)

Figurando estes machados, vê-se que elles são iguaes em tudo aos do Amazonas, o que prova a estada ou a passagem do mesmo povo que se derramou pelo baixo Amazonas. Os instrumentos das outras Guyanas e os do Perú, são diferentes, e iguaes só se encontram na região dos *mounds* nos Estados Unidos. Esta observação do Dr. Leemans, parece confirmar, que razão tenho, quando digo que a civilização anti colombiana do norte do Brazil, foi trazida pelos descendentes de Odin ou pelo povo que com elles por largos annos esteve em contacto.

Não é fóra de proposito mencionar aqui a crença que ha em Minas sobre as *pedras de raios* ou de *coriscos*, os *Dondersteenen* da Guyana. Os naturaes acreditam que as cunhas e machados de pedra são outros tantos raios que se encontram soterrados, que annualmente sobem uma braça para a superficie da terra e que no fim de sete annos um novo raio vem buscar aquelle que se acha á flor da terra, pelo que, quando os encontram tratam logo ou de inutilizal-os ou de lançal-os ao rio, para evitar a a proximação das faiscas electricas.

(*) *Congres d.s Americanistes* de Luxembourg. II, pags. 294-295.

FIG. 1. Representa o fundo de um vaso com os bordos quebrados, achado no Pacoval, da ilha de Marajó, é de argilla vermelha, fina e bem trabalhada, e mede 0,145 de diametro na bocca, 0,12 de diametro no fundo, 0,09 de altura e 0,01 de espessura. Internamente tem um fundo pintado de branco, sobre o qual regular e caprichoso desenho orna-lhe todo o interior. Este desenho, que mostra a pericia do artista, pela dificuldade de execução, é feito de linhas vermelhas, sobre as quaes em alguns logares foram os claros cheios com tinta preta, que com o tempo está côr de sepia. N'esse desenho vê-se representado o signal do christianismo, que pela maneira representada, não parece indicar o acaso, como o cruzamento de duas linhas o podem.

FIG. 2. Representa o desenho do interior do vaso acima; as linhas, mais claras assim como os contornos, são vermelhas e a parte escura indica a parte preta.

FIG. 3. É uma especie de panella, feita da mesma argilla, com 0,18 de diametro na bocca, 0,125 de diametro no fundo, 0,07 de altura e 0,01 de espessura. É pintada interna e externamente de branco, tendo em roda do lado externo, desenhos régulares feitos por gravura. Sobre as linhas abertas, o artista passou outras de tinta preta. Quer o desenho quer a sua execução não é feita a capricho. Foi encontrado no mesmo local.

FIG. 4. Representa uma igaçaua, que desenterrei na fazenda *Correnteza*, proximo do Rio Sapucahy, districto do Carmo do Rio Claro em Minas Geraes. É de argilla grosseira, sem desenhos, muito forte, com o aspecto de ser de ferro, medindo no maior diametro 0,34, de altura 0,30, sendo 0,05 de gargallo, e de espessura 0,008. Encontrei-a cheia de ossos humanos de adultos, todos quebrados, o que indica que exhumados os ossos da terra eram limpos e quebrados para n'essas urnas serem guardados, em um cemiterio especial, que não posso deixar de aqui noticiar. Tinha visto em uma vargem da fazenda Jerubiaçaba de meu irmão João Baptista Barbosa Rodrigues, que confina com a da Correnteza, um espaço de 30 metros, cheio de pequenos circulos, dos quaes o maior podia ter trez metros de diametro. A superficie dos circulos é nivellada pelo terreno adjacente, e em volta dos mesmos ha vallas de um metro pouco mais ou menos, de largura e profundidade, onde as aguas da chuva se empossam, não podendo ter esgoto. Estudando o terreno, vi não poder ser feito pela acção das aguas, nem devido á structure do terreno, e sim obra humana. Chamam a esse terreno que se encon-

tram, quando se derrubam as florestas virgens, *covas de mandioca*, pela semelhança que offerece com os monticolos que fazem para essa Euphorbiacea. Com esse nome são conhecidos tambem em Minas os terrenos nas vargens humidas, escavadas pela passagem do gado no seu pastio. N'esses terrenos artificiaes sempre se encontram fragmentos de louça de barro.

Derrubando-se uma matta virgem entre dous outeiros na fazenda da Correnteza, depois da *queimada* encontraram-se as covas de mandioca n'um espaço plano de uns vinte metros. Convidado para ir vel-as, ahi encontrei innumerous fragmentos de louça, resultantes da acção do fogo e da quéda dos troncos. Procedendo a uma escavação nos mesmos circulos encontrei a igaçaba em questão, apenas com os bordos quebrados, enterrada de lado, com a bocca para fóra. Estes cemiterios são muito caracteristicos.

FIG. 5. Machado de guerra, encontrado no Carmo do Rio Claro, de serpentina (?), muito polido, em fôrma de crescente, com um lado partido, com 0,108 de comprimento, tendo o punho 0,063 de largura, e 0,015 de espessura.

FIG. 6. Ponta de flecha de cristal, finamente lascado, representada de tamanho natural e encontrada proximo á ponte do Parabybuna, em Minas Geraes. É a maior e o mais bello specimem que se tem encontrado no Brazil, que me conste. Foi achada perfeita, mas, por acaso cahindo-me das mãos partio-se nos dous logares indicados na estampa.

FIG. 7. Representa uma moleta de diorito perfeitamente polida, e cylindrica adelgaçada para o cume, com 0,46 de comprimento e 0,05 de diametro na base. Encontrada no Descalvado.

FIG. 8. Representa outra moleta de diorito, polida; menor e mais grossa, cylindrica adelgaçada para o cume e semi globulosa na e. Mede de comprimento 0,^m36.

FIG. 9. Representa ainda outra moleta de diorito, não polido, encontrada na cidade de Alfenas. Mede 0,19 de comprimento e 0,07 de diametro na base. É a unica que se conhece d'esta fôrma.

FIG. 10. Representa uma especie de alvião, feito de diorito polido terminando de um lado em gume de machado e do outro mais adelgaçado, porém obtuso. É comprimido lateralmente, semi-concavo de um lado e convexo do outro, tendo ahi quasi no centro uma elevação escavada, que servia para n'ella encostar-se o cabo a que se prendia. Este instrumento unico que se conhece, foi achado em

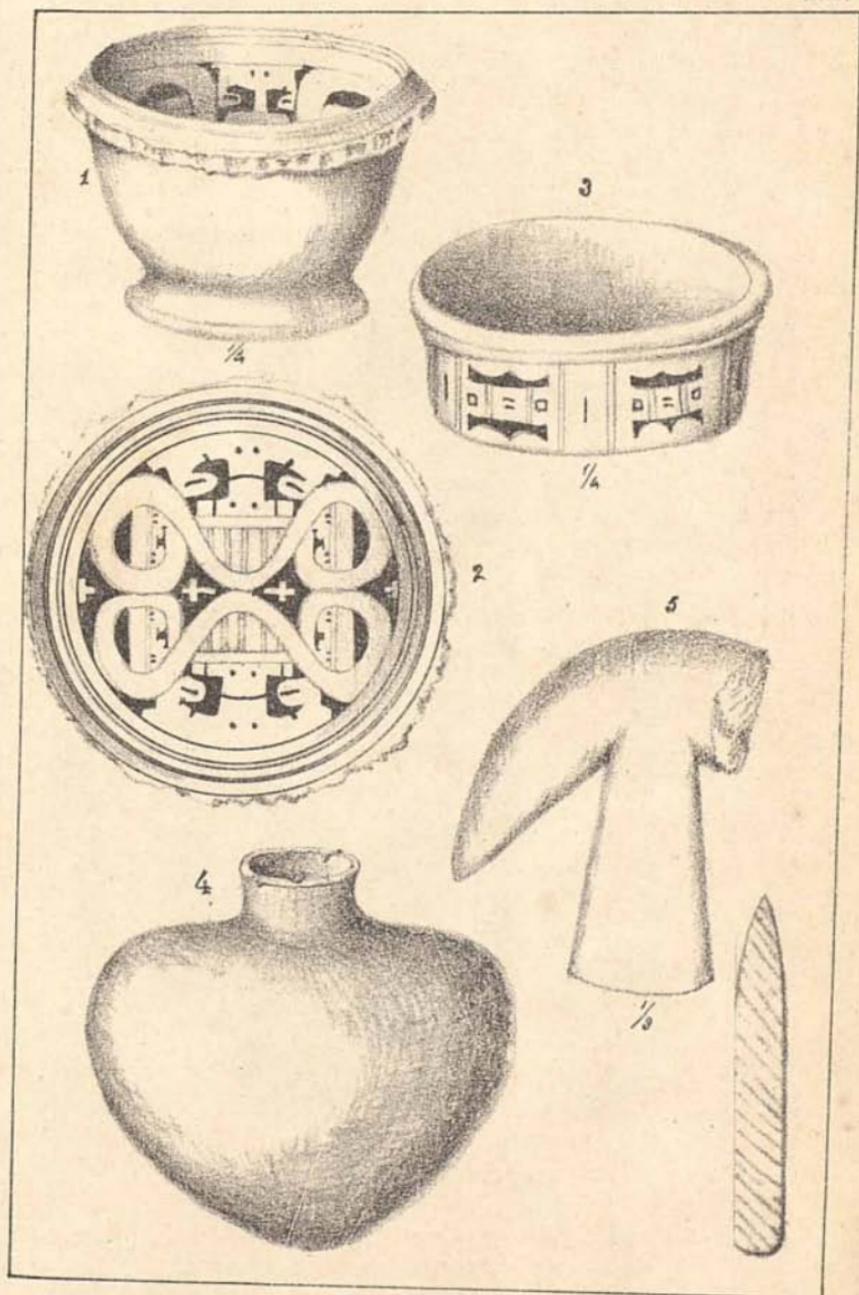
S. Gonçalo da Campanha, tem 0,26 de comprimento sobre 0,04 de espessura e 0,05 de largura.

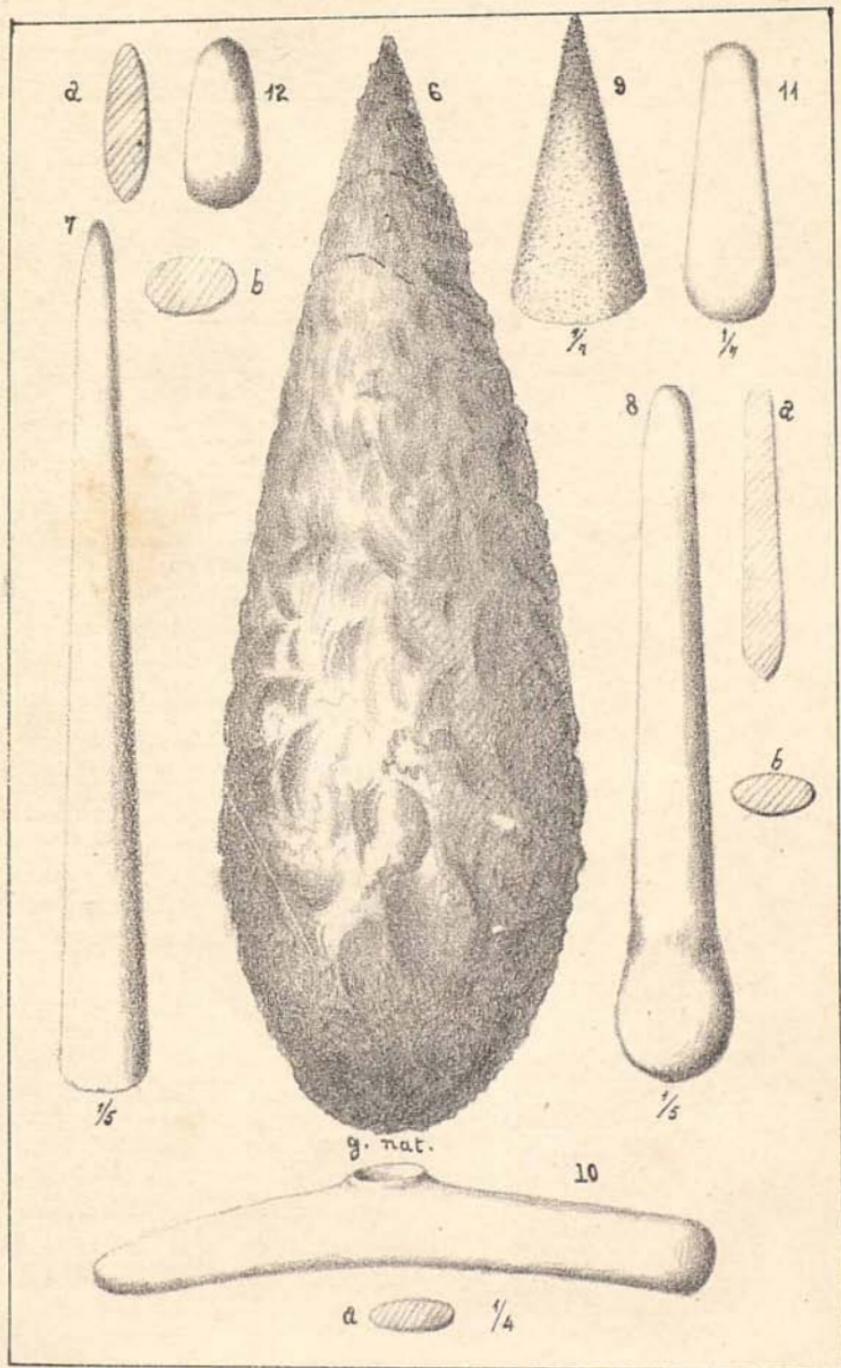
Fig. 11. É um machado de diorito compacto, perfeitamente polido com 0,22 de comprimento, 0,06 /de largura, e 0,03 de espessura. Parece ser usado sem cabo.

Fig. 12. Com esta fórma se apresentam quasi todos os machados do Sul, feitos de diversas rochas e apresentando diversos tamanhos em geral, desde 0,08 até 0,16 de comprimento. Eucontrei alguns em diversas localidades do Sul de Minas Geraes, e vi a metade de um (a parte do gume) na *Agua Comprida* em S. Gonçalo da Campanha, que servia de peso de uma arroba.

Todos os objectos mencionados n'este appendice estiveram expostos na *Exposição Industrial Fluminense*, e foram premiados com uma medalha de ouro.







Baptista Bastano A. Figueira

APONTAMENTOS

SOBRE O

ABAÑEENGA

TAMBEM CHAMADO GUARANI OU TUPI

OU

LINGUA GERAL DOS BRASIS

ÑANDE RUBA

OU

A ORAÇÃO DOMINICAL

EM

ABAÑEENGA

Nãnde rúba

OU

A ORAÇÃO DOMINICAL EM ABAÑEENGA



Estes apontamentos, quando foram começados, coordenaram-se para serem publicados nos Ensaio de Sciencia, creados pelo Exm. Sr. conselheiro G. S. de Capanema. Tendo porém sobre-vindo occurrencias e estorvos que embaraçaram ao meu amigo, e que interromperam a publicação da Revista, na qual elle admittia os meus apontamentos, transtornou-se o plano traçado. Depois que foi publicado o 2º fasciculo dos Ensaio tive occasião de imprimir alguma cousa nos Annaes da Bibliotheca Nacional, por fineza que devo ao muito distincto e digno Director da Bibliotheca, o Illm. Sr. Dr. Ramiz Galvão.

Entretanto como não posso refundir totalmente o que já estava escripto (falta tempo e vagar), embora se dê algum desconchavo, e appareça alguma repetição de cousa já dicta, com tudo entrego á imprensa a continuação dos apontamentos, alterando apenas uma ou outra cousa, que seria á proposito, si o 3º fasciculo seguisse immediatamente ao 2º, mas que, havendo tam longo intersticio de tempo, seria descabida.

Continuarão pois á ser publicados estes apontamentos (sempre que fôr possível) não só para se irem pondo de accordo as variadas orthographias das cousas attinentes ao Brasil e á America do Sul, que parecem diferentes sem o serem, como para se explanarem algumas outras considerações, mormente relativas á lingua e grammatica.

Em seguida ao COLLÓQUIO DE LERY, deviam versar estes apontamentos sobre a DOCTRINE CHRESTIENNE EN LA LANGUE DES TOPINAMBAS, que vem na VOYAGE DANS LE NORD DU BRESIL, FAIT DURANT LES ANNÉES 1613 ET 1614 PAR LE PÈRE YVES D'EVREUX, reimpressa por Mr. Ferdinand Denis, que tanto se interessa pelo nosso Brasil e o ama mais do que muitos filhos desta terra, que a menospresam, e envergonhando-se de serem brasileiros, preferem *estrangeirar-se*.

Transcrevendo porém a oração dominical que vem na pagina 272 do livro reimpresso por Mr. F. Denis, pareceu mais conveniente reunir de uma vez outras formulas do PATER NOSTER, compara-las, discuti-las, e depois continuar os apontamentos com o mais que vem em Lery, em Yves d'Evreux etc. Assim pois agora segue a collecção dos PATER NOSTER que pode apanhar.

No entretanto é bem pouca cousa o que se depara nos escriptos e esse pouco é quasi repetição de duas ou tres formulas primeiras, feitas, uma por portuguezes (Anchieta e os padres do Brasil), outra por padres hispanhães (Montoya e os do Paraguay) e outra afinal dos francezes, que parece já echo da dos portuguezes.

Alem destas orações em TUPI e GUARANI existe ainda alguma em OMÁGUA, dialecto da lingua geral, que differe menos do ABAÑEENGA do que o hispanhol e o portuguez entre si. Depois disto, das linguas falladas em toda a superficie do Brasil, do Uruguay, do Para-

guay e de Corrientes, em partes da Bolivia, do Perú, e nas Guayanas, exceptuando o KAIRIRI e o KIRIRI irmão um do outro, e o CARAIBA ou GALIBI, todos tres com algum parentesco com a lingua geral, restam curtos vocabularios só e não ha mais orações que não sejam as da LINGUA GERAL; e os vocabularios que ha são desacompanhados de grammaticas.

Exceptua-se apenas a lingua dos Botocudos ou Ay-morés, da qual existe um pedaço truncado de elementos grammaticaes, feito pelo benemerito e nunca assaz louvado Guido Marliere, que foi pai para com os miseros Botocudos tão escorraçados, os quaes depois da morte d'elle só acharam novo amigo, posteriormente, em Theophilus Ottoni.

Dos modernos viajantes, como o incansavel Hartt tão cedo morto para a sciencia, o Sr. Barbosa Rodriguês e outros ha varios vocabularios, mas não alguma outra formula nova do Pater.

Assim tem-se para se compararem quasi só as formulas do PATER NOSTER em tupi e guarani.

As differenças entre umas e outras mormente prestando-se attenção á orthographia, que variava conforme os auctores, vem a ser em ultima analyse nenhuma, porque, por exemplo em portuguez podemos dizer: « *Padre* nosso que *estás* no céu, *pai* nosso que *és* no céu, que *habitas* ou *moras* no céu, que *existes* no céu, ou no *empyrio*; podemos mudar para o plural *que estais*, *que sois*, *que morais* no céu; podemos empregar, em vez de orações subordinadas, participios ou substantivos verbaes, dizendo *morador*, *habitante*, *habitador do céu* etc., sem que por isso deixe a prece dominical de estar em portuguez e hom. É exactamente o que acontece com o PATER NOSTER vertido do ABAÑEENGA por diversos au-

ctores no Paraguay, em S. Paulo, no Maranhão, no Pará, etc.

Começaremos pela formula que vem logo no principio do CATECHISMO EN LENGUA GUARANI POR NICOLAS YAPUGUAY CON DIRECCION DEL P. PAULO RESTIVO DE LA COMPAÑIA DE JESUS EN EL PUEBLO DE SANTA MARIA LA MAYOR—AÑO DE 1724.

Essa formula e algumas outras são precedidas da formula do PER SIGNUM CRUCIS tambem vertida para a lingua indigena.

A orthographia seguida nesse CATECHISMO é a do P. Antonio Ruiz de Montoya, ainda hoje usada pelos Paraguayos com uma ou outra mudança, e da qual pouca differença tem a que foi adoptada nestes apontamentos. Com effeito essas differenças se reduzem ás seguintes :

O *ĩ gruesso* de Montoya é a vogal especial do ABAÑEENGA, representada por *y* nestes apontamentos.

O *y* semi-consoante de Montoya vem nestes apontamentos representado por *j* o qual precedido ou seguido de soas nazaes pode sôar e se escreve como *ñ*.

O *ç* quer de Montoya quer dos escriptos portuguezes, é *s* nestes apontamentos; alguns *ç* dos portuguezes são o *h* de Montoya e destes apontamentos.

O *c* e *q* de Montoya e de quasi todos os que escreveram de cousas do Brasil nos representamos invariavelmente por *k*.

Os sons nazaes de Montoya na nossa orthographia são annotados com til *ã ã ã ã ã*, exactamente como o Montoya fez no caso especial do *ĩ gruesso*, quando é tam bem nazal, o qual elle representa por *ỹ*, e neste ponto combina com a annotação aqui adoptada.

Afora disto temos ainda o *spiritus lenis* figurado aqui mediante os apices e que Montoya não discriminou.

Afinal emprega-se nestes apontamentos o circumflexo sobre a vogal dominante dos dipthongos.

No mais accentuam-se á portugueza: as vogaes abertas com o accento agudo, as fechadas com o grave e ficam sem signal as mudas, por ex : *abá* homo, *ába* capillus, *tètè* corpus, *té* falsus, erratus.

«Rezo

«Que compuso

«El Ven. Padre Fray Luys de Bolaños

«De la Orden Serafica de San Francisco

«Y mandado guardar por la Sinodal

«de este Obispado de el

«Paraguay

« Santa Cruz raângaba rehe oreamotareȳmbara he-
«gui orep̄çirõ epe. Tupã oreyara, Tuba, hae Taÿra, hae
«Espiritu Santo rera p̄ipe. Amen Jesus. »

«Padre nuestro

« Oreruba ȳbape ereibãe ymboyerobiarp̄iramo nde-
«rera marangatu toico, tou ndereco marangatu orebe,
«tiyaye nderemimbotara quie ȳb̄ipe ȳbape yyayeñabê,
«oreremiũ arañabonguara emeê curiorebe, hae nde-
«ñyrõ anga ore yñangaipabaecuera upe ore rerecome-
«guãhara upe oreñyrõnunga, eypotareme angaipa p̄ipe
«oreá,orep̄çiroepe catu mbae pochĩ agui. Amen Jesus.»

Reduzida esta fórmula á orthographia adoptada nos apontamentos e sotoposta *ad verbum* a traducção temos:

Santa Cruz raangába rehé, oré amotar-eÿ-mbára
Sanctæ crucis signum per, nos diligunt non qui (his)

hegui oré pysyrõ epe, Tupã oré jára, tuba, hæ
ex nos libera tu, Deus noster domine, patris et

tayra, hæ espiritu santu rera pypé. Amen Jesus.
ñli et spiritus sancti nomine in Amen Jesus.

Oré rúb, ybá-pe ere-ĩ-mbäe, i-mbo-je-robiári-
 Noster pater, cœlo in tu es qui, quod honoratum sit
 pyramo nde rera morã-ngatú to-ikó; to-ur nde
 sicut tuum nomen pulchrum bonum sit: veniat tua
 rikó morã-ngatú oré-be; tij-aijé nde-remi-mbotára
 conditio pulchra bona nobis; fiat tu quod vis
 kié yby-pe, ybá-pe ij-aijé ñabē; oré rembi-ú ára
 hic terra in, cœlo in id fit sicut: nos quod edimus, diei
 ñabō-nguára e-meē kuri oré-be, hae nde ñyřō
 uniuscujusque munus, da hodie nobis et (esto) lenis
 aŋga oré iñ-angaipá-bäe-kuéra upé, oré-rerekó-
 denique nos peccatores qui fuimus circa, nos inducunt
 menguã-hára upe oré ñyřō nungá; ei-potar-eme
 mala qui (eos) circa (sumus) lenes sicut; id velis non
 angaipá pype oré ar; oré pysyrō épe katú mbäe
 peccato in nos cadere: nos libera tu bene rebus
 pochy agui.
 malis ex.

A analyse se adstringirá o mais que fôr possível ás regras dadas nas grammaticas, segundo as quaes se verteram as preces para a lingua dos incolas, e em comparar os dizeres entre si, para se vêr em que se differençam.

Não obstante já ter publicado algumas succintas considerações grammaticaes á respeito desta lingua, convem que aqui, sem prejuizo da brevidade e claresa, sejam apresentadas as que occorrerem, e servirem para esclarecer os dizeres.

Não ha declinação no ABAÑEENGA, mas para facilitar a indicação das relações designadas por casos, nas linguas que os tem, aqui se empregarão as expressões nominativo, genitivo, dativo, etc. Da mesma maneira servirão os designativos de modos e tempos, como vem nas grammaticas, chamando-os indicativo, subjunctivo, permissivo, preterito, presente, etc. Assim tambem as outras categorias grammaticaes, como participios, con-

juncções etc., embora muitas dellas não exprimam exactamente o que se acha no abañeenga.

1.^a *Santa cruz raangaba rehe* sanctæ crucis signum per.

O genitivo precede sempre o nome regente, e assim está *Santa Cruz* (tomado do hispanhol) preposto á *raangaba*.

Raangaba traduzindo «signum» é substantivo (s. verbal o chamam nas grammaticas) derivado de *haang* (*taang* no abs.) signare, notare, metiri, etc. O suffixo *háb* forma com os verbos um participio (ou substantivo verbal) que denota o logar, o tempo, o modo, o instrumento com que se dá o que exprime o verbo; *mboé* docere, *mboéhab* lectio, doctrina, schõla etc. Terminando o verbo em *g* (*haang*) em vez de *haang-háb* tem-se *haangáb*.

Em *raangaba* o *r* não faz parte do verbo que propriamente é *aang*. Os verbos começados por vogal pela maior parte admittem uma fórma geral com *t* inicial, *taang* eum, eam, id metiri, notare. Este *t* muda-se em *r*, *h*, *gu*, do seguinte modo: *che raanga* me notare, *nde raanga* te notare, *mbae-raanga* rem notare, *haanga* eam notare, *guaanga* se notare, *taanga* id notare (generico).

Rehe posposição de ablativo, per, cum, ob, propter, etc.; em abañeenga as preposições das outras linguas são verdadeiras POSPOSIÇÕES.

2.^a *ore amotar-eñ mbdra hegut*, nostris inimicis ex:

Oré pronome pessoal, que dão tambem como possessivo. Ha no *abañeenga* duas classes de pronomes pessoases, que se podem chamar pronomes agentes ou do nominativo e pronomes pacientes ou do accusativo, do genitivo e dos outros casos regidos. Os primeiros (á que chamam uns NOTAS outros ARTIGOS pessoases) são no

singular 1ª pessoa *a*, 2ª *re* (ou *ere*), 3ª *o*, no plural 1ª pessoa *ja=ñã* e *ro* (ou *oro*), 2ª *pe*, 3ª *o*.

Os segundos ou os pronomes pacientes são, no singular: 1ª pessoa *che*, 2ª *nde*, 3ª *i=ij=iñ* e *h=ł* (is, ea, id), com os seus recíprocos *o*, *gu*, *ogu* (se); no plural 1ª pessoa *jandé=ñandé*, ou *oré*, 2ª *peẽ*, *pendé*, 3ª a mesma que no singular. Veja-se acima em *raangaba* como é que os verbos começados por vogal admittem um pronome *t* que pode-se mudar em *r*, *h*, *gu*. Na 1ª pessoa do plural ha dois pronomes *jandé=ñandé* nos omnes, sem exclusão de ninguem, e *oré* nos extra alios ou praeter nonnullos, á espanhola nosotros. Nos pronomes agentes tem-se igualmente *ja=ñã* inclusivos, *ro* exclusivo.

Assim vê-se: no Pater o vocativo *oré ruba* refere-se ao pai de nós christãos, excluindo os pagãos, que não são filhos de Deus (no pensar pelo menos do catechista). Em outras circumstancias *oré* podia exprimir: nos indigenas, excluindo europaeos, nos homines excluindo animalia, nos viros excluindo foeminas, ou vice-versa si fosse mulher quem fallasse. Si os que traduziram a prece dominical em abañeeenga tivessem mais caridade ou mais philosophia, é natural que dissessem *jandé* ou *ñande ruba*, chamando á Deus *pater noster* com a maior generalidade, pai de nós todos sem exclusão de ninguem e de nada, pois no pronome inclusivo *jandé=ñandé* se podem comprehender nós todos, eu, tu e elle, christão, pagão, animal, vivente, emfim tudo.

Regra geral, os pronomes são prefixados aos verbos, nomes e outras partes da oração, e quando concorrem pronomes agentes com pronomes pacientes, o immediato ao verbo é o paciente (ha alguma excepção que veremos adiante em *epe*).

Para fixar ideias deduzamos a conjugação no tempo geral do indicativo (géral porque serve igualmente

para presente, preterito e imperfeito). Em verbo intransitivo tem-se: *ker* dormire, no inf. servindo de subst. *kerá* somnus, dormire, que faz: *a-ké* dormio, dormiebam, dormivi, *re-ké* dormis, *o-ké* dormit, *ja-ké* ou *ro-ké* dormimus, *pe-ké* dormitis, *o-ké* dormiunt. Si o verbo fôr transitivo tem necessariamente de intercalar o accusativo (nome ou pronome): *a-mbae-apó* rem facio (ego rem facio), *a-ij-apó* ego eum (eam, id) facio. Os pronomes *i=ij=iñ* ou *h* representam em geral o accusativo e assim tem-se: *peá* amovere, *a-i-peá* eum, eam, id amoveo, amovebam, amovi, *re-i-peá* id amoves, *o-i-peá* id amovet, *ja-i-peá* ou *ro-i-peá* id amovemus, *pe-i-peá* id amovetis, *o-i-peá* id amovent. («id» o pac. em geral).

Com outros verbos (a maior parte dos começados por vogal) o pronome do accusativo em vez de *i=ij=iñ* é *h*: *ayhúb* amare, *ayhuba* amor, *a-h-ayhúb* eum, eam id amo, amabam, amavi, *re-h-ayhúb* id amas, *o-h-ayhúb* id amat, *ja-h-ayhúb* ou *ro-h-ayhúb* id amamus, *pe-h-ayhúb* id amatis, *o-h-ayhúb* id amant.

Grande numero de verbos monosyllabicos em vez do paciente *i* ou *h* admittem *jo=ño*, e assim *a jo-kab* eum, eam, id ferio, *rejo-kab* id feris, *o yo-kab=o-káb* id ferit, etc.; *a ño-tÿ* id planto, *re ño-tÿ* id plantas, *o ño-tÿ=o-tÿ* id plantat, etc.

Os verbos transitivos admittem uma conjugação com os pronomes pacientes com ou sem o pronome agente expresso: *che peá* ou *che peá-i* me amovet ou amovent (*i*, ille ou illi), *nde-peá-i* te amovent, *i-peá-i* eum amovent, *jandé-peá-i* ou *oré-peá-i* nos amovent, *pe-peá-i* vos amovent, *i-peá-i* eos amovent; *che-r-ayhúb-i* me amant, *nde-r-ayhúb-i* te amant, *h-ayhúb-i* eum amant, *gu-ayhúb-i* se amat, *jandé* ou *oré r-ayhúb-i* nos amant, *pende-r-ayhúb-i* vos amant, *h-ayhúb-i* eum ou eos amant, *gu-ayhúb-i*, se amant.

A final ha verbos que podemos chamar verbos adjectivos, os quaes não apparecem conjugados com os pronomes agentes, mas o são evidentemente com os pronomes pacientes: *che-r-asy* me dolet (doleo, permitta-se-nos o erro em latim para poder mostrar o pronome paciente) *nde-r-asy* te dolet, *h-asy* eum dolet, *gu-asy* se dolet, *jande-r-asy* nos dolet, *pende-r-asy* vos dolet, *h-asy* eos dolet, *gu-asy* se dolet. Suppuzemos o pronome em accusativo; é indifferente porém que se considere em genitivo ou dativo; a questão é que elle é regido, e tanto que, quando consideram *asy* substantivo, tem-se *che-r-asy* que traduzem «mea dolor» alias «mei dolor». Quanto ao mais estes verbos são considerados nas grammaticas como simples adjectivos; e ahi dão a existencia do verbo substantivo, interpretando *che-r-asy* sum dolens. Entretanto o dizer completo dos indios é sempre *chè-r-asy raé* me dolere dico, ou mihi dolet dico, me dolentem dico, etc. Já se vê que estes pronomes prepostos á nomes podem se considerar em genitivo, e assim podem representar os possessivos: *che rub* mei pater (pater meus), *nde akang* tui caput (caput tuum), *i-pó* ejus manus, eorum manus, *o-po* sui manus (sua manus). etc.

Seguidos de posposições tem-se os outros casos: *che-be* mihi, *nde-ndibe* tecum, *oré-ri* nos propter, *h-esé* eo pro etc.

Oré amotar-eñ-mbára hegui pode-se traduzir por «e inimicis nostris»; nesse caso *amotar-eñ-mbdra* (inimicus, inimici) será substantivo regido da posposição *hegui* e, ex, de. Dissemos «inimicus ou inimici» porque em abañeenga não ha distincção entre plural e singular dos nomes, e nem generos; uma e outra cousa, quando precisam ser determinados, o são mediante qualificativos como *etá* multus, multi, para designar plural, *kuña*

faemina, *kuimbæ* mas, para generos: *kog* ager, campus, *kog-elâ* agri, campi; *guyra* avis, *guyrà kuimbæ* avis mas, *guyrà kuñã* avis foemina.

Amotar-eÿ-mbâra porém é um participio derivado do verbo *amotar* bene-vele, diligere. Como já vimos *hâb* é suffixo de participio que exprime o logar, tempo modo, etc. em que se dá ou se faz o que diz o verbo: tambem *hâr* é o suffixo que exprime o auctor da acção do verbo: *amotar* bene-vele, *amotahâb* benevolentia, *amotahâr* benevolens. Quando o verbo é intransitivo prefere-se outro participio formado com o suffixo *bae*: *hó* ire, *hohâb* «itus, itio» e ainda «iter», *o-hó-bae* qui it, iens.

Eÿ é a negativa que sempre posposta ao verbo pôde ser anteposta ou posposta aos suffixos que formam participios, assim: *amotar-eÿ* male-vele, e *amotâ-hâr-eÿ* ou *amotar-eÿ-mbâr* male-volens, (*mbâr* pro *hâr* por influencia do som nasal *eÿ=eÿm*).

Hegui posposição e, ex, de; usa-se mais della na fórma *gui*, *agui* com os nomes e de *hegui* com os pronomes; entre os tupis apparece sempre escripto *çui*, entre outros *hui*.

3.^a *Oré pysyrõ epé* nos libera tu. O verbo *pysyrõ* liberare, é transitivo, e por isso admite a conjugação com os pronomes pacientes (vê nota 2.^a) *che pysyrõ*, me liberat, me liberant, *nde pysyrõ* te liberat, te liberant, *i pysyrõ* eum liberat, eum liberant, etc. Isto em geral; quando porém se tem de determinar o sujeito ha dous casos ainda á considerar. I. Sendo a 1.^a pessoa sujeito e a 2.^a paciente, os accusativos não são *nde* te, *pe* vos, e sim *oro* te, *opo* vos: *oro pysyrõ* te libero, te liberamus, *opo pysyrõ* vos libero, vos liberamus; o nominativo então vem a ser *che*, *oré*, *jandé* (pronomes pacientes na regra geral) ante-postos ou pospostos á phrase: *oré oro pysyrõ*

ou *oro pysyrõ oré* nos te liberamus. II. Sendo a 1ª pessoa paciente, e a 2ª agente, o accusativo continua á ser um dos pronomes *che, oré, jandé*, mas o nominativo sempre posposto á phrase é *epé* ou *jepé* tu, *pejepé* vos; *che pysyrõ epe* me liberas tu, *che pysyró pejepe* me liberatis vos, etc. A estes accusativos especiaes chamam algumas grammaticas *transições*.

4.ª *Tupã ore jara*. Deus noster domine, ou antes «Deus nostri domine» considerando *oré* não como possessivo, mas como genitivo do pronome pessoal paciente (nota 2ª). *Tupã* substantivo invariavel; *jara* substantivo dominus, pôde-se interpretar já como infinitivo de um verbo *ar* capere, *iára* qui capit, e já como participio formado pelo suffixo *hár* contracto do verbo *é* dicere, jubere, *jara* qui dicit, qui jubet e até «qui gignit».

5.ª *Túba, hae tayra, hae espirito santo rera pype*, patris et filii et spiritûs sancti nomine in; a posposição *pype* in, rége *téra* nomen, e esta dicção, por ser precedida dos genitivos *tuba, tayra, espirito santo* muda o *t* (da forma absoluta) em *r*, pois conforme a nota 2ª tem-se: *téra* nomen (em geral), *che rera* mei nomen, *nde rera* tui nomen, *h-era* ejus nomen, *gu-éra* sui nomen, *kuñã rera* mulieris nomen, etc. Os substantivos *tuba, tayra* pertencem á mesma classe de dicções e mudam tambem o *t* em *r, h, gu* conforme os casos; *hae* é a copulativa «et» *pype* é a posposição «in.»

6.ª *Oré rúba pater noster*, ou antes «noster pater», pondo o pronome pessoal da 1ª pessoa do plural excl. em genitivo; *tuba* precedido do nome ou pronome á que rege muda o *t* em *r*, e por estar em vocativo perde o *a* final.

7.ª *Ybá-pe ere-ĩmbae* qui es in cœlo; o subst. regido da posposição *pe* costuma perder em guarani a consoante final *ybág* = *ybák*, de modo que fica *ybá-pe* cœlo

in; os tupis diziam *ybáki-pe* ou *ybáka-pe* e os paraguayos hoje preferem *ybága-pe*.

Ere-imbæ qui es, é o participio presente do verbo intransitivo que no infinitivo faz *ten=tein=lin* esse, e que no tempo geral se conjuga *a-i=a-in* sum, *re-in* es, *o-in* est, *ja-in* ou *ro-in* sumus, *pe-in* estis, *o-in* sunt. O participio feito pelo suffixo *bae* corresponde ao participio latino em *ans, ens* (amans, tegens) e é mais usado nos verbos intransitivos do que o formado por *hár* (nota 2^a). Nas grammaticas dão este participio em *bae* com o prefixo *o* ou *i* que representa o demonstrativo geral *qui* aquelle que, e assim *o-ú-bæ* veniens, *qui* venit, *o-gua-bæ* capiens, *qui* capit, *o-ké-bæ* dormiens, *qui* dormit, *i-calú-bæ* *qui* bonus, etc., *o-im-bæ* *qui* est, *qui* jacet, *jacens*; desta maneira segundo as grammaticas a phrase seria *yba-pe o-im-bæ* *qui* sum, *qui* es, *qui* est in cælo, etc, conforme a pessoa á quem se refira o participio. Da formula porém, que aqui examinamos se depreheende que usavam do participio em *bae* conjugado com os pronomes agentes *a im-bæ* *ego* *qui* sum, *re-im-bæ* *tu* *qui* es, *o-im-bæ* *is* ou *ille* *qui* est, etc. Escreveram em geral *ere* em vez de *re* *tu*, para exprimirem o som brando de *r* que nunca sôa em abañeenga aspero como em *carro, rico, roupa*.

8.^a *I-mbo-je-robíar-i-pyramo nde rera*, *honoratum sit nomen tuum*, devia ser a traducção, mas junctaram-lhe ainda *toico sit*.

I-mbo-je-robíari-pyramo é um participio passivo que se collocou no subjunctivo mediante o suffixo *ramo*. O verbo transitivo *robíar* credere, conjuga-se com o pronomes agentes *a-robíar* *credo*, *re-robíar* *credis*, *ogue-robíar* *credit* etc. (por ser um verbo composto com uma preposiliva *ro*, na 3.^a pessoa o pronome é *ogue*); conjuga-se tambem com os pronomes pacientes *che-re*

robíar-i me credit, me credunt, *nde-re-robíar-i* te credunt, *he-robíar-i* eum credunt, *guc-robíar-i* se credunt, etc. Todos os verbos transitivos admittem a pronominal prefixa *je=ñe* para formar verbos pronominaes, ou reflexivos e que até certo ponto servem de verbos passivos; assim *je-robíar* se credere, *a-je-robíar* me credo, *re-je-robíar* te credis, *o-je-robíar* se credit, etc. Todos os verbos intransitivos (inclusive os pronominaes) podem se tornar transitivos prepondo-se-lhes *mo=mbo* que significa «facere, efficere»; assim *mbo-je-robíar* facere se credere, sc. eum honorare, eum venerare. Todos os verbos transitivos tem participios passivos mediante o suffixo *pyr*. Já vimos antes tres participios dos quaes um formado pelo suffixo *háb* exprime o logar, o tempo, o modo, etc. do que diz o verbo, e os outros dous (dos suffixos *hár* e *bae*) exprimem o auctor, o factor do que diz o verbo. Alem destes ha dois participios passivos, um formado por uma prepositiva (do qual se tracta adiante) e outro formado pelo suffixo *pyr*; este ultimo tem sempre um pronome prefixo *i=ij=iñ* ou *h=he*; no caso actual temos *i-mbo-je-robíari-pyr* qui honoratus. Afinal todo e qualquer verbo ou participio seguido da pospositiva *ramo* (*reme* em tupi) fica em subjunctivo *i-mbo-ye-rabíari-pyramo* honoratus sit. A letra *i* intercalada é apenas euphonica pois é licito dizer-se *robíar-i-pyr* ou *robíd-py* elidindo-se até os *rr* finaes. No abañeenga não se duplicam consoantes e por isso vai-se em *pyramo* um dos *r* de *pyr* ou de *ramo*.

Nde réra tuum nomen, ou tui nomen já se viu acima; *morangatu* adjectivo composto de *porã* pulcher, e *katu* bonus; vê-se que o encontro do som nasal com *k* faz *ng*.

Toico sit. O verbo intransitivo *tecó=teicó=tico* significa tambem «esse» como *ten=tein=tin*, com

a differença que aquelle é «esse, sistere, existire, subsistere, etc.» e este «esse, sedere, jacere.» Aquelle se conjuga *a-iko* sum, *re-iko* es, *o-iko* est, etc. no tempo geral do indicativo; o futuro do indicativo em todos os verbos é esse mesmo tempo geral seguido da pospositiva *ne*, e assim: *a-ikó-ne* ero, *re-ikó-ne* eris, *o-ikó-ne* erit, etc. Si em vez de *ne* vier a pospositiva *mo* tem-se uma espécie de tempo condicional, e *tamo* um condicional composto. O tempo geral serve para presente e para preterito, discriminando-se um do outro ou pelo sentido da phrase ou por adverbios que a completam, como *cuehé heri*, *jeĩ hodie*, *irā cras*, etc. Mediante a prepositiva *t* que se antepõe aos pronomes obtem-se um modo permissivo, que tambem serve de subjunctivo: *ta-ikó* sim, *tere-ikó* sis, *to-ikó* sit, etc. e a este modo juntando-se as pospositivas *ne*, *mo*, *tamo* obtem-se outros tantos tempos correspondentes aos do indicativo.

A phrase toda podia ser simplesmente *i-mbo-je-ro-biari-pyramo nde rera* honoratum sit nomen tuum; mas attendendo-se á força da posposição *ramo* de subjunctivo, e á natureza do participio que implica o relativo (qui, quae, quod) preferiam quasi sempre os padres completar a phrase mediante o permissivo *loiko*, ficando a phrase como se acha no texto.

9.^a *To-ur nde rikó morangatú oré-be* veniat nobis regnum tuum. O verbo *úr* venire, é dos que tem *t* no infinitivo (*túra*), e no tempo geral se conjuga: *a-júr* venio, *re-júr* venis, *o-úr* venit, etc.; como se vê é irregular, mas não obstante prepondo-se-lhe *t* do permissivo tem-se: *ta-jur* veniam, *tere-jur* venias, *to-ur* veniat etc.

Tikó infinitivo do verbo que acima conjugamos *a ikó*, *re-ikó*, *o-ikó* etc., serve tambem de substantivo dizendo: status, statio, modus, vita, natura, indoles, conditio, lex.

Morangatu, adjectivo já vimos.

Oré-be nobis, dativo do pronome da 1ª pessoa do plural exclusiva.

9.ª *Tij aijé nde remi-mbotára kié yby-pe* fiat voluntas tua hic in terrâ.

Aijé é um verbo composto da ordem d'aquelles que só se conjugam com os pronomes pacientes (vê v. adjectivos na nota 2ª), e demais que só costumam ter 3ª pessoa: no tempo geral *ij-aijé* fit, factum est, *tij-aijé* fiat, factum sit, *aijé* fieri. Em guarani escrevem-no *ayé= añé*, em tupi do mesmo modo e também *aje=aié=anhé*.

Nde-remi-mbotára tua voluntas, ou tui voluntas (com o pron. em genitivo). O verbo *potar* velle, é transitivo e por isso tem participios passivos. Alem do formado pelo suffixo *pyr* ha outro participio passivo formado pelo prefixo *mi*, que precedido do indice pronominal torna-se *temi* no caso geral, e *remi*, *hemi*, *guemi* nos casos relativos. Tem-se assim por exemplo no verbo *ar* capere, que se conjuga *a-i-ar* eum capio, *re-i-ar* eum capis, *o-gu-ar* eum capit etc., digo, tem-se o participio passivo *tembi* (ou *temi*) *ar* quod capitur, praeda, *che-rembi-ar* quod capitur a me, mea praeda, *nde-rembi-ar* quod capitur a te, tua praeda, *hembi-ar* quod capitur ab illo, illius praeda, *gu-emb-ar* sua praeda. Este participio é quasi sempre traduzido por um substantivo, e assim se applica bem no caso vertente, onde tem-se: *che-remi-mbotára* mea voluntas, sc. quod volo, *nde-remi-mbotára* quod vis, *hemi-mbotára* quod vult, ejus voluntas, *guemi-mbotára* sua voluntas, *Tupā-remi-mbotára* Dei voluntas, *temi-mbotára* voluntas (generic) etc. O prefixo *temi* torna-se *tembi* antes de vozes não nazaes. *kié* adverbio de logar, «hic»; *yby-pe*, in terra; *yby* substantivo «terra» seguido da pesposição de locativo *pe* in.

10ª *ybd-pe ij-aijé ñabé* sicut in cælo fit; *ybdg*

cœlum, regido da posposição *pe* in (v. retro); *ñabé* adverbio «sicut»; pôde-se também interpretar como uma conjunção.

11ª *Oré rembiú ára ñobõ-nguara*, nostrum cibum quotidianum. Outro exemplo do participio passivo de *mi=mbi* vê-se em *oré rembiú* noster cibus (aqui em accusativo por ser paciente do verbo *meeng* mais adiante). O verbo *u* esse=edere é transitivo e se conjuga *a-u* edo, *re-u* edis, *o-u* edit. O participio passivo, que se costuma traduzir por substantivo é *tembiú* quod esum est, cibus, panis; *che-rembiú* quod edo, meus cibus, *nde-rembiú* quod edis, tuus cibus, *hembiú* quod edit, illius cibus, *guembiu* suus cibus.

Ára substantivo dies, mundus, tempus etc.

Ñabo adjectivo: quisque, unusquisque etc.

Guára (*nguára* por causa do som nasal que precede) é um participio contracto, muito usado para dizer «o que é de, o que pertence á» O verbo *tekó* não obstante ser intransitivo admite o participio em *hár*, que é *tekóár* =*tekuar* ens (participio de esse). Empregado com substantivo ou outras dicções regidas, elide-se o pronome *te* e muda-se por euphonia o *k* em *g* fazendo *guara*. Literalmente *oré rembiu ára ñabõ-nguara e meé oré-be* nostrum cibum diei uniuscujusque ens (unicuique attinens) da tu nobis.

12ª *E meẽ kuri oré-be* da hodie nobis.

O verbo *meeng* dare, é transitivo e se conjuga *a-meeng* do, *re-meeng* das, *o-meeng* dat etc. Todos os verbos terminados em consoante costumam perder as finaes na conjugação em guarani. No imperativo os pronomes agentes tem pequenas differenças dos usados no indicativo, e são *e* em vez de *re* na 2ª pessoa do singular, e *cha* para 1ª do plural (inclusiva ou exclusiva); a 3ª pessoa de ambos os numeros é *o* precedida do *t*

do permissivo; assim *e-meẽ* da, *pe meẽ* date, *cha meẽ* demus, a 3ª é propriamente a do permissivo *to meẽ* det, dent.

Kuri adv. hodie, hoc momento, hoc puncto.

Orẽ-be, dativo do pron. exclusivo «nobis».

13ª. *Hae nde ñyrõ anga* et te lenito denique (releve-se o latim barbaro). Já se viu a copulativa *hae*. O verbo *ñyrõ* é dos chamados v. adjectivos (conjugados só com os pronomes pacientes).

Anga é um advérbio muito usado, de indeterminada significação, que por vezes representa um vocativo, ó dilecte, ó dilecta, ó anima mea.

14ª. *Orẽ iñ-angaipabae-kuera upe* circa nos qui peccatores fuimus. A dicção *angaipáb* de formação muito irregular é a que os padres adoptaram para dizer «peccatum, peccare». Como verbo admite o participio em *bae*: *iñ-angaipáb*ae qui peccat, peccator; *kuér* é o suffixo do preterito e *upé* a posposição que rege a phrase toda.

Kuér designa preterito, e *ram* designa futuro, e são os dois suffixos mais geraes de tempo, que não só se ajunctam ao infinitivo e aos participios, mas ainda á nomes e pronomes, e por meio dos quaes se formam cinco tempos do modo seguinte: a dicção simples diz o presente, com o suffixo *kuer* o preterito, com o suffixo *ram* o futuro, e com *kueram* e *ranguer* (*rankuer*) dois tempos mixtos: *mboé* docere, *mboe-kuér* docuisse *mboé-ram* docturum esse, *mboé-kueram* preterito composto, e *mboe-ranguer* futuro composto. Com os participios tem-se: *mbochár* doctor, qui docet, *mbochárér* (quando a dicção termina em *r* ajuncta-se só *ér* e não *kuer*) qui docuit, *mboeharam* qui docebit, *mboeharéram* qui docuerat *mbocháranguer* qui docuisset (propriamente o condicional do portuguez, do francez, do

allemão etc.) Com um dos participios passivos tem-se: *tembiar* quod capitur, *che-rembiã* quod capio *che-rembia-kuer* quod cepi, *che-rembia-ram* quod capiam, *che rembiã-kueram* quod céperam ou cepissem, *che rembiã-ranguêr* quod caperem. etc. Do mesmo modo com os outros participios e até com alguns pronomes que tomam certa forma participial mediante o suffixo *bae*. Este participio pode-se interpretar *bae* qui est, *baekuer* qui fuit, *baeram* qui erit, *baekueram* qui fuerat vel fuisset, *baeranguer* qui esset.

15ª. *Oré rerekó-menguã-hãra upe*, circa eos qui nos inducunt mala, onde já se conhece a posposição *upe* que rege a phrase toda; esta phrase figura como um substantivo, e é o participio de um verbo muito composto.

Todos os verbos intransitivos tornam-se transitivos mediante não só o prefixo *mo=mbo*, como já se viu, mas ainda mediante o prefixo *ro=no*, e este implica a acção de fazer simultaneamente com o paciente do verbo: *ur* venire *mbo-ur* facere eum venire, eum vocare, *ro-ur* (*ruur*) venire cum eo, eum afferre ou portare; *hó* ire, *mondò* (*mbohó*) facere eum ire, eum mittere, *rahã* (*rohó*, tanto que em tupi é *rasó*) ire cum eo, eum ferre. O verbo *tikó=tekó* esse, cuja raiz deve ser *ikó* ou *ekó*, com *ro* contrae-se em *rekó* tenere. Este conjuga-se *a-rekó* teneo, *re-rekó* tenes, *ogue-rekó* tenet, etc. *che-re-rekó* me tenet, *nde-re-rekó* te tenet, *h-e-rekó* illum tenet *gue-rekó* etc.

O verbo *ikó* admite muitas composições, taes como *ikó-bé* esse manens, vivere, *ekó-porã* pulchrum esse, placere, *ekó-mãguã* malum esse, displicere etc. Todos estes verbos podem tornar-se transitivos mediante a prepositiva *ro*, e assim tem-se *rekó mãnguã* (*roekó-menguã*) displicere, ou antes «malum inducere» com o accu-

sativo de pessoa: *ore rerekó mēnguã* nos (nobis) inducunt malum. Na phrase tem-se o participio em *har* deste verbo, regido pela posposição *upe*.

16.^a *Oré ñĩrõ nungã*, nos lenes sumus (nos lenimur; a forma passiva exprime bem os verbos que chamamos «adjectivos» do abañeenga; *che maenduar memini*, *nde maenduar meministi* etc.)

Nungãr adverbio ou conjuncção «sicut, hoc modo».

17.^a *Ei potar-eme angaipã pype oré ar*, ne velis in peccato nos cadere. O verbo *potar* sendo transitivo, intercala necessariamente o pronome paciente *i* depois do agente *e* que é o pronome do imperativo; *eme* é a pospositiva de negação (correspondente á *eĩ=eĩm* que é geral) para os modos permissivo e imperativo.

Angaipã substantivo regido da posp. *pype*: in peccato.

Oré ár nos cadere no infinitivo, como complemento directo de *potar*. O verbo *ar* cadere, nasci etc. é intransitivo.

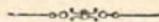
18.^a *Oré pysyrõ epe katũ mbae pochy agui* nos libera tu bene ex rebus malis.

Oré pysyrõ epe no imperativo, já foi examinada na formula do *per signum crucis*.

Katũ adv. bene.

Mbae subs., em caso regido da posposição *agui* ex.

Pochy adj. malus.



Seguem-se agora as outras formulas do Pater para serem comparadas. Vai em primeiro logar a mais antiga de todas, a do Padre Antonio Ruiz de Montoya, que vem no CATECISMO DE LA LENGUA GUARANI PUBLICADO NUEVAMENTE SIN ALTERACION ALGUNA POR JULIO PLATZMANN. Não seria esta a mais antiga de todas si algum explorador de antiguidades tivesse podido descobrir e dar á luz a do Padre J. de Anchieta.

EL TEXTO DE LA DOCTRINA CHRISTIANA
EN LENGUA

GUARANI	Y	CASTELLANA
Santa Cruz		Por la señal
Rnãangába rehé -		De la Santa Cruz,
Oreamõca reymbá- raguî (a)		De nuestros enemigos
Orepî çirõ epê		Libranos Señor,
Tûpã Oreyâra.		Dios nuestro.
Túba, hae Taïra hae		En el nombre del Padre,
Espiritu Santo rera- pîpé		Y del Hijo,
Amen Jesus.		Y del Espirito Santo Amen Jesus.

PADRE NUESTRO

Orerúba,	Padre nuestro
Ïbápe ereïbae	Que estás en los Cielos,
Imboyerobiã ripïra mõ	Santificado
Nderéra (b) toycó	Sea el tu nombre.
Tou nderecomârân gatúorébe.	Venga à nos el tu Reyno.
Nderemîmbotára,	Hagase tu voluntad,
Tiyayê ïbïpe	Assi en la tierra
Ïbápe yyâyèyâbê (c)	Como en el Cielo.
Orerembiú	El pan nuestro
Ara ñõbaguâra,	De cada dia
Emeê coára pïpe (d) orébe.	Danõslo oy.
Ndeñÿrõ (e)	Y perdonanos
Oreyñangai pábae (f) upê,	Nuestras deudas,
Orébe mârâhârupê (g)	Assi como nosotros
Oréñûrõñyngá	Perdonamos
Haeorepo eyârímé	A nuestros deudores,
Toremboá ïmégan oaipá (h)	Y no nos dexes caer
Orepïçÿrõ epécatú,	En la tentacion,
Mbae pochï guî. (i)	Mas libranos de mal.
Amen Jesus.	Amen Jesus.

Poucas são as diferenças que apresenta este rezo comparado com o que analysamos antes. Para se verem mais distinctamente os trechos que differem, estão marcados com um signal.

As diferenças são as que seguem :

(a) *gui* em vez de *hégui*. Como posposição que corresponde ás preposições «a, de, ex, ab» Montoya dá *gui* e *agui*; no corpo das phrases porém acha-se tambem *hegui*, principalmente com os pronomes *che*, *nde* etc. A posposição parece ser *gui* (ou *hui* e *sui*) que recebe a euphónico e que torna-se *hegui* junto com o pronome da 3ª pessoa.

(b) Só falta nesta formula o adjectivo *morangatú* que vem na primeira.

(c) Houve apenas inversão dos vocabulos e suppresão do adverbio *kie* que vinha na primeira, e tambem *aybê* por *ñabê*.

(d) Em vez de *curi* (*kuri hodie*) vem: *codra pîpe* (*ko ára pype* *hac die in*) *in hac die*.

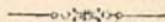
(e) Falta só a copulativa *hae* antes de *ñÿrô* e falta o adverbio *anga* depois.

(f) Na formula analysada o participio *iñ-angaipá-baëkúé* está no preterito, ao passo que aqui *iñ-angaipá-baë* está no presente. Qual das duas maneiras seria preferivel vê-se pela traducção que pelo preterito dá: PERDÔA O QUE TEMOS PECCADO, pelo presente: PERDÔA O QUE PECCAMOS.

(g) Em vez de *rerekó-menguã-hára* acha-se *marã-hár*. Deveria aqui estar *momarã-hár*, e não *marã-hár*, porque significando *marã* malum, damnum, *momarã* significa malum ferre, lædere, e *momarã-hár* qui malum fert, qui lædit, loesor. No mais *momarã-hár* equivale d'algum modo á *rerekó-menguã-hár*.

(h) *Hacorepo eyârîmê Torembodâ imegan oaipâ*; primeiro que tudo está incorrectamente impresso ou escripto; reduzindo este trecho á nossa orthographia fica: *haë oré-poëjâr-ymé toré-mbodâ-ymé angaipâ pype* et nos e manu non ejicias ut nos cadere non facias in peccato. Já vimos a copulativa *hae* e o pronome paciente *oré*; o verbo composto *poejar* pôde-se traduzir por «e manu ejicere», no imperativo 2ª pessoa do singular com o negativa *yme*; assim *oré-poe-jâr-yme* diz «nos e manu ejicias non». Segue-se a oração no modo que chamaram permissivo: *toré mboar ymé* ut nos facias cadere non. Antes já vimos o verbo *âr* cadere, que se torna activo prepondo-se-lhe *mbo=mo*. No resto da phrase houve engano de escripta em *angaipâ* e suppressão da posposição *pype*. Comparando afinal a phrase toda com a outra: *eipotareme angaipa pypé oré-ar*, vê-se que ellas se correspondem.

(i) Aqui está *gui=agui*, posposição.



Em seguida temos a ORAÇÃO DOMINICAL, que vem no CATECISMO BRASÍLICO DA DOCTRINA CHRISTÃ, COMPOSTO PELOS PADRES DOUTOS DA COMPANHIA DE JESUS, APERFEIÇOADO E DADO Á LUZ PELO PADRE ANTONIO DE ARAUJO, EMENDADO NA 2ª EDIÇÃO PELO PADRE BARTHOLOMEU DE LEAM (ambos da mesma companhia) LISBÔA 1686.

SIGNAL DA CRUZ

Santa Cruz räangaba recé, ore pycyrõ iépé Tupã
 Santa Cruz raângaba rehé, ore pysyrõ épé Tupã

ore iâr, oré amotarëymbāra cūi. Tuba, Tāyra, Espírito
 oré jāra, oré amotar-ey-mbārā gui. Tuba, Tāyra, Espírito

Santo rera pupé. Amen Jesus.

Santo rera pype. Amen Jesus.

PADRE NOSSO

oré rúb, ybâkype tecoar (a), imöeté pyramo (b) nde rêra
 oré rúb, ybâgi-pe tekuár, i-mboeté-pyramo nde rêra
 toicó; tóúr nde reino (c); tonhemonhang (d) nde remi
 to-ikó; to-úr nde reino; to-nemoñang nde remi
 motâra ybype, ybâkype inhemonhang iabê. Oré
 mbotâra yby-pe, ybagi-pe i-nemoñang jabê, Oré
 rembiú âra iabiõ ndoâra(e) eimöëng (f) cori orêbe; nde
 rembiú âra jabõ-nduâra ei meeng kuri oré-be; nde
 nhirõ oré angaipâba recê orêbe, oré rereco
 ñyrõ oré angaipâba rehê oré-be, oré rerekó
 memoãc'ira cupé oré nhirõ iabê (g); ore moarucar
 menguã-hâra upé oré ñyrõ jabê: oré mboar- ukár
 ume iépé tentação pupé (h), ore pycyrõ iepé
 yme épe tentação pypé, ore pycyrõ epe
 mbáé äiba çüi (i), Amen.
 mbáé aiba lui. Amen.



Pouco ou nada differe desta a formula, que vem no COMPENDIO DA DOCTRINA CHRISTÃ NA LINGUA PORTUGUEZA E BRAZILICA, COMPOSTO PELO PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF, ANTIGO MISSIONARIO DO BRASIL, E REIMPRESSO, POR ORDEM DO PRINCIPE REGENTE, POR FREI JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOZO. LISBOA 1800.

A correcção orthographica empregada na formula do Padre Araujo serve do mesmo modo á esta. Basta um pouco de attenção para se vêr.

ORAÇÃO DO SIGNAL DA SANTA CRUZ

Pelo signal da Santa Cruz rãangâba
 Cruz, livra-nos Deos nosso recé orepycyrõ iepé, Tupã
 Senhor, de nossos inimigos. cre iâr, oreamotarëymbâra
 Em nome do Padre, e do çüi. Túba, Tã`ra, Espirito
 Filho, e do Espirito Santo. Santo rera pupé. Amen
 Amen Jesus. Jesus.

PADRE NOSSO

Padre nosso que estás nos Céos, santificado seja teu nome, venha a nós o teu Reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no Céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoa-nos nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Amen Jesus.

Oré rûb, ybákype to-coár, (a) imöetépyramo (b) nde rêra töicó. Tóür nde Reino: (c) Tonhe monhang (d) nde remimotâra ybýpe, ybâkype inhemonhânga iabé: Ore rembiú âra iabiõ ndoâra (e) eimêeng (f) cori orébé: nde-nhirõ ore angaipâba recé ore-be, Orérecomemoaçâra çupé orenhirõ iabé (g): Orémoarucârumé iepé tentação pupé, (h) orepycyrõ te iepé mbäé äiba çüi (:)
Amen Jesus.

Nota.—Desta formula deu-me o Sr. Alfredo do Valle Cabral uma cópia inteiramente identica, tirada de um manuscrito da Bibliotheca Nacional, e ao mesmo tempo a seguinte analyse feita pelo nosso famoso botanico Velloso, que ajunctamos como mera lembrança de seus trabalhos em tão diversos ramos.

PADRE NOSSO

(PELO P. F. JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO)

Ore—nosso.

rub—Pae-pro-*T-uba*.

ybakype—ceos em, pro-*Ybaka-çupé*.

t'ecoar—que estais.

imoetepyramo—honrado.

nde—vosso.

rera—nome.

t-oicó—seja-o.

T-our—nos venha—Ajur.

ndeReyno—teu reino.

Passando ao exame da reza não será escusada uma observação á respeito de orthographia, para não se voltar ao primeiro folheto.

Na orthographia que adoptamos, o character *h* alterna-se por vezes com *s*, por ex: *rehé*=*resé*, *pyhyrõ*=*pysyrõ*; alternam-se *m* *mb*, *b* e às vezes *p*, por ex: *motar*=*mbotár*=*potar*, *bói*=*mbói*; e finalmente a vogal neutra *a* de que se tratou na pag. 50 do primeiro folheto é escripta ou não, indifferenteemente. Do mesmo modo imitando o fallar do Paraguay tambem se elimina às vezes a consoante final de grande numero de vozes. Assim temos *tuba*=*túb*=*tú*, *angaipába*=*angai-páb*=*angaipá*, *che-réra*=*che-rér*=*che-ré*, *ybága*=*ybág*=*ybá* ou *ybáka*=*ybak*=*ybá* porque *g* e *k* tambem se equivalem e se substituem.

Quasi sempre em tupi apparece *k* onde em guarani está *g*. Ainda mais, quando os guaranis elidem a ultima syllaba, que de ordinario contem a vogal neutra *a*, os tupis apenas adoçam-na e abreviam-na dizendo *ybáki-pe*, quando os guaranis dizem *ybápe*.

Acima já se viu tambem que quando no vocativo os os tupis elidem a vogal neutra final *oré-rúb*, *oré jár*, é justamente quando os guaranis não na dispensam *oré rúba* pater noster, *oré jára* noster domine.

Em alguns casos raros o *g* guarani vale *h* ou *s* em tupi e ahí temos a posposição *guí*=*hui*=*sui* que os portuguezes sempre escreveram *çui*.

Finalmente a posposição do dativo *upé* em tupi apparece sempre escripta *çupé* que equivale na nossa escripta á *supé*=*hupé*, mas já contendo em *h* um pronome.

A posposição *pype* em tupi vem sempre *pupe*.

Afóra disto cumpre ainda notar que os sons nazaes representados em guarani por *ng* por vezes em tupi foram escriptos *nd* e n'alguns casos mudou-se comple-

tamente esse *ng* em *m*; do 1º temos exemplo em *ñabõ-nduára* por *ñabo-nguára*, e do 2º em *memuã* por *menguã*. O som nasal torna *j=ñ* e *ij=iñ*.

Agora a comparação das formulas da oração dominical :

No PER SIGNUM CRUCIS, além do que acabamos de vêr á respeito dos sons, ha só a differença de *iepe* em vez de *epe* na primeira oração, e a ausencia da copulativa *hae* antes de *Tayra* e de *Espirito Santo*.

O pronome de 2ª pessoa é (nota 6) *épe* no singular, *pejépé* no plural quando sujeito do verbo, tendo por paciente a 1ª. O padre Figueira (grammatica fim da pag. 87), e começo de 88) mostra não tel-o comprehendido como Montoya (gramm. pag. 36), e o confunde com o adjectivo *jepé*.

No PATER NOSTER temos:

(a) *Tekuar* em vez de *ere-ẽmbãe* o substantivo verbal de *tikó* em vez do participio activo de *tin=ten*.

Como não era usado o verbal *tendãra* de *ten* os padres do Paraguay empregaram o participio activo *o-ẽmbãe*. Os catechistas da costa oriental preferindo porém empregar o verbo *tekó*, usaram do seu verbal *tekuára* (*te-kóhár*) para exprimir «qui est», por tanto *Ybáki-pé tekuar* cælo in stator, corresponde exactamente á *ybape eré-imbãe* cælo in tu sedens.

b) *Imboëté-pyramo* em vez de *i-mbo-je-robidi-ri-pyramo*. Montoya dá o verbo *mboeté* venerari, colere, que os padres da costa empregaram muito no sentido de «laudare benedicere.» Correspondem-se pois *mbojerobiár* e *mboeté* collocados ambos no mesmo modo e ambos passivos e seguidos ambos do complemento de phrase no modo permissivo *to-ikó*.

No mais apenas na formula tupi falta o adjectivo *morã-ngatú* qualificando *rêra*.

c) *To-úr nde reino* em vez de *to-úr nde rikó morâ-ngatú orêbe*. Os catechistas do Brasil preferiram o vocabulo portuguez *reino* em vez de traduzil-o. Além disso falta na formula tupi o dativo *orê-be nobis*, que é essencial.

d) *Toñemoñang* em vez de *tij-aijê* para traduzir *fiat*; Montoya dá o verbo *monañg* facere e o derivado d'ele *ñemoñang fieri*. No mais a formula guarani só tem de mais o adverbio *kié* hic, precedendo *yby* terra que falta na formula tupi mas não lhe altera o sentido.

e) *Jabiõ-nduára=nabõ-nguára*; já vimos que *j=ñ*; o *i* intercalado é apenas enphónico, e *nd=ng*.

f) *Ei-meëng* por *e-meë*; os guaranis dispensam sempre o pronome *i* paciente quando o verbo é dos que se tornam activos mediante a prepositiva *mo=mbo*; os tupis não prescindem do pronome paciente.

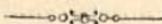
g) *Nde nyrõ oré angaipáb resé orêbe, oré rerekó memuã-hára supé oré ñyrõ jabê*, differe do que vem na formula guarani: 1º em não ter a copulativa *haé* e o adverbio *anga* o que não altera o sentido, 2º em estar *oré angaipaba resé* nostra peccata super, *orêbe nobis*, quando na outra está «peccatores» no preterito regido de *upé* e não seguido de *orêbe nobis*, o que modifica um pouco o sentido, 3º em ter *jabê=ñabê* em vez de *nungâr* que tem significação equivalente. Da troca de *memuã* por *mënguã*, e de *supé* por *upé* já tractamos. Na formula de Betendorf vem o erro *iaabé* por *jabê*.

h) A phrase *oré mboár-ukâr-yme épe tentação pype* nos facere cadere jubeas non tu tentatione in, differe em tudo da outra mas significa o mesmo. O verbo *ar* cadere, tornou-se activo mediante a prepositiva *mbo*; a pospositiva *ukâr* exprime «causar, mandar, fazer com que». Afinal os padres em vez de traduzirem empregaram a palavra portugueza *tentação*.

i) No ultimo trecho da oração vem *m̄baë aĩba* em vez de *m̄bae poch̄y* que se equivalem.

Quanto ao mais sobre *jepé* por *epé*, *hui por gui*, *moar* por *mboar*, *resé* em vez de *rehé* etc. já se disse acima o que importava.

Por muito differente que seja a oração dominical dicta em guarani da dicta em tupi, vê-se que o são ambas em uma e unica lingua. Não ha um só vocabulo, uma unica phrase tupi que se não ache tambem em guarani.



A formula que em seguida vamos transcrever é a que vem no livro de Yves de Evreux, citada no começo deste artigo na pag. 272.

Vem simplesmente o PATER NOSTER não precedido do PER-SIGNUM CRUCIS.

DOCTRINE CHRÉSTIENNE

EN LA LANGUE DES TOPINAMBOS & EN FRANÇOIS ET
PREMIÈREMENT L'ORAISON DOMINICALE.

Ore-rouue vuac peté couare	Nostre Pere és Cieux qui es
Ymoe-tepoire derere-toico.	Sanctifié soit ton nom.
To-ouere de-reigne	Aduienne ton Royaume
Teiè-mognan deremimota-	Soi faicte ta volonté en la
re yboipé vuacpe iémog-	terre comme aux Cieux.
nan eaue	
Oreremiu-are aiedouare	Nostre pain quotidien don-
eimé ioury oreue	ne aujourd'hui à nous
De-ieurou oré yangaypau	Pardonne nos offences
ressé	
Ore recome-mossaré soupé	Comme nous pardonnons à
ore-ieuron eaue	ceux qui nous ont offen-
	cez.
Moar-ocar humé yepé teco-	Et ne nous induits point
memo poupé	en tentation
Oré pessuron peyepé m̄aë	Mais nous deliure du mal.
ayue souy.	Amen Jesu.

Posta esta oração na orthographia correcta temos:

Ore rub ybak-pe tekudr, i mboëlé pyr nde rër to-ikó to-ür nde reïne. To-je-moñã de-remi-mbotdr yby-pe ybak-pe je-moñã jabẽ. Ore rembiũ dr oje ndudr ei meẽ kuri orébe, nde jyrõ ore iangaipab resé, ore rekó memuãharé supé ore jyrõ jabẽ. Moar ukar-yme jepé tekó memuã pype. Ore pysyrõ pejepé mbaë aĩb sui.

Comparando-se com a formula tupi vê-se que é a mesma apenas mais incorrecta. Na correcção orthographica devemos lembrar-nos que a escripta de Yves d'Evreux é feita com a orthographia franceza e esta antiga; isto dá-nos a maior parte dos caracteres equivalentes em uma e outra escripta. Mas alem disso ha mais observações á fazerem-se. A vogal neutra que designamos por *a* vem aqui representada por *e* mudo francez no final dos vocabulos. O *y* especial do abañeenga está representado por *oi* em *moetepoire* (*mboetepyra*) e na segunda syllaba de *yboi* (*yby*); por *u* em *vuac* (*ybág*); por *eu* em *ieuron* (*jyrõ=ñyrõ*); por *hu* em *hume* (*ymé*); por *u* e por *e* em *pessuron* (*pysyrõ*). O *b* apresenta-se quasi sempre como *u* tal qual se vê em *rouue* (*ruba*), em *vuac* (*ybág*), em *eaue* (*jabẽ*), em *oreue* (*orébe*), em *ayue* (*aĩba*). O caracter *y* de Yves d'Evreux vale na nossa orthographia como *i* ou *j* excepto em *yboi* (*yby*) onde vale o mesmo *y* especial. Em *memo* por *memuã* (*menguã*) falta signal que indique o som nazal de *õ*. Em *recome-mossaré* (*rekó-memuã-haré=rekó-menguã-haré*) os *ss* representam *h* e o participio está no pretérito (*harér*) differente do que se acha na formula tupi. Temos ainda *elmé* por *ei-meẽ* (*ei-meeng*) e *ioury* por *kuri* (*kuri*) onde ha evidentemente o erro de *i* por *c*.

A differença mais importante está em *aiedouare* por *ojenduar* comparado com *iabiõ-ndõara* (*jabõ-ngudra*)

da formula tupi. Traduzimos *ára ñabō-nguára* por «diei uniuscujusque munus» e *ára oje-nduar* (*nguar*) póde ser traduzido por «diei hodierni munus» porque *oje* é o adverbio «hodie».

Vê-se em ultima analyse que esta formula é a mesma da oração dominical em tupi.

Agora pergunta-se: os franciscanos francezes que estavam no Maranhão no começo do seculo XVII aprenderam esta formula com os jesuitas (missionarios portuguezes) para ensinal-as aos índios, ou ouviram-n'a já decorada e atamancada pelos proprios índios do Maranhão? Tudo induz á crêr na segunda hypothese. Francezes e portuguezes viviam em hostilidades quer no Maranhão, quer no Rio e em outras partes. Um seculo depois da descoberta do Brasil já os índios, desconfiados das insidias e máus tractos dos portuguezes, desgarravam-se para longe dos colonos do reino, mas depois de terem estado em contacto com elles, depois de terem sido baptizados e catechizados e por tanto levando para os sertões uma boa parte das orações que tinham decorado e repetiam á maneira de lendas. Encontrando-se com francezes, com cujo tracto elles sympathisavam mais (porque ao menos da parte delles não soffriam o captiveiro, as perseguições e a guerra traiçoeira e exterminadora que lhes vinha dos hispanhoes e portuguezes) é natural que ao serem re-catechizados repetissem o que já sabiam.

Não era natural que os capuchinhos aprendessem o tupi com os jesuitas.

Seria facil e geral entre os padres francezes n'aquelle tempo o conhecimento da língua portugueza, na qual estavam escriptas a arte e catechismos da lingua geral? A mesma duvida não se póde apresentar á

respeito do que escreveram Piso e Marcgraff que á cada passo revelam conhecer o portuguez. Tambem os hollandezes mais tarde é que estiveram de posse de terras brazileiras e por mais tempo.

As noticias sobre lingua tupi que se aprendem de Yves de Evreux, em tudo e por tudo, parecem recebidas directamente dos mesmos indios. Entretanto é notavel a coincidencia das formulas das orações com as ensinadas nos catechismos portuguezes, apenas com a differença de serem em orthographia franceza e extremamente estropiadas, o que se não póde explicar senão por ser traducção de traducção.

A DOCTRINE CHRESTIENNE EN LA LANGUE DES TOPI-NAMBOS dada por Yves d'Evreux é a mesma que vem no catechismo do Padre Araujo, truncada e estropiada. Si elle a tomasse de livros portuguezes não poderia ser tão estropiada quer na orthographia, quer no modo de separar os sons e as phrases e de lhes dar traducção franceza. O transtorno de phrases que se vê, mormente em alguns trechos, só se póde explicar por terem sido ouvidas as orações da bocca dos indios, e mal explicadas por estes que de certo não poderiam reter com summa exactidão as doutrinas e mysterios, embora se dissessem traduzidas em sua lingua.

Na formula do CREDO por exemplo, este trecho de Yves d'Evreux.

A robiar... Ponce Pilate Mourouichaue amoseico sericomemo poire amo.

Je croy... Soubes Ponce Pilate President a souffert.

Yiouca poire amo youira. Ioasaue ressé.

A esté tué sur le bois de la croix. Il est mort.

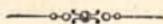
Ymoiar ypoire ytemim bouire amo.

Et a esté enseuely et enterré au Sepulchre.

Posto isto na orthographia correcta, e coordenada a phrase segundo a formula tupi (d'onde nos parece originaria), temos :

Arobiar..... Ponce Pilate mburubichab-amo hekó (reme).
Credo... Poncius Pilatus princeps cum fuisset
 serekó-memuã-pyramo, i jucá pyramo, ybirá-joasáb rehé
Illum afflictum fuisse, mortuum fuisset, ligno decussato in
 i mbojári-py (reme). I tymi-mbyramo.
flum fuisse. Sepultum fuisse.

Para se traduzir *ioasáue resse* por *il est mort* era preciso desconhecer quasi completamente a lingua, guiando-se, para escrever, só pelo som das palavras, e dando-se-lhes a interpretação que se ouvia do interprete. Copiado de um livro qualquer não era possivel tanto transtorno e engano.



Estava isto já escripto quando o Sr. Valle Cabral me deu a seguinte formula, extrahida da mui rara *Cosmographie universelle d'André Thevet*, impressa em Pariz, em 1577, in-fol., tomo IV, livro XXI, pp. 925.

Ore rure vbacpé Ereico. Toicoap pauemgatu aua vbu
 Iagotou oquoauae charai b'-amo derera reco
 Oreroso Jeppé vuacpé. Toge mognanga
 deremipotare vbupé vuacpé igemonang iaué.
 Araiauiou ore remiou Zimëeng cori oreue. De guron oréuo.
 orememoan angai paue supé, orerecomemoa-sara supe oregiron iaué.
 Eipotarume aignang orememoaugé. Eipea pauemgne ba ememoam
 ore suy.
 Emona né toico, Jesus.

Segundo nota do Sr. Cabral, foi este o primeiro trabalho que se publicou em lingua tupi, pois que Lery foi impresso em 1578 e o Anchieta em 1595. Portanto esta « oração dominical » ensinada por padres francezes aos indios da colonia Villegaignon é pelo menos con-

temporanea da que compozera o padre Anchieta, esta em Piratininga, aquella em Ganabara. E' opportuno observar aqui a improcedencia do que dizem Vasconcellos e outros quando affirmam que os Guayanás fallavam lingua differente da dos Carijós. A lingua que aprendeu desde logo o padre Anchieta e na qual catechisava os indios foi a *lingua geral*, o *tupi* dos Carijós de Piratininga e dos Tamoyos de Nyterói e Ganabara, e essa lingua devia ser a do chefe principal *Tybyrysa* (o nome o diz), o *morubichaba* dos Guayanás, e o mais dedicado amigo dos padres da companhia, á que pertencia o padre José.

Esta oração dominical em puro abañeenga, tem alguns erros de escripta ou talvez typographicos: em *ore rure* por *ore ruve* está *r* por *v*; *oquoauae* está muito errado, quando muito devia estar *oiquouae* para se poder interpretar como *oikobaē*; em *Zimeeng* o *Z* deve valer *E*; afinal *pauemgne ba ememoam* não pôde ser senão *pauemy mbae memoam*, onde o *m* se separou do *b* e se escreveu erradamente como *ne*.

Regularisada esta formula pela orthographia adoptada, e traduzida temos :

Oré rub, ybak-pe ere-icó; toi-kuaáb pabē ngatu
Noster pater coelo in tu es; sciant omnes

aba, yby jakatú o-ikó-bae, karaīb-amo nde rera
gentes, terram universam quæ incolunt, sanctum tuum nomen

rekó; ore rosó jepé ybakpe; to-je-moñang nde-remi-
esse; nos efferto tu coelum ad; fiat tua

mbotar yby-pe, ybak-pe i-je-moñang iabé; ara
voluntas in terra, in coelo ea fit sicut; diei

jabion ore rembiu ei meeng kori oré-be; nde
uniuscujusque nostrum cibum da tu hodie nobis; te

jyrō oré-bo ore mênguã angaipába supé, oré-rerecó
lenito nobis nostra damnosa peccata circa, nos qui

menguã hára supé ore jyrō jabê. Ei-potar-yme añã oré
damnum faciunt eis nos lenimús sicut. Nólito diabolum nos.

mo-moangē; ei peá pabemby mbae menguã oré-gui.
angere; amove eunctas res damnosas e nobis.

Emonã ne to-ikó, Jesus.

Ita sane sit . Jesus.

Em alguns pontos differe muito das outras esta formula. Em vez de oração de relativo «que» acha-se oração no indicativo: Pai nosso, tu estás no céo.

A segunda phrase é outra inteiramente, e nella se acham dicções ainda não encontradas no que temos examinado.

Kuadb v. trans. scire, cognoscere, agnoscere; está no permissivo (que serve de imperativo, e tambem como substantivo).

Pabé-ngatu, adjectivo composto: omnes.

Abá s. homo, gens, indigena; persona, aliquis, qui quæ, quod.

Jacatu, «adj. composto» universus, totus. Devia *jacatu* ser seguido da posp. de locativo *pe* ou *pype*.

Oicobae part. act. de *ikó* equivalente ao part. *tekuára*, que vem na oração em tupi.

Karai s. e adj. de que fizeram diversas applicções; tem esta dicção os significados de «sanctus, benedictus, sapiens, doctus, peritus, distinctus, excellens, dominus, princeps»; applicaram-na á «europæus» em contraposição á «indigena» designado por *abá*. Adoptada pelos padres serviu para designar como subst. «baptismus» donde *i-karai-bae* baptizatus, christianus, *i-karí-eý-bae* non baptizatus, ethnicus, gentilis, paganus.» Na vertente oração está como «qualificativo» regido da posp. *amo* ut, de subjuntivo.

Oré rosó jepé ybdk pe é também differente do que se viu nas outras formulas. Na nota 15ª já se fallou do verbo *ho* ire, do qual se deriva *roho*=*rosó* ferre, verbo este que os guaranis e hoje os paraguayos dizem *rahá*. Acha-se elle no imperativo com o paciente *oré* preposto e com o sujeito *jepé*=*epé* tu, posposto (nota 3ª).

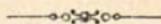
Seguem-se dicções já vistas precedentemente e só mais abaxo acha-se *jyrō*=*ñyrō* que já se examinou, e é sabido que *j*=*ñ*, como se vê em *jandé*=*ñañdé*, etc.

Mais adiante encontram-se dois substantivos *menguã* e *angaipãb* consecutivos e servindo um de adjectivo, e em vez de *upe* posp. de dativo, *supé* como se vê quasi sempre em tupi.

O verbo *moangẽ* angere, vexare, se acha re-activado por segunda prefixação de *mo*, e pois *mo-moangẽ* facere vexare, talvez inutilmente. Notando-se que na formula está *augè* e não *angè* pode-se interpretar de outra maneira: em tupi *auge*, em guarani *aguyjé* é um adj. composto significando «victus, domatus, submissus» donde o verbo *mbo-aguyjé* vincere, domare, submittere, que também serve para o caso.

O adjectivo *pabẽ* acha-se também frequentemente na forma *pabemby* cunctus.

Emonã, adv. «ita» seguido de *ne* que alem ser posp. de futuro do indicativo, serve de adv. «sanè, certè».



Seguem-se as formulas que vem no tomo 3º do *Mithridates*, alli transcriptas sob os ns. 367 á 374.

GUARANISCH

AUS CHAMBERLAYNE, S. 91

Unser Vater Himmel in du bist der
Orerúba ibápe ereibae;

Verehrt dein Nahme sey
Imboyerobiâ ripîramô nderéra toycò;

komme dein Seyn gut uns zu
Tounderecomávân gatúorebe;

dein Wille sich thue Erde auf Himmel in sich
Nderemimbotára tiyayê ìbîpe ibape yyâ-

thut auch
Yêyâbé

Unsre Speise Tag jeden gehorig gib diesen Tag an
Orerembiú ara nâbôguâra emêé coára pî
uns
peorêbe;

Verzeihe unsere Sunden uns
Ndeñýrô oreyñángaí pábaeupe orébe má

Wir verzeiken
ráhârupê oreñýr ônúngá haecorepo eyârîmé;

.....
Toremboá ìmégan oaipá;

uns befreye vielmekr Sache uble von
Orepicyro epecatu mbae pochí guí. Amen.

Destá formula deram-me os Srs. Dr. K. Henning e Alfredo do Valle Cabral cópias inteiramente idênticas. E' justamente a do padre Montoya com mais erros de escripta, como *recomavan* em vez de *recomaran*, *roebe* em vez de *orebe* etc. A. do Sr. Cabral trazia o titulo e a nota que seguem.

ORATIO DOMINICA

BRASILICE, GUARINICA DIALECTO

Ex Chamberlaynio.

Vem na pp. 142 da seguinte collecção :

« Oratio dominica C L linguis versa, et propriis
 cujusque linguæ characteribus plerumque expressa;
 edente J. J. Marcel. *Parisiis, Typis imperialibus* 1805,
 in-4º.

368

GUARANISCH

NACH ANT. RUYZ CATECISMO DE LA LENGUA GUARANI

Orerúba,
 ìbápe ereî bae ;
 Imboyerobiâ ripïra mô,
 Nderéra toycó ;
 Tou ndere comârân gatúorébe ;
 Nderemî mbotára,
 Tiyayê ìbipe,
 ìbápe yyâyêyâbê ;
 Orerembuí,
 Ara ñábôguâra,
 Emeê coára pïpeorébe ;
 Ndeñf rô,
 Oréyñângai pábaeupê,
 Orébe mârâharupé,
 Oréñf rônûngá,
 Haeorepo eyârîmé ;
 Toremboá ìmeganoaipá,
 Orepïçyrô epécatú ;
 Mbae pochî guî.
 Amen Jesus.

E' justamente a formula do padre A. R. de Montoya,
 transcripta com mais exactidão que a precedente.

DASSELBE

NACH ANT. SEPP. UND ANT. BÖHM REISEBESCHREIBUNG
NACH PARAQUARIEN, (NURNB. 1696 12) s. 213

Ore ruba.
 İbápe ereİbac.
 Imboyero biâ ripİramo.
 Nderata marânga tu toyco.
 Tou ndereco marânga tuorébe..
 Tiyaye nderimimbotâra.
 Quia İbİpe.
 İbape yyaie ñâbé.
 Orerembiu.
 Aranâbô guara.
 Emeê curi orébe.
 Ndeñfrô.
 Oreyñângai pabae upé.
 Orere recomengu ahara upa
 Oreñyro nñnga.
 Haé eipotaremé.
 Angaipape orca.
 Orepİçİrô epecatû.
 Mbae pochia guâ.
 Amen Jesus.

Esta é copia da formula de Yapuguay mas bastante errada. Ahi se vê *nde-rata* por *nde-rera*, *quia* por *quie*, *upa* por *upé*, *orca* por *orea*; em vez de *mbae-pochİ* *gui* ou *agui* vem *mbae pochİa guâ*.

370

DASSELBE

NACH MART. DOBRITZHOFER IN VON MURR'S JOURNAL F. K.
N. L. TH. IX. S. 106.

- « Ore ruba, ybape ereĩbae,
 « Ymombeu catupĩramo toico angũ nderera
 « maràngatu,
 « Ndereco maràngatu tou ânga orebe,
 « Nderemimbota tiyaye ânga coĩbipe, ybape
 « yyaye nabé,
 « Orerembiurã ara nabõngoara teremeê ânga orebe.
 « Ndenyrõ ânga ore ynanğaypabae upe, ore
 « rerecohare upe orenyrõ nabé.
 « Oremboa eme angaypã pipê.
 « Orepĩbĩro epe opãmbuepochi hequi. Amen. »

Ainda é *orezo* guarani com algumas variantes e muitos erros.

1.º Em vez do *imbo jerõhiari-pyramo* do guarani ou do *i-mboëtẽ-pyramo* do tupi vem *imombeu-katũ-pyramo* que lhes equivale em significação (v. no Tesoro *mombeu* dicere, *mombeu katũ* benedicere).

2.º *angu* é erro por *anga* e este adverbio ou interjeição intercalado aqui não existe nas outras formulas.

3.º transposição do verbo *toiko*.

4.º Nas duas phrases que se seguem dá-se outra vez inversão das palavras, e intercala-se duas vezes o adverbio *anga* que ainda reaparece mais adiante.

5.º Em vez do imperativo *e-meê*, está o permissivo *tere-meê*, o qual segundo as grammaticas tambem serve de imperativo.

6.^a Em vez de *rerekó-mênguã-har* está *rerekó-haré* que pode servir porque *rerekó* também significa propriamente «tractare»; quanto ao mais o substantivo verbal *rerekó-haré*, está no preterito.

7.^o Falta uma phrase inteira e depois em vez do permissivo *toremboá* (à Montoya), está o imperativo *orémboá*.

8.^o *Pybyrô* errado em vez de *pyhyrô*.

9.^o *Opâmbuepochĩ hegui*, deve ser escripto *opâmbaë pochỹ hegui* omnibus rebus malis ex, que pouco modifica o REZO de Yapuguai.

Escusa notar erros de menor monta, como *nabe* por *ñabé*, etc.

371

BRASILIANISCH ODER GUARANISCH

(UNTER DEM FALSCHEN NAHMEN MEXIKANISCH).
AUS DURET THRÉS DE L. S. 944.

- « Ore rure vbacpé, Toi coap. Pauemgatu
« aua vbu
« Jagaton; oquoavae charaib'-amo de-
« rera rico
« Ore roso Jeppé vuacpé. Toge mognanga
« Deremi potare vbupé vuacpé igemonang
« iaué
« Araiauiou ore remiouz imeencyori oraué.
« De gouron oreuo
« Orememoan angai parcé supé, orereme
« moa sera supe oregiron
« iaué
« Eipotarume aignang oreme moaugé. Ei-
« pea pauemgne ba emémo-
« am ore suy
« Emona né toico. Jesus. »

Esta é justamente a formula tupi, que consideramos a mais antiga transcripta do Thevet. Tem va-

rias diferenças de letras, e acha-se *jocaton* por *iagatou* (*jacatu*); *rico*=*reco*; *imeeny cori* mais exacta em parte que *zimeeng cori* em vez de *ei-meeng-cori*; *oraué* por *oreué* (*orébe*); *guron* por *gouron* (*jyrð*=*ñjro*); *angai-parcé* por *angai-paue* (*angaipdba*); *orerememoa sera* por *orerememoa-sara* (*ore-recó-mênguá-hara*).

O Sr. Alfredo do Valle Cabral obsequiou-me com a seguinte copia que é mais exacta.

Chamberleynius (Joan.) Oratio dominica in diversas omnium fere gentium linguas versa, cum dissertatione de linguarum origine (edente D. Wilkins). *Amstel.* 1715, in 4º.

ORATIO DOMINICA

MEXICANE

« Ore rure u bacpe Ereico: Toicoap pavemga tu a
 « va. Ubu jecatou oquoa vac. Charai bámo derera reco
 « Oreroso leppè wacpe. Toge mognanga dere mi potare
 « vbupè wacpe ige monangiave. Ara ia vion ore remiou
 « zimeeng cori oreve: de guron erevo ore come moa
 « sara supe oregiron javè; epipotarume aignang oreme-
 « moauge; pipea pauem gne ba ememoan ore suy.

« Emona. »

Postas uma juncto da outra e interpretadas temos :

Ore rure vbacpe	} — {	Ore rúb ybak-pe ere-ikó,
<i>Ore rure u bacpe Ereico</i>		<i>noster pater cælo in tu es,</i>
Toi coap. Pauengatu ava vbu	} — {	Toi-kuaá pabē-ngatú abá, yby
Jagaton; o quo avae		jakatu (ri) oikobæ
<i>Toicoap pavemga tu a va Ubu</i>	} — {	<i>Illum agnoscant omnes gentes.</i>
<i>jagaton o quo a vae</i>		<i>terram totam (super) qui sunt</i> <i>(essentes, propriamente),</i>
Charaib' amo de rera rico	} — {	karaib-amo nde rera toikó,
<i>Charai bámo derera reco</i>		<i>benedictum tuum nomen sit (est),</i>
Ore roso Jeppè vuacpè	} — {	oré rohó jepé ybak-pe,
<i>Oreroso leppè wacpe</i>		<i>nos adduce tu cælum in,</i>
Toge mognanga Deremi potare	} — {	To-je-moñang nde-remimbatar
ubupè		yby-pe
<i>Toge mognanga deremi potare</i>	} — {	<i>fiat tua voluntas terrâ in</i>
<i>vbupè</i>		

vuacpè igemonang iaué <i>uacpe ige monangiave</i>	{ — }	{ ybák-pe, i-je moňang jabē; <i>coelo in facta est sicut;</i>
Araiauiou oré remiour ime- enycori oraué	{ — }	{ ára jabō oré rembiu re meeng kuri orébe;
<i>Ara ia vion ore remiou zi- meeng cori orevo</i>	{ — }	{ <i>diei uniuscujusque nostrum ci- bum tu da hodie nobis;</i>
De gouron oreuo orememoan angai parcé supé	{ — }	{ nde nyrō oré-be ore menguā angaipabae supé,
<i>De guron orevo.....</i>	{ — }	{ <i>tu mitis sis nobis nos male pec- catores circa,</i>
orerememoa sera supe ore gi- ron iaué	{ — }	{ oré-rerekó-menguā-hára supé oré nyrō jabé.
<i>ore come moasara supé oregi- ron javé</i>	{ — }	{ <i>nos damnant qui eis nos lenes sicut.</i>
Eipotarume aignang oreme moangé	{ — }	{ Ei-potaryme añang oremo- moangé,
<i>Epipotarume aignang oreme moange</i>	{ — }	{ <i>tu velis non doemonium nos vexare,</i>
Eipea pauemgne ba ememoam ore suy	{ — }	{ ei peã pabê ñé mbaé menguā ore sui,
<i>pípea pauemgne ba ememoam ora suy</i>	{ — }	{ <i>tu amove omnes res malas nos- trum,</i>
Emona nè toicó	{ — }	{ Emonã ne to-icó.
<i>Emona</i>	{ — }	{ <i>Ita certè sit</i>

372

BRASILIANISCH

NACH DEM CATECISMO BRASILICO, 1641. 12, AUS JORDAN'S
SUPPLEM. ZU LÜDEKEN S. 59.

- « Orê rúb ĩbácĭpé tecoár
 « Imongara ĩbipĭramo réra toicô
 « Touír ndê reino
 « Toyemonhâng ndê remimotára ĩbĭpé ĩbácipe
 « oyemonhânga jabé
 « Orê remiũ ára yabiõdoára eimeeng corĭ orébe
 « Ndê nhĭrô orê angaipápa recê orébe, orê recom-
 « moáncara çupê orê nhĭrôjabê
 « Orê mboarúme yepé tentação pupê.
 « Orê pĭçiro té yepê mbaè aiba çui.
 « Reino, popĭrata, moetecába nõ ndê mbaéramo
 « cecórimẽ auyeramanhê. Amen. »

Esta reza é a tupi, mais inçada de erros e mais estropiada, e, o que é notavel, escripta com a orthogra-

phia hispanhola, em que o *y* especial é escripto ï e o *c* vale *k* antes do mesmo ï (isto tambem se vê em Anchieta).

Na segunda oração foi supprimido o pronome *nde* indispensavel antes de *rera*. Na penultima oração está *mboarumé* em vez de *mbo-ar-ukár-yme* o que muda um pouco o significado.

Termina a formula com as palavras: *Reino popĩ-rata moeļeçaba nõ nde mbaé ramo cecorime auyera-manhe*, que não pertencem ao *Pater noster*, e que não offerecem sentido algum, apezar de serem dicções do abañeenga. Para se poder entender e traduzir seria preciso introduzir ahi algumas outras dicções.

373

DASSELBE

Aus dem Catecismo Brasilico (Lisb. 1686. 8) S. 1.-und eben so in von Murr's Journal, Bd. VI. S. 211.

« Oré Rúb, ybákypé tecoar;

« Imöeté pyramo ndé réra toicó;

« Tour ndé Reino;

« Tonhemonháng ndé remimotará ybypé ybá

« kypé inhemonhânga jabé;

« Orē rēbiú ára jabiē ndoára eimeéng cori orébe;

« Ndehirō orē angaipába recé orébe, oré re-

« recomemoaçára çupé orenhirō jabe.

« Orémemoaracarumé jepé tentação pupé;

« Orépycyrō jepé mbaé çui. Amen.

« Nach Eckart in v. Murr's Journal steht Bitte III « inhemonhang, B. IV. rembiú, cori ohne Accent, B. V.

« ndebyrō und orenbyro, B. VI. ore moaracáryme, jepe

« ohne Accent, tentação, B. VII. mbae und çui.

E' a formula tupi, onde está *hirō* por *nhirō* (*ñyrō*) e *ore-memoa-racar-ume*, isto é, *oré-memguá-raharyme*, onde se emprega o verbo *rahá* ferre, em vez de *mboar* facere cadere.

374

GUARANISCH

BEY HFRVAS SAGGIO, NO. 10.

Verzeihe doch unsern Sündigenden uns
 Tandefñiro anga oreññangaipabaeupe ore
 Thuenden Schanden wir verzeihen
 rereco-mêguâhareraupe oreñiro
 wie
 nûnga

Wolle nicht Sünde in unsern Fall
 Eipotaremé angaipapipe oreã ;
 uns befreye vielmehr sache üble von
 Orepicirôpêcatu mbae pochi hegui.

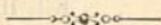
Por ultimo temos nesta formula o trecho final do rezo guarani já analysado.

Identica com a formula 373 do Mithridates deu-me o meu amigo o Sñr. Valle Cabral a seguinte ORATIO DOMINICA, BRASICÉ COMPOSITA, sotoposta á traducção latina.

Noster pater, cœlo in ens: honoratum tuum
 Oré Rúb, ybákypé tecoar; imoetépyramo ndé
 nomen sit veniat tuum regnum: fiat tua
 réra toico: toúr ndé Reino: tonhemõnháng ndé
 voluntas terra in cœlo in fit sicut; nostrum
 remimotára ybypé ybákypé inhemonháng jabé: oré
 uictum diem quemlibet attinentem da hodie
 rembiú ara jabiõ ndoára eimeéng cori
 nobis: ignosce nostra peccata propter nobis, nos
 orébe: ndehyrõ oré angaipába recé orébe, oré
 qui malé tractârunt ignoscimus sicut: nos
 rerecomemoãçára çupé orenhyrõ jabé: oré
 fac cadere non tentationem in: nos libera tu
 moarucáryme jepé tentação pupé: oré pycyrõ jepé
 re mala â Amen.
 mbaé aiba çuí. Amen.

Do *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur* de Christoph Gottlieb von Murr, parte VI (Nurnberg, 1778, in-8.º), a pp. 211 e 212.

Como se vê, é exactamente o Padre Nosso tupi, bem fielmente transcripto.



Do tupi moderno ainda hoje fallado no Amazonas deu-nos o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães uma grammatica no seu livro ultimamente publicado, sob o titulo O SELVAGEM.

Nesse livro á pag. 142 vem uma formula da oração dominical, que S. Ex. apresenta como mais accommodada á *simplicidade, á infancia por assim dizer*, da linguagem do indio. Precede á esse PADRE NOSSO na pag. 140 o PADRE NOSSO transcripto de *Chrestomathia da Lingua Brasilica* do Sr. Dr. E. F. França, o qual é apenas uma copia muitissimo descurada do Padre Nosso do Padre Antonio de Araujo, que foi transcripto na pag. 105.

O Sr. Dr. Couto Magalhães censura essa formula na pag. 141 do seu livro, e depois apresenta a sua.

Tenho pezar de não poder concordar com S. Ex., nem poder admittir um só dos pontos em que basêa a sua censura á formula do padre Araujo, mas não me deterei em argumentar, porque da analyse feita do PADRE NOSSO nestes apontamentos se póde vêr o porque não posso concordar com a sua critica.

Vai em seguida a formula que prefere o Sr. Dr. C. de Magalhães, a qual será bom examinar-se e confrontar-se ligeiramente com as outras.

PADRE NOSSO

NHANÉ RUBA

Pai nosso que estais no
céu;

Nhané rùba oikó uahá
ïuàka opé;

Santificado seja o teu
nome;

Ne réra oiúmuité toi-
kó;

Dai-nos o céu onde estás.

Remehē iané arāma ïuá-
ka, mamé reikó;

A tua vontade seja feita
no céu e também na terra;

Né remimutára toiumu-
nhā ïuákapé, iuire ïuípe;

Dai-nos hoje o nosso sus-
tento de cáda dia;

Remehē oiií iané arāma,
iané remiú ára iepé iepé
çuiúara;

Dae teu perdão ás nossas
culpas, assim como dare-
mos áquelles que forem
culpados para conosco;

Remehē ne iirón iané an-
gaipáua recé, maiiaué ia
mehē curi iané iirón aità
çupé inti omunhāna catú
uahá iané arāma;

Não deixeis, Senhor, que
façamos más obras.

Inti rexári, iané Iára ia-
munhā puxí mahā itá.

Livrai-nos de tudo quan-
to fôr mal. Amen Jesus.

Repčírú iané opaï mahā
aïua çuí. Amen Jesus.

Esta formula quanto á construcção já se aproxima muito, e mais que todas as outras, do portuguez, si bem que ainda com um tal ou qual character da LINGUA GERAL.

Por falta de typo especial empregamos o *ï* de Montoya nos casos em que S. Ex. empregou um *i* particular.

Nhane ruba na nossa orthographia é *ñane ruba* = *ñande ruba*. A novidade aqui, comparando-se com as outras formulas, é o empregar-se o inclusivo *ñande*

(nós todos), em vez do exclusivo *oré* (nos outros). Pelo menos é mais humanitario e...evangelico.

Oiko uahá corresponde ao participio *oikó-báe*, aquelle que és; *uahá* propriamente é *uáa*, porque o *h* não tem aqui razão alguma de ser; ora *uáa* corresponde a *váa=báa*, e vai ao antigo *bae* suffixo do participio activo, o qual tambem perdura no paraguayos moderno n'uma forma contracta *ba*, *va*, *ma*, *pa*, e que elles torcem para representar o imperfeito do indicativo.

Yuaka ope corresponde á *ybáka-pe=ybaki-pe=ybaga-pe* in coelo; a ultima forma é ainda a dos paraguayos. A mudança do *b* primitivo em *v* e depois em *u* no Amazonas é muito geral, e não é só em *yuáka* que se encontra.

A posposição de locativo *pe*, mudada em *ope*, mais abaxo vem *pe* mais exactamente.

Ne vera oiumueté loikó teu nome louvado seja, está bem á portugueza até na collocação; mas para isso é preciso considerar-se como adjectivo participio *oiumueté* 3ª pessoa do verbo pronominal derivado de *mboeté* engrandecer, louvar, *o-je-mboeté=o-ñe-mboeté* elle se engrandece, se louva, ou é louvado. Os paraguayos tambem já empregam o verbo pronominal como qualificativo, e o que é mais, em todas as pessoas.

Remehe iané arāma yuaka, mame reikó. Pondo isto na nossa orthographia e traduzindo temos: *re meñ jandé guarama ybáka, mame reikó*, tu dá para nos estarmos o ceo, onde estás; a traducção é bem litteral e bem portugueza.

O *aráma* actual do Amazonas servindo de suffixo do futuro parece ser fusão de suffixos de participio *háb* ou *hár* com a posposição *rām* de futuro, e ás vezes

como aqui, presta-se a ser considerado como futuro de *guar* (contracto de *tekuar*).

Mame dos tupis, *mamõ* dos guaranis é adverbio «onde».

Ne remimutára toiuninhã iuakapé iuire iuipé a tua vontade seja feita (faça-se) no céu e também na terra; vai também muito à portugueza. Conforme a orthographia adoptada tem-se: *nde remi-mbotára to-jemoña ybakape, jebýri yby-pe*. Aqui se apresenta *ybaka* regido da posposição *pe* de locativo, quando acima vimos *opé*, e o verbo *jebýr* volver e tornar, está empregado como adverbio «outra vez.»

Remehe oii iané arâma, iané remiú ara iepé iepé cui uâra. Na outra orthographia e traduzido ao pé da letra; *re mež ojei ñande guarama, ñande rembiú ara jepé jepé sui guara*, tu dá (o indicativo pelo imperativo, o qual faz *e-meê*) hoje para nos termos, a nossa comida á cada dia pertencente. *Ojei* adv. é de uso geral, *remiú=rembiú*, comida, sustento; *jepé* era muito usado em tupi no sentido de «um», *ara jepé jepé* dia um um, dia por si por si, dia um por um; *sui=gui* posp. «de» Precedendo agora a *guara* aproxima-se á construcção antiga em que *guara* como participio contracto de *ico* ser, pedia sempre uma posposição para o seu complemento ou caso regido.

Remehe ne iiron iané angaipdua recé, em outra orthographia: *re mež nde ñýrõ ñande angaipâba rehe* litteralmente «tu dá teu perdão aos nossos peccados»; mediante os dois substantivos *ñýrõ* perdão, *angaipaba* peccado, toda a collocação é puramente portugueza com excepção da proposição *recé*.

Maiiaue iamehẽ curi iané iiron aità çupe. Na nossa orthographia *ma jabẽ ja mež kuri jandé ñýrõ aità upé* é ainda quasi litteralmente «assim como nos damos

agora (ou aqui) nosso perdão á aquelles...» Segundo se vê da grammatica do Sr. Dr. C. de Magalhães hoje *curi* é um designativo de futuro, mas collige-se da phrase acima, que ainda é possível interpretar *curi* com a significação antiga, a qual reside essencialmente no demonstrativo *ko* regido do posp. *ri*, fazendo *kori* nisto, neste instante, em isto, etc. E destas encontram-se frequentemente nos fallares modernos, nos quaes a phrase apesar de querer se adaptar á construcção do fallar europeu, com tudo sempre se acha alguma coisa torcida á geito, que revela o modo de construir antigo. O pronome *aitá* aquelles, regido de *upé*, e fazendo esperar a oração incidente (com relativo que), é evidentemente formado de *ã* demonstrativo e *ita=etá* adj. (muito, muitos) adoptado para designar plural; a unica differença é que *ã* designando «este» *aita* devia dizer «estes», notando-se porém que, como ainda ha o demonstrativo *ko* este, *ã* propriamente quer dizer «o» e *aitá* «os».

Inti omunhãna catu uahá ianê arãma, é a oração de relativo «que», com a qual se completa a phrase de «perdão á aquelles que», e tambem aquella em que a construcção se arreda um pouco do portuguez e lembra a antiga, apesar da irregularidade da negativa *inti* e outras. Tambem é difficil reproduzi-la na nova orthographia por causa das dicções estranhas *inti*, *uahá* etc. *Inti* negativo figura no dicc. braziliiano na forma *nitio* que vai ter á phrase antiga *ndityb* non est (não ha); *uahá* é o suffixo de participio, que ja vimos contendo o relativo «que» *arãma* é o novo designativo de tempo futuro que tambem vimos; *catu=katu* adj. e adv. «bom, bem,» aqui está como subst. «o bem»; *munhana=moñang* é o verbo «fazer.» Assim pois o *munhana uahá* corresponde á *o-moñang-bae* qui facit. Já vimos que a ne-

tiva *eĩ* dos participios é sempre posposta ao verbo, de modo que aqui a negativa *inti* preposta exprime um grande desvio da antiga, e *catu* como subst. servindo de accusativo de *moñang* é outra grande irregularidade para se approximar á construcção portugueza. Afinal *iané arama* corresponde á *ñandé guarama* que já se examinou.

Portanto transportando o suffixo *uahá* que representa o relativo para o principio temos *aitá cupé* á aquelles, *uahá inti o munhana catu iané arama* que não fazem bem para nós termos.

Em se attendendo á collocação da negativa *inti* na phrase, visto como se acha collocada no principio, pode ella se considerar como *ani* ou *andi*, mas então *inti* em vez de *nd* com o verbo representa uma mudança semelhante á que se faria em francez pondo-se *non* em vez de *ne* na phrase *je ne le fais pas*.

Inti rexári, iané iara, ia munhã puxi maha itá, é, palavra por palavra, construcção portugueza: não deixes, meu senhor, fazermos más cousas. *Inti rexári* não tem nada que indique o imperativo antigo, embora ahi se veja o verbo *hējdr* deixar, alterado para *rexári* tu deixas, precedido da negativa *inti*; o regular seria *e-hejdr-ymé* não deixes (imperativo negativo) com a negativa posposta; *iané iara* e *jande jara* nosso senhor; *ia munhã* corresponde á *ja moñã* nos fazemos, mas aqui está como infinitivo pessoal «nos fazermos»; *maha* corresponde á *mbae* coisa, que seguido do adj. *itá* muito, faz *maha itá* (*mbae itá* cousa muita) cousas; afinal o adj. *puxi* (*pochy*) está anteposto ao substantivo, o que não é regular em abañeenga.

Repčirú iané opaí maha a'ua çui, construcção toda portugueza. Na orthographia adoptada tem-se: *re pysyrō ñande opábi mbae aiba gui* tu livra-nos de to-

das as coisas ruins (só ha a posp. *gui* que se desloca como preposição na traducção): O imperativo seria *epysirō* livra, e não *rēpysyro* tu livras; o pron. paciente devia ser preposto e então desaparecia o sujeito e tu, *ñande pysyrō* livra-nos, ou então seria o pron. sujeito (de 2ª pessoa) posposto *ñande pysyrō epé* livra-nos tu; *opá* como adjectivo apresentou-se com um *y* demais, que só se póde interpretar por *bi*; ha erro em *aïua* que devia ser *aïua* (*aïb*); *mahá* já vimos que é *mbae=mae=maá*, e si o não parece é porque desgraçadamente se representa no Selvagem o *spiritus lenis* pela aspiração *h* inteiramente impropria, e que adultera *maä* em *maha*, *uaä* em *uaha*, *meä* em *mehē*, *soó* em *sohó*.

Os vocabulos são da lingua geral, como vemos. A construcção não, pois apenas resta a collocação das posposições e do designativo de futuro no fim da phrase; mais nada.

Quanto á orthographia temos em primeiro logar signaes differentes para o mesmo som, taes são: *nh* em vez de *ñ* destes apontamentos, *ç* e *c* por *s*, a aspirada *h* pelos apices, *x* por *ch*, um *i* especial por *y*. Os sons *n=nd*, *m=mb* no livro o *Selvagem* apparecem sempre como *n* e *m*.

Mudança real de som se dá em *b* que no livro o SELVAGEM vem como *u* (*iaue* em vez de *jabé*), e do mesmo modo o *e* e o *o* (*iemunhã* por *je-moñã*). O *g* desaparece (*udra* por *gudra*); o nosso *j* é alli representado sempre por *i*.

Esta mudança de sons é confirmada pelo que se vê no vocabulario do padre Seixas e n'aquelle que foi impresso pelo Dr. Gonçalves Dias no tomo 17 da Revista do Instituto Historico. E ella é mais geral e se estende por todo o Brasil, como o confirmam alguns vocabularios que tenho e até o que vem no livro do Sr. Dr. Mou-

tinho (em Matto-Grosso). Mesmo no Pará se vê o *y* mudado em *é* o que raro se vê no livro O SELVAGEM.

O *j* representado no livro O SELVAGEM por *i* sôa *ñ* mesmo no Pará, sôa *dj*, as vezes sôa *j* como em portuguez e chega á passar á *ch* como se vê mesmo no presente PADRE NOSSO *rexári* em vez de *rejári*. A final o *ch* tem por vezes o som *tch*.

Destes sons de *j* e de *ch* se pode ter exemplo com os matutos do interior, e principalmente com alguns caboclos velhos de Minas, S. Paulo, Goyaz etc., dos quaes vinda muitos fallam a lingua indigena.

Por ultimo seja-nos licito dizer: Seria muito bom que se reimprimisse com mais cuidado (e com orthographia mais adequada) a grammatica do Sr. Dr. C. de Magalhães, e que S. Ex. lhe junctasse o promettido glossario; o trabalho de S. Ex. é todo practico e está prestando reaes serviços aos que tendo de tratar com os indios do Amazonas, se premunem da sua grammatica e a estudam para entrar em conversa não só com os tapuyos, mas ainda com varias tribus ainda selvagens, que fallam o tupi mais ou menos alterado.

Uma das cousas que caracterizam a grammatica do abáñeenga é a ausencia de dicção separada e distincta do verbo para exprimir o relativo «que» (qui, quae, quod), e mesmo a conjuncção «que» que liga a oração incidente (de infinitivo e até de subjunctivo) á oração principal. Positivamente na lingua geral o relativo «qui, quae, quod» é expresso e é implicito no verbo mediante os suffixos de participio com os prefixos pronominaes, e a conjuncção «que» pelo verbo no infinitivo, ou no subjunctivo, e tambem por alguns participios. *Nde hó ndai potári* não quero que vás, isto é, *te ire noto*, te ires não quero; não é possível que sare sem que se tracte *ndi katúi hesãi-haguã pohang-ejmo*, isto é,

não é possível elle sarar (o sarar delle, em futuro) sem elle se tractar, ou si elle não se tractar. No dia em que (ou no qual) te foste elle morreu, *ara nde-ho-hagué-pe o manõ*, no dia *ara-pe*, a posposição *pe* em, está no fim, e o relativo «que» junctamente com o designativo de tempo preterito está no suffixo participial *haguér*. Demais esta phrase não é a mais exacta porque emprega ali um substantivo *ara* dia, o qual á ser necessario se empregar, deveria estar depois de *ho-hagué* que tambem, considerado como substantivo, devera estar em genitivo. O tempo poderia ser designado independentemente do substantivo *ara*, dizendo-se *nde ho-ramo o manõ* em te indo, ao te ire elle morre, *nde ho-ramo-bé o manõ* logo que te foste ou immediatamente ao ires-te elle morreu, *nde ho-haguera-bé o manõ*, depois que te foste ou em seguida ao te teres ido elle morreu; e cada particula que ahi se mette introduz certa determinação, donde se vê que não ha as inculcadas particulas de adorno, que phantasiam as grammaticas, as quaes são completamente inadmissiveis, porque não se póde procurar enfeites quando ainda se tracta de vestir bem os dizeres.

Os participios activos e passivos incluem sempre em si o relativo «que, o que». *Ojuká-bae ráma o manõ-ne*, o que matar morrerá; *ojuká-bae-kué o manõ-ne*, quem matou morrerá, *i-juká-haré-ramo be to manõ*, por ter sido elle quem o matou, morra, *kuñã che rembi-ayhú-huéra ndo-ikóbé-i*, a mulher a quem ameí não vive, ou antes, a mulher, que foi por mim amada, não é mais; *kuñã, cherembi-rekó-kuéra, ndo-ikóbé-béi*, a mulher, que foi minha esposa (que foi tida por mim), não vive mais. *Abá, guemimbotá o-mbo-aje-uká-baé jepí, nombo-ory guobaili-hár*, o homem, cujas vontades são sempre satisfeitas, não gosta de quem o contraria.

É característico também no abañeenga que as particulas para designar tempo, não sejam inherentes ao verbo, e possam ser postas como suffixos até depois dos nomes e pronomes. Assim :

<i>mbae</i> a coisa, o que é.	<i>abá</i> a pessoa, quem é.
<i>mbae hué</i> o que foi.	<i>abá hué</i> quem foi.
<i>mbae ram</i> o que será.	<i>abá ram</i> quem será.
<i>mbae kueram</i> o que fora.	<i>abá kueram</i> , quem fora.
<i>mbae ranger</i> , o que seria.	<i>abá ranger</i> quem seria.

Junctando-se a negativa, a qual é sempre posposta ao nome ou verbo, mas pôde se prepôr ou pospôr aos suffixos de tempo, tem-se *mbae eỹ* o que não é, *abá eỹ* quem não é. *mbae-kuerãm-eỹm* ou *mbae-eỹ-kuerã* o que não fora, *aba ram-eỹ* ou *abá eỹ-ram* quem não será, etc.

No portuguez dá-se a existencia do *infinito pessoal* ou infinitivo conjugado, que não ha nas outras linguas cultas. Si esse facto se desse também no hispanhol poderia auctorisar o pensamento de que fosse isso por influencia da *lingua geral* e de outras do continente americano.

Os roceiros e a gente do povo fazem uso frequentissimo do infinitivo pessoal e á cada instante o estamos ouvindo regido de preposições, como elle o é de posposições no abañeenga: Queria que mecê me desse um capote para eu me agasalhar (para que me agasalhe); elle não veio por amor de o terem estorvado (porque o estorvaram); precisa nós irmos (é preciso que vamos); litteralmente na *lingoa geral*: *haebe oré hó-haguã*.

A respeito dos pronomes: no abañeenga é fundamental a distincção entre o pronome demonstrativo geral *i=j=ñ=ij=iñ* ou *h* (is, ea, id, ou ille, illa, illud) e o reciproco *o, gu* (sui, sibi, se, e o seu derivado possessivo «suus, sua, suum»). Devido talvez á isso os brasileiros, mormente os caipiras, tem no seu dizer mais precisão que os portuguezes, pelo uso imprópriissimo que fazem

estes do reciproco *se*. Já foi isto dicto no primeiro folheto, mas vale a pena repetir. Como existe o tractamento de *V. M.*, *V. S.*, *V. Ex.*, etc., d'ahi vem a necessidade de se empregar o verbo em 3ª pessoa: *V. M. bem vê*, em vez de *tu ves*, ou *vós vedes*. Do mesmo modo vem o emprego do possessivo *seu, sua*; *V. M. toma a sua bengala=toma a tua bengala=tomai a vossa bengala*. Aqui porém já se apresenta ambiguidade porque *sua* podia ser *delle* ou *della*. Os nossos caipiras já são mais precisos dizendo embora pleonasticamente: *V. M. tome a sua bengala de V. M.*

Na phrase seguinte: *Estive com o seu compadre e elle fallou de si*, como nos dizem os portuguezes, fica mos em duvida se elle fallou *de si* ou *de vós*, e então deixa de haver pleonasmno no fallar dos nossos caipiras, que é mais preciso, dizendo: *estive com seu compadre de V. M. e elle fallou de V. M.*

E' evidente: *elle fallou sobre si*, da maneira como dizem os portuguezes dirigindo-se ao interlocutor é completamente ambiguo, e ahi o nosso matuto falla com mais precisão porque diz expressamente uma das duas cousas contidas na phrase á portugueza, isto é, ou *elle fallou de V. M.*, ou *elle fallou de si* (*si* reciproco referindo-se á *elle*). Prefiro á estas ambiguidades a precisão dos nossos matutos com todos os seus pleonasmos, quando dizem: elle tomou a sua bengala *delle* para que eu a trouxesse á *V. M.* (*d si* diriam os portuguezes) a fim de *V. M.* (*de si* á portugueza) troca-la pela *sua* de *V. M.* (concluem os nossos).

O portuguez vem do latim, e na lingua mãi tambem é fundamental a differença entre os demonstrativos *is, id, ille, illa, illud* e o reciproco *sui, sibi, se*; aos possessivos *suus, sua, suum* correspondem os genitivos dos demonstrativos *ejus, illius*.

Isto está escripto ha muitos annos, mas felizmente antes de ser dado á luz é corroborado e *esclarecido* pelo auctor do IDIOMA DO HODIERNO PORTUGAL COMPARADO COM O DO BRAZIL, que muito proficientemente elucidou esta questão do pronome reflexivo, e outras de pronuncia e de syntaxe do portuguez.

E até o auctor (que modestamente occulta o seu nome) desse bom livro me compelle á esclarecer mais o questão do pronome reflexivo e na pag. 22 da 1ª parte do seu escripto precisa bem o como deve ser entendido esse reflexivo.

« O pron. refl. *se* e os adjectivos como elle reflexivos, se referem ao agente. »

E' exactamente o que se dá em latim e tambem na *lingua geral* onde ao pron. *i* ou *h* (is, ea, id, ou ille, illa, illud) correspondem os reflexivos (que chamei reciprocos) *o* ou *gu* (sui, sibi, se). Dahi tambem a explicação dos pleonasmos usados pelos caipiras, porque empregada em portuguez a 3ª pessoa pelo 2ª como agente do verbo o sentido do refl. *se* e dos adj. correspondentes *seu*, *sua* fica dvidoso e elles o determinam por meio dos pron. *elle ella* (is, ea, id, ou ille, illa, illud) e dos adj. *d'elle, d'ella* (ejus, illius): *e meẽ chebe nde kysé* dá-me a tua faca *i kysé* a faca *d'elle* e nunca *o kysé* a sua faca, porque o agente do v. é *tu*; em portuguez porém servindo a 3ª p. por 2ª p. o caipira usa do pleonasmos para determinar : « dê-me a sua faca *delle* ou de *mecê* ». *Oi meẽ chebe* elle deu-me *o kysé* sua faca *guai kysé* de seu filho a faca, *abã kysé* do homem a faca, *i kysé delle* a faca; em portuguez « deu-me a sua faca » precisã de pleonasmos para determinar a « sua faca de mecê (2ª), sua delle (o agente), ou delle (o outro).

A *lingua geral* no seu contacto com a portugueza e a hispanhola foi supplantada, não ha duvida, e nem

ha o que admirar, porque na peninsula iberica tambem o foi o arabe, algum tempo vencedor e dominante, pelo latim, donde nasceram o portuguez e o hispanhol. Venceu o latim não obstante ter legislado e dominado na peninsula o elemento arabico durante alguns seculos; não é de admirar que o tupi sempre vencido e escravizado, percesse perante o portuguez. O que admira porém é que no portuguez hoje fallado pelos brazileiros abundem muitos dizeres herdados dos incolas, mais talvez do que ficou do arabe no portuguez. Com effeito não é só a parte lexica que passou para a lingua do colono conquistador; passou tambem alguma cousa do torneio de phrase, alguma cousa do modo de pensar e sentir, e de dizer, que sem destruir completamente a grammatica portugueza, adaptou-a com tudo á um modo de fallar differente.

De perfeito accordo com o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães neste ponto, tenho prazer em reconhecer com S. Ex. a influencia exercida pela lingua indigena no fallar da nossa gente do povo. S. Ex. mais que ninguem o podia apreciar, percorrendo tantas provincias em suas longas viagens, e pondo-se em contacto com diversas gentes das diversas localidades que percorreu.



Para concluir a analyse dos *Pater Noster* vamos apresentar a formula que ainda ouvimos da bocca de um ou outro caboclo, em cuja memoria perdura alguma cousa da lingua de seus pais. Mais ou menos alteradas, mais ou menos a portuguezadas, com tudo, ainda conservam certo character da antiga lingua geral. Sirva-nos de exemplo uma que tomamos de um caboclo que tinha pertencido ao antigo aldeamento de Ita-

gualhy, a qual em grande parte concorda com uma aprendida na minha infancia com caboclos do Sul de Minas Geraes. Este *Padre Nosso* parece ter sido ensinado por padres que conheciam a lingua tupi, conforme o que subsiste no *Diccionario Braziliانو*, que as pesquisas dos dignos empregados da Bibliotheca Nacional attribuem a Frei Velloso.

PADRE NOSSO

Santa curuçá rangaba recé tere pyc̄yron, Tupana jandé jára. jandé çobayána çui, Paya, Tayra, Espirito Santo abé réra pupé. Amen.

Jande Paya, oicó-oaé ybáke pupé, to-je-mombeúpyr nde réra carayba, to-ur jandé-bo indé çobáya, to-jemohang inde remimotára yby-pupe yabecatú ybáke pupé. Tere-meéng cuyr jandé-bo jandé meapé ara yabê yabêgoárā; tere nhyron jandé angaipába çupé njbê nongára yande nhyron jandé çupé tecoayba goára, aítio cejá jepé jandé ár enganeçába pupé; Tupāna, xe jára, nde abé jande pyc̄yron mbae-ayba pabê çui.

No *signal da cruz* encontram-se poucas differenças da formula antiga tupi. Em vez de *Santa Cruz* perfeitamente portugueza, acha-se a palavra tupinizada em *curuçá*, e o mesmo aconteceu no guarani onde se introduziu *curuzu* á hispanhola.

Em vez do pronome exclusivo *oré* ja se acha aqui o inclusivo e generico *jandé*, como se viu na formula do Sr. Dr. Couto de Magalhães. Como, quando, e porque se deu essa mudança em tupi, ao passo que em guarani continua o emprego do pronome exclusivo, é o que não é facil dizer.

Nas formulas paraguayas continúa o uso do pronome exclusivo *oré*, para dizer *pai nosso*, de nós outros, os christãos, os catholicos; no tupi de certo tempo em

diante começam á usar do inclusivo *jandé*, chamando-se á Deus, *pai de nós todos*, incluindo os homens na sua generalidade, e talvez os animaes, os seres vivos todos e até a creação inteira.

Para traduzir *inimigo* empregou-se aqui *çobayana* que, no dicionario brasileiro, vem com o significado «o contrario, o adversario». Propriamente *tobaichuar* = *tobai-guar* quer dizer «fronteiro, o que está na frente» porque *tobai* diz «a frente». Pela regra dada á respeito do demonstrativo *t*, tem-se *tobái*, *robái*, *hobái*, *guobái*.

Em tupi *h* é *ç*, e a desinencia *ara* é frequentemente mudada em *ana*, mormente quando occorre voz nasal. Mas note-se que differem *tobaichuar* e *tobaijár* significando um «o fronteiro» e o outro «cunhado.» Os tupis pois confundiram *tobaichuana* ou *tobaiguana* com *tobáiãna*, e em ultima analyse tem razão, quer quanto á derivação do radical, quer quanto ao significado.

Não vale a pena apontar pequenas differenças nas dicções como *rângaba* em vez *rángaba*, hoje no Pará *rângáua* etc.

No *Padre Nosso* além da novidade do pronome inclusivo *jandé*, temos ainda a do substantivo *Paya*. É penoso estar á repetir as mesmas explicações, mas como não sei qual dos escriptos, que faço simultaneamente, será primeiro publicado, é preciso dizer aqui em breve alguma cousa. No abaneenga a dicção que propriamente designa «pai» é *tub* (*che rub, nde rub, tub, hub, guib*); *paĩ* (nunca usado com pronomes) é uma especie de vocativo, e como diz Montoya, «palabra de respeto con que nombran a sus viejos, hechiceros y gente grave» correspondendo a *hai* mãe, como *tub* corresponde a *syg*; *paijé* é o nome dado ao «sacerdote, propheta, medico (hechizero, como diz Montoya); de *paya* não ha exemplo em guarani, mas no tupi equivale á *tub* como

se vê no dictionario braziliario, e como se acha em muitos dizeres dos caboclos, notando-se com tudo que, no tupi constante do dictionario braziliario, ha muito vocabulo portuguez, como : *marica* barriga, *paya* pai, *maya* mãe, *pána* panno (*pana peteca* lavandeira), *papera* escripto (papel). Afinal apparece o vocabulo *laytá* usado pelos paraguayos para designar *pater-familias*, o pai, o ancião, vocabulo explicavel pelo *abañenga* como contracto de *tayr-etá* muitos fillos; este vocabulo, porém, se acha no kechua tambem, e em alguns outros dialectos que não são do tronco *abañenga*. Em Basco ha tambem *aita*, note-se por demais.

O suffixo de participio *bãé* aqui se nos apresenta sob a forma *odé*, donde o usado hoje no Amazonas *udá*. que o Sr. Dr. C. de Magalhães escreve *uahá*.

Em *to-je-mombeu-pyr* se acham dous designativos de passiva, pois *o-je-mombeú* é «douve-se ou seja louvado» e *t-mombeu-pyr* o louvado, ou louvavel.

No dictionario braziliario dá-se tambem á *pyr* a significação de um adverbio «mais.»

O pronome *nde* na forma *indé* já vem em Figueira e até em Anchieta.

Nas rezas mais antigas vinha *reino* e na formula franceza *reigne* a dicção que aqui é *çobáya*, aliás *hobája* a fronteira d'elle.

Nada diremos de dicções que mais ou menos estão explicadas como *yabe-catú*, *cuyr=koyr*, *nongára=nungára*, etc.

Par designar «pão» era anteriormente usado quer em guarani, quer em tupi *tembiu=temiú*, comida, alimento em geral; aqui vem agora *meapé*, *miapé* mais geral, em guarani *mbuyapé* que vem de *tembiuapé* bolo, pão.

E' notavel ainda achar-se aqui em forma pura antiga *yabé-goara* equivalente á *ñabó-nguara* servindo de adjectivo. Essa forma participial em *goár* ainda se reproduz mais adiante em *teco-ayba-goára* construido contra as regras da grammatica antiga, mas confirmando a interpretação, que lhe foi dada, de ser o participio contracto *tekoára* aquelle que é, *teco-ayba* (em genitivo, por estar preposto) de má condição.

Em *Tupãna* verifica-se o uso dos tupis de completarem a syllaba final, que os guaranis elidiam dizendo *Tupã=tupan*.

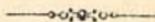
No resto da formula só vem dicções que já foram examinadas, havendo de novo unicamente o substantivo *enganeçaba*, do portuguez *engano* com a desinencia *hába*.

Ha muitas outras variantes, que na essencia se reduzem á esta ou á alguma mais antiga, variando apenas em uma ou outra dicção, como *ndemimotara* por *nde remimbotára*, *momboete* ou *mbuete* por *mombeu*, *jabebé* por *jabekatu*, *ojei* por *koyr* equivalentes em significação. Em uma, em vez de *nde çobaya* teu reino, vem *nde rendába* o teu pousio, em vez de *çobayána* (*hobaijára*), *çumarã* (*humarã* puxa briga), e nesta, que x ouvi de um soldado do Ceará vinha ainda *pazú* significando «pai» o que traz reminiscencias do *kiriri*.

Não fallo de outras formulas onde se introduziram em maior numero dicções portuguezas. O Sr. Dr. Couto de Magalhães já fallou dessa mistura de duas linguas e deu specimens de versos em tupi e portuguez, como os ha tambem em guarani e castelhano.

No tempo da independencia eram muito em voga esses versos onde vem de mistura vozes portuguezas com vozes tupis, e tanta gana havia de se distinguirem os

brazileiros dos portuguezes, que até se introduziu em grande o costume de ajunctar ao nome e appellido algum vocabulo indigena.



Para completar este ligeiro exame das formulas do *Pater Noster* será bom addiccionar-se pelo menos uma das mais usadas entre os paraguayos.

Tenho colligido algumas que differem entre si, como as que acabamos de vêr em tupi. Differem principalmente as do guarani fallado em Corrientes, das do que se falla desde Humaitá até Assumpção; o guarani fallado em Villa-Rica e mais para leste se parece com o das serras do Norte descambando para Matto-Grosso; o de Corrientes tem mais parecença com o do Rio Grande do Sul, que pelo seu lado se approxima ao tupi de S. Paulo.

O REZO que aqui transcrevo foi-me dado por um bom e sizudo paraguayo de nome Francisco Cañol, prisioneiro em Uruguayana logo no começo da guerra. Era um bom homem na extensão da palavra que aqui chorava saudades da patria, onde tinha deixado a idosa mãe, a mulher e um filhinho. Só teve noticias delles depois dos famosos feitos de Angostura e Lomas Valentinas, mas só poudo obter permissão de regressar á patria e de ir abraçar os seus *tecobé* (vida) depois do desfecho do drama sanguinolento do *heraquandai* (malafamado) Lopes no dia 1º de Março de 1871 em Aquidaban.

Era um pobre paraguayo, com tudo bem instruido, e muito em comparação dos nossos matutos, si bem que elle não passasse tambem de um matuto de Villa-Rica.

Aqui vae para ser examinado o REZO que me deu o bom Cañol e mais um que ouvi de outro prisioneiro; do segundo não apanhei o *Signal da Cruz*.

EL PERSIGNARSE EN LA LENGUA DE GUARANI

« Curuzú marangatú raangá rupi † ore muātā reĩ
 « mbaragüi † ore repĩ pe Señor, Tupā oreyara † Tuba,
 « hae Taĩra, hae Espiritu Santo rerape. Taupeicha
 « catú..

EL PADRE NUESTRO

« Ore Ruba pabê ereyba ybape; toyerecó nde rera
 « marangatú imbuetepĩramo hae hialaba pĩramo. Ei
 « ore pĩpe nde gracia rupi hae upegüi emeê orebe nde
 « gloria. Toyeyapó nde rembipotá co ïbĩpe ybape
 « guaychabe. Emeê orebe anga opá arape ere meêba
 « yepi opa tecomêbêba o sustenta baerâ ore rete hae ore
 « anga; hae ore perdona opa ore culpas hae penas
 « rodebaba hesecuera, orecuera oro perdona haychabe
 « orebe o debebape, hae ani ere permiti oroá tentacion
 « pĩpe, mas ore repĩbe catu ïbaybagüi. Taupeycha
 « catú.

2º PADRE NUESTRO

« Ore ruba, reima ybape, i-mboeté-pĩ nde rera; touĩ
 « orébe nde reino; iyapó ne voluntá ïbaga-pe upeicha
 « ybĩpe. Ore mbuyape cada ara gua e meê oreve anga,
 « hae perdona oreve ore deudas oré ro perdona haichá
 « abé oré devehár. Ha ani oré reyar roá mbaé baĩ-pe,
 « hae oré livra mbae-baĩ gui.

Escusa repetir considerações sobre vocabulos que já foram vistos até aqui, como *curuzú* cruz, *marangatú* sancta, *raangá* signal, *oré* nos outros, *Tupā* Deus, *tuba* pai, *hae* e, *taĩra* filho, *rera* nome etc. A posposição *rupi* já vimos, e aqui se tem de notar apenas que ella está empregada onde e quando em geral usavam de *rehé*.

Em *muatar-eỹ-mbára* temos o participio negativo do v. trans. *mboatar* fazer andar, guiar, encaminhar, donde resulta o significado *mboatar-eỹ-mbára* os que desencaminham, os desencaminhadores. O suff. *hár* se torna *mbar* por influencia dos sons que precedem.

Oré repi pe Señor, Tupã oré yara nos livra tu senhor, Deus nosso senhor. Vem em qualquer vocabulario o v. trans. *tepy* ou *hepy*, vingar, pagar, e tambem livrar, libertar. No imperativo com paciente de 1ª pessoa e agente da 2ª dir-se-hia em regra *oré repy epé* nos livra tu, e ali se vê *pe* por *epé*.

Ta-upe-icha catú, amen, ou «assim seja». Aqui temos novidade maior em *upé* e *ichá* muito usados hoje pelos paraguayos e que de certo correspondem ao antigo *ipó* e *ijáb*, o que se evidencia logo que se analysa a phrase paraguaya em cada caso em que se apresentam essas dicções e se lhes attribuem as significações verbaes geraes por haver (*y'avoir* francez) *yáb* caber, convir, ser conveniente, opportuno etc. *Ta* prepositiva do subjunctivo, é tambem adv. significando «sim» e a phrase *ta ipó ijab* é de perfeita construcção e puro abañeenga para se dizer «que elle haja (seja) como elle convem, ou, o que convem. Este *upé* paraguayo moderno tem ainda por vezes em outras phrases o emprego e valor do *aipó* antigo, como demonstrativo, o que prova a derivação de *pór*. Quanto a *ichá* serve para mostrar que tive razão em adoptar *i* para representar a semi-consoante que o Sr. Dr. Couto de Magalhães quer que seja sempre *i*; o *j* é sem duvida alguma o character proprio para representar em linguas oriundas do latim os sons equivalentes *ia, ña, já, cha*, os quaes embora distinctos, pelo menos se confundem e se alternam na pronuncia.

No Pater temos: *pabē* adj: todos» posposto ao substantivo e significando *ore ruba pabē* nosso pai de todos, ou antes nosso pai á uma, por juncto, emfim.

Na primeira formula *erej̄ ba yba-pe*, na segunda *reima yba-pe* se equivalem, e corresponde o participio ao antigo *re-ĩ-mbae* que não obstante ser participio notamos que era conjugado com pronomes pessoas. N'outro logar tambem já se notou que o suffixo *bae* tornou-se no Paraguay *ba*, *ma*, *va* e no tupi do Amazonas *ua*.

I-mboeté-pĩ nde réra da 2ª formula já foi examinado e confere com outras formulas, faltando-lhe porém a syllaba final de *py* e o verbo *toikó* no permissivo. Esta oração na formula do Cañol differe inteiramente e é mui longa: *to-je-rekó nde réra morangalu i-mboete-pyramo hae hi-alaba-pyramo* seja tractado teu nome sancto como o que é engrandecivel e louvavel» bem ao pé da lettra, pois tal é o torneio da phrase, quando se attende ao verdadeiro valor das part culas. *Rekó* tractar, *je-rekó* tractar-se ou ser tractado, *to-je-rekó* tracte-se ou seja tractado (no permissivo, ou no imperativo), *nde-rera-morangutu* teu nome bom ou sancto; *i-mboeté-pyramo* é um participio passivo figurando de verbo mediante a posposição de subjuntivo *ramo* como, si, quando» e com a força do *ut* latino; assim *mboeté* engrandecer, *i-mboeté-pyr* o que engrandecido ou engrandecivel, levado ao subj. pela pospositiva *ramo* dá o sentido que apresentamos. No mesmo caso está o dizer *hi-alabá-pyramo* formado pelo vocabulo *alaba* louvar (do hispanhol). Convem notar aqui o pronome *hi* equivalente a *i*, *ij*, *iñ*, *h* antigos que mais modernamente se apresentam com frequencia na formc *hi*, o que prova ainda a correspondencia de *i* e *h* como o mesmo pronome.

Toú orebe nde reino, venha a nós o teu reino» da segunda formula, não carece de mais explicação. Não é assim a do Cañol. Eu disse algures que com o verbo *é* dizer» podia-se fazer um vocabulario do abañeenga bastante rico de dicções, e com effeito entre os variadissi-

mos empregos e significações do verbo é dizer (o qual gera nomes, advérbios, conjunções etc.) ahí está um exemplo na formula presente: *ei oré pype nde gracia rupi, hae upe-gui e-me: oré-be nde gloria*, dize em nós falla em nós com a tua graça (por meio da tua graça) e disto (por isto) dá á nós a tua gloria. Apesar de estar muito hespanholizada esta phrase; só por causa do emprego característico dos dois verbos é dizer, *meeng* dar, e das posposições tem-se nella uma feição inteiramente diversa do hispanhol. Aqui temos *upe* (de que se tractou pouco antes) no character de pronome regido de *gui*. Escusam explicações as outras dicções, inclusive os vocabulos *gracia* e *gloria* hispanhóes.

Corresponde o dizer da 1ª formula *to-jej-apó nde rembi-potá ko yby-pe ybá-pe gua-ichá-bé*, com o da 2ª *ij-apó ne voluntá ybaga-pe upe-ichá yby-pe*. Menos proprio que o verbo *mbo aijé*, *mbokatu* ou outro, acho o verbo *apó* aqui empregado em ambas as formulas; *apó* significa fazer, mas «fazer, operar com a mão, manear» e no *seja feita a tua vontade* está *fazer-se* no sentido de *cumprir-se*. Quanto ao mais *to-jej-apó* no permissivo ou imperativo é regular e *ij-apó* no infinitivo irregularissimo; no primeiro caso em vez de *je=ñe* vê-se *jej=ñej* onde o *j* será apenas euphónico. Na segunda formula vê-se *ne voluntá* (á hispanhola) em vez de *ne remi-mbotá* ou *nde-rembi-potá*.

Agora as duas formulas differem na collocação, e nas dicções ou pelo menos no modo de as dizer. A 1ª diz: faça-se a tua vontade *ko-yby-pe* nesta terra, *ybá-pe guaichabé* no ceu isto como também, pois *guaichabe* corresponde a *ko ã icha bé*; na 2ª está: faça-se a tua vontade *ybaga-pe* no céu, *upe ichá* isto como, *yby-pe* na terra. Além disto o substantivo, *ybag* se contraíu em *yba-pe* na 1ª e está com a syllaba final em *ybaga-pe* da 2ª.

No que segue ainda differem collocação e dicções. Na 1ª formula vem: *e meē ore-be anga* tu dá á nós agora, *opá drape ere-meēba yepi*, em todo dia (todos os dias) o que tu dás sempre, *opá tekótēbēba* (*pe* em) todas as necessidades, *o sustentá-baerā* o que deve sustentar, *ore retē hae oré ánga* nosso corpo e nossa alma; menos o v. *sustentá* todas as outras dicções são do abañeenga, mas já não tanto a collocação; demais o participio do suff. *bae* está *ba* em *meēba* e *tekotēbēba* (onde falta a posp. *pe*) e adiante está exacto no futuro *baerā* apposto á verbo hispanhol. A 2ª formula aproxima-se á uma tupi que já vimos, dizendo quasi á hispanhola ou portugueza: *oré mbuyapé*, o nosso pão, *cada ara gua* de cada dia *e meē* tu dá, *orebe* á nós, *anga* agora.

Muito recheadas de vozes castelhanas seguem agora ambas differindo em diversas cousas. Na 2ª mais breve diz-se: *hae perdoná orebe ore deudas* e perdoa a nós (com dativo) as nossas dividas, *oré ro-perdoná haichá* nós perdoamos tal e qual, *abé* tambem, *oré deve-hár* os nossos devedores (cumpre accrescentar *upé* posp. de dativo, pois assim está *orébe* no primeiro membro); demais aqui se acha a agglomeração dos pronomes *oré* e *ro* como usam actualmente quer no Paraguay, quer no Amazonas. O dizer da 1ª formula é mais longo:

Hae oré perdona e nos perdôa (*nos* em accusativo) *opá ore culpas* todas as nossas culpas, *hae penas* e penas, *ro debeba* que nos devemos (participio de suffixo *bae*, conjugado com pronomes agentes) *hese-kuera* aos outros lá, *orekuera* nos cá, *oro perdoná* nos perdoamos *ha-ichábe* tal e qual tambem, *oré-be o-debeba-pe* aos que á nós devem; o dativo «á nós» é *oré-be* e o dativo «aos que» está no participio *o-debeba* regido de

pé. Note-se o emprego de *kuéra* (suffixo de tempo preterito) como determinativo (digamos) de especie: *ae-kuera* elles lá, *oré-kuera* nos cá, *hésekuéra* á elles lá (em dativo), Isto era muito usado no tupi e guarani antigos, mas pouco apparece nos catechismos e rezas.

Na 1.^a formula: *hae ani ere permiti* e não tu permittas (com o verbo hispanhol;) na 2.^a *ha ani oré-rejar* e não nos deixes; *orod* na 1.^a, *rod* na 2.^a nós cahirmos; na 1.^a *tentation pype* em tentação, na 2.^a *mbaé-mbaï pé* em cousa má; *mas ore repy-bé katu*, mas nos livra mais bem na 1.^a, *hae ore livra* e nos livra, na 2.^a; *ybaïbagui* na 1.^a, *mbae baïgui* na 2.^a, de cousas más. A copulativa *hae* apresenta-se tambem *ha*; *rod*=*orod* são irregulares com o pronome agente no infinitivo; devia ser *oré á*; *ybaïba* é má escripta de paraguayano em vez de *mbae-baïba*, e este *baï* corresponde ao *aïb* do Tesoro.

A negativa *ani* no indicativo não se acha nos dizeres antigos e corresponde ao *inti* do Amazonas como já se viu; *ani* no dizer antigo é negativa absoluta, e não como *nd* prefixo e *i* suffixo de verbos.

As dições hispanholas que estão n'uma ou noutra formula, como se vê, são agglutinadas á determinativas do abañeenga como se fossem themas da propria lingua.

A phrase final *taupeicha catú* ja vimos no *per signum crucis*.

O que temos visto até aqui não auctorisa á que se considerem como dialectos differentes o guarani e o tupi. A differença maior e essencial está na orthographia, isto é, na representação dos sons ao orgão da vista. Si assim fosse tambem não seriam em portuguez os gaiatos versos do poeta santista:

Em giria de preto:

Mia sinhára, ieu ána renegáru

Cu amôru qui pinica mia pêtu,

Sinhára já no rembra sua prêtu,
Na verári, querê bem cússa cáru.

Em giria de gallego :

Devaixo du altu pinhu alubantadu.
Ufa xésta passei munto á savôri,
Pois nos vracos da minha Liunôri
Bia cumer la yerba e andar lu gadu.

Corrija-se a orthographia e tem-se nesses impaga-
veis versos bom portuguez e bem correcto.

Que se diga que o paraguayano moderno, e o tupi do Amazonas são dialectos da antiga *lingua geral* já ha razão de ser, pois que não só em um e outro ha grande introducção de vocabulos estranhos, mas ainda, o que é mais essencial, já a construcção varia. Entretanto como vimos, no meneio da phrase ha sempre tendencia de adaptar-se ella ao genio da lingua geral mediante as particulas demonstrativas collocadas á maneira antiga.

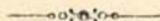
Conforme o que se acabou de vêr, realmente o tupi antigo não pôde-se considerar differente do guarani á ponto de se suppôr um delles dialecto do outro. Os pronomes e os vocabulos são os mesmissimos com a differença apenas de um ou outro vocabulo muito raro, usado aqui mais do que alli; os verbos *teco* e *ten* existem em tupi, tanto como em guarani e a differença unica é que o 1º é mais usado em tupi com a significação de «ser ou estar» e o guarani emprega ambos.

Que se digam dialectos do antigo abañeenga o guarani moderno fallado pelos paraguayanos, e os dialectos tupis fallados por diversas tribus do Amazonas, de Matto-Grosso e de Goyaz, é admissivel; e ainda assim são dialectos ainda tão pouco desviados da fonte commum, que em relação á ella podem ser comparados com os diversos latins barbaros da media idade em relação ao latim.

Tambem se póde reputar dialecto o omágua, no qual já ha mais profunda alteração phonetica, e differença de vocabulos, dos quaes grande numero é evidentemente de origem kechua. Delle temos poucos specimens e não seria fóra de proposito examinarmos o seu PATER NOSTER, que vem no Mithridates sob o n. 395 das formulas alli collegidas. Como porém, para melhor discutl-o seria preciso tambem examinarmos o succinto vocabulario que ali vem transcripto, convém guardar esse exame para artigo especial que naturalmente será de dimensões iguaes a do que aqui fica concluido.

Não se formulou lei alguma, deduziram-se os factos; discutidos elles, concatenadas as alterações phoneticas e os significados conforme o uso mais ou menos geral de certas dicções, chegar-se-ha á determinação dos radicaes e então se deduzirão as leis de variação phonetica que fazem parecer diferentes vocabulos originarios da mesma fonte.

Baptista C. A. Nequeira.



NOTA

Já estava no prélo este escripto, quando me obsequiou o muito erudito e distincto Sr. Dr. K. Henning com tres formulas do PATER NOSTER extrahidas, creio que, de uma collecção italiana sob ns. 11, 12, 13. A de n. 11 quasi nada differe da que se acha na pag. 120 sob n. 337 do Mithridates; as outras duas são as que seguem.

« Nella mentorata raccolta com notabile sbaglio si mette sotto il nome di lingua Messicana la seguente orazione, ch'è di um dialetto Guarani, e che si legge ancora nel tesoro delle lingue del Duret al capitolo 79 e dice così.

Ore-rure ubaepe ereico :

Toicap pavemga tu ava :

Ubu jagatou akuovae.

Charai bámo derera reco oreroro leppe vaepe toge mognanga dere mipotare ubape vaepe ige monangiave.

Ara ia vion ore remiü zimeeng cori oreve :

Deguron oreve ore comemoa sara supe ore giron jave :

Epipotarume aignang ore rememo auge.

Pipea paucm gne ba ememoare ore xui.

L'ortografia di questa orazione è francese, e non esprime bene la pronunzia Guarani: e però sembrano troppo sfigurate le parole Guarani, bench n'ho corrette alcune lettere.

No 13, Altro dialetto Guarani.

Ore-ruba ibabe ereibae :

Ikuaabipiiramo nderera marangatu toico :

Tou ndereco marangatato orebe :

Tiyaye nderemibotara guie ibipe ibape iyayeyabe,

Ore-rembiu aranabo-guara emce curi orebe :

Ndeñiro ore angaibaba rupé, orereco menguahàra upe oreñiro nunga yabe hae :

Epoitareme angaipaba pipe orea nde catu :

Ore piciró epé embae pochi gui.

A formula n. 12 é a inculcada mexicana que vem na pag. 125, e as pequenas differenças que tem não merecem ser apontadas. A de n. 13 é uma das formulas guaranis mais alterada. Ahi se vê *ibabe* em vez de *Ybape*, *marangatato* por *marangatú*, *guie* em vez de *guie*, *rupé* em vez de *upe*, *embae* em vez de *mbae* e *pochi* por *pochi*. O mais notavel porém é vir em vez de *i mboje-robiari-piramo* para significar «louvado seja» *i kuaabipiiramo*.

O verbo *kuaáb* significa «saber, conhecer» e portanto *i kuaabipiiramo* quer dizer «seja conhecido».

Na penultima phrase tem demais *nde catu* (tu bom) no fim. A ordem das phrases tambem está alterada.

